



Exposição de astronomia
com observações do céu,
experiências,
debates e teatro

2001 Odisseia na Atalaia

 festa!

Págs. 15 a 18

Agostinho Lopes no Couço

Devastação indescritível

«Só a rápida intervenção do Estado pode minorar os prejuízos no Couço», sublinha Agostinho Lopes, membro da Comissão Política do CC do PCP, na sequência de uma visita à região.

Pág. 7

Preços do melão

Vidas em saldo

O melão do Ribatejo está saboroso, mas o ano é negro para os seareiros de Alpiarça. Só conseguem vender pela metade do valor do que custa a produção. Os comunistas levam o drama à AR.

Pág. 11

Círculos eleitorais

Emigrantes sem resposta

O PCP preocupado com os atrasos que se verificam na organização do processo para a eleição do Conselho das Comunidades Portuguesas, a realizar em Novembro próximo.

Pág. 6

56 anos depois de Hiroshima

Perigos persistem

Na altura em que se cumpre mais um aniversário sobre o lançamento em Hiroshima da primeira bomba atómica, o PCP associou-se «a quantos, no Japão e por todo o mundo, assinalam a trágica efeméride», alertou para a persistência do perigo nuclear e denunciou o facto de os Estados Unidos continuarem a recusar a abolição de tais armas.

Pág. 5



Avante!
Proletários de todos os países
UNI-VOS!

PROPRIEDADE
Partido Comunista Português
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 38 00

ADMINISTRAÇÃO
Editorial «Avante!», SA
Av. Almirante Reis, 90,
7.ª-A, - 1169-161 Lisboa.
Capital social:
15 000 000\$00.
CRC matriculada: 47058.
NIF - 500 090 440

DIRECÇÃO E REDACÇÃO
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 71 90/91
Fax: 21 781 71 93

E-mail:
avante.pcp@mail.telepac.pt
Web:
http://www.pcp.pt

Director
José Casanova

Chefe de Redacção
Leandro Martins

Chefe Adjunto
Anabela Fino

Redactores
Carlos Nabais
Domingos Mealha
Gustavo Carneiro
Henrique Custódio
Isabel Araújo Branco
João Chasqueira
Lúgia Calapez
Margarida Folque

Grafismo
José Araújo

Fotografia
Jorge Caria

Secretaria da Redacção
Ivone Dias Lourenço
Noémia Presúncia

DISTRIBUIÇÃO
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial Avante!
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

Alterações de remessa
Até às 17 horas
de cada sexta-feira:
Tel. 218 429 836

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTAPRESS
Delegação Lisboa:
Tapada Nova - Capa Rota
Linhó - 2710 Sintra
Tel. 21 923 99 21
Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lt. 227 - 4470 Maia
Tel. 22 941 76 70

ASSINATURAS
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

TABELA DE ASSINATURAS*
(IVA e portes incluídos)

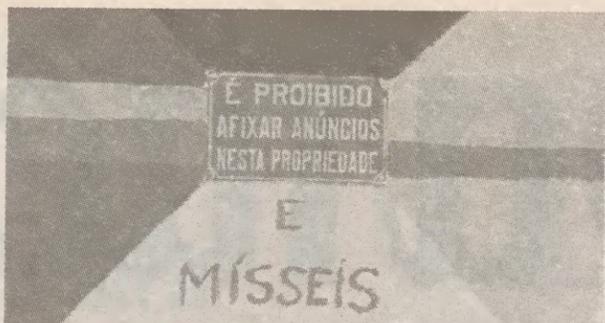
PORTUGAL
(Contínente e Regiões
Autónomas)
50 números: 9 000\$00
25 números: 4 600\$00

EUROPA
50 números: 23 000\$00

EXTRA-EUROPA
50 números: 33 000\$00

*Enviar para
Editorial «Avante!»
nome, morada
com código Postal
e telefone
a acompanhar cheque
ou vale de correio.

Composição e impressão
Heska Portuguesa, SA
Campo Raso
2710 - 139 Sintra
Depósito legal n.º 205/85



PCP alerta para novos perigos nucleares

Resumo

1 Quarta-feira

Realiza-se o funeral do Marechal Costa Gomes, acompanhado por numerosas personalidades políticas e por populares, da Basílica da Estrela para o talhão dos combatentes, no Cemitério do Alto de São João, em Lisboa ● Tem início a 63.ª edição da Volta a Portugal, na qual os atletas portugueses são ultrapassados em número pelos corredores espanhóis ● Durão Barroso chega a Timor, onde recebe o apoio de Xanana Gusmão e de Ximenes Belo para o seu encontro com Ali Alatas ● O Ministério do Interior italiano conclui que se registaram «abusos» e «erros» por parte das forças de segurança na repressão às manifestações de Génova ● A Câmara baixa do Congresso dos EUA proíbe a clonagem humana.

2 Quinta-feira

João Jardim afirma ser sua intenção sanear jornalistas da RTP/Madeira, uma vez assumida a tutela, pelo Governo Regional sobre a empresa ● Ministério Público acusa Vale e Azevedo, antigo presidente do Benfica, de 15 crimes - 14 de peculato e um de branqueamento ● O Presidente da República usa pela primeira vez neste mandato o veto político e devolve à Assembleia da República um decreto do Governo que coloca as escolas de enfermagem sob a tutela do Ministério da Educação.

3 Sexta-feira

Ministro das Finanças anuncia uma série de iniciativas para o sector, para «recuperar a confiança dos agentes económicos» ● Tem início em Edmonton, no Canadá, os Mundiais de atletismo, na sua 8.ª edição, pela primeira vez a realizarem-se no continente americano ● Ministério do Interior italiano demite chefias policiais, reconhecendo «excessos» cometidos e recusando responsabilidades na repressão de Génova ● O ex-presidente Wahid regressa à Indonésia após uma semana passada nos Estados Unidos onde alegadamente se deslocou para tratamento ● A justiça peruana lança mandado de captura internacional contra Fujimori, refugiado no Japão, país que recusa a entrega do ex-presidente.

4 Sábado

Três crianças, que se encontravam sozinhas em casa por os pais se terem ausentado para fazer compras no mercado, morrem num incêndio em Valhelas, no concelho de Torres Novas ● Em entrevista ao

Expresso, Manuel Monteiro admite a criação de um novo partido de direita ● Realiza-se num hotel de Lisboa, uma sessão comemorativa do aniversário de Savimbi, a quem Santana Lopes fez questão de enviar mensagem de felicitações ● Exército israelita dispara mísseis contra caravana onde seguia o dirigente da Fatah, Marwan Barghouthi ● Kim Jong-il, chefe do Estado norte-coreano, visita Moscovo, onde é recebido pelo seu homólogo russo, Vladimir Putin.

5 Domingo

Carla Sacramento é apurada para a final nos 1500 metros, nos Mundiais de Edmonton ● Um dirigente da FLEC/FAC, Liberal Nuno, pede perdão em Fátima aos portugueses recentemente libertados e que aquela organização deve como reféns durante ano e meio ● Prossegue a violência no País Basco, com mais um atentado atribuído à ETA e que faz três feridos ● Termina o prazo marcado para os acordos de 1998, sem que o IRA tenha dado resposta às propostas de Londres e de Dublin no sentido de proceder ao desarmamento ● No Afeganistão, os talibãs fecham uma organização não governamental e prende os seus funcionários, acusados de «propagar o cristianismo».

6 Segunda-feira

Em conferência de imprensa a propósito do aniversário de Hiroshima, o PCP denuncia a persistência dos perigos da corrida aos armamentos ● A direcção do CDS/PP, com o silêncio de Paulo Portas, reage às declarações de Manuel Monteiro e acusa-o de «minar o caminho» do partido ● Ministro da Economia, Braga da Cruz, declara aceitar a entrada de capital espanhol em empresas portuguesas a privatizar ● A Fatah defende a necessidade da formação de um governo de unidade nacional palestiniana, dirigido por Arafat, e que inclua organizações como o Hamas e a Jihad Islâmica.

7 Terça-feira

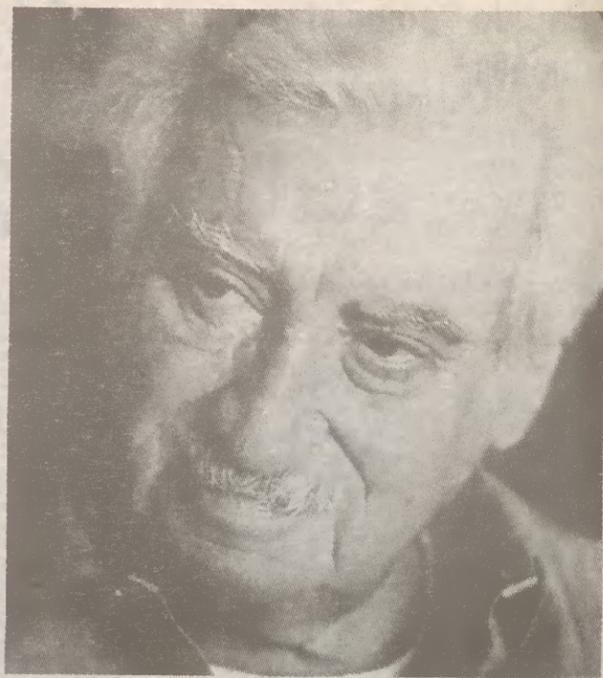
Morre Jorge Amado, o escritor brasileiro cuja obra, inspirada em valores humanistas, alcançou grande repercussão em todo o mundo ● Acusado de vários crimes de peculato, Vale e Azevedo recolhe aos calabouços da Polícia Judiciária onde ficará a aguardar julgamento ● Polícia macedónia abate cinco terroristas albaneses do UCK, em Skopje ● O ginecologista italiano Severino Antinori anuncia oficialmente um plano de clonagem humana.

Aconteceu

A «invasão dos mouros»

Ainda se não desvaneceram os ecos da feroz repressão que, em Génova, o governo de direita de Berlusconi lançou sobre os manifestantes contra a globalização capitalista - e hoje procura lavar as mãos despedindo responsáveis menores pelas atrocidades a que chamou «abusos» - e já noutro país da União Europeia, também governado pela direita, se dá exemplo dos dois pesos e duas medidas de que os representantes do capital são capazes. Foi em Espanha, na passada quinta-feira, que o governo de Aznar autorizou uma manifestação convocada pelos «extremistas» da Democracia Nacional. Esta organização, que os jornais

apontam como «amiga» da Frente Nacional francesa de Le Pen, promoveu, em toda a liberdade, uma manifestação contra a «invasão dos mouros» e exigiu do município de Cuenca a expulsão dos imigrantes que constituem 25 por cento da população da terra. Não está em causa o fracasso da iniciativa - afinal apenas 150 pessoas estiveram lá a ver as três dezenas de neonazis, as suas stácticas e os seus insultos racistas. A forte representação policial não teve oportunidade de agir. Porque os imigrantes se mantiveram afastados do lugar. Se não, a Guardia Civil e os destacamentos da polícia local e nacional não teriam mãos a medir.



Morreu Jorge Amado

Exemplo raro de um grande escritor do século XX que encontrou um numeroso público no mundo inteiro quando era difícil a um romancista latino-americano ultrapassar as fronteiras da dominação linguística, Jorge Amado concluiu a sua longa carreira literária na madrugada de terça-feira, ao falecer com 88 anos de idade. Autor de numerosos romances, Jorge Amado, que era natural do Estado da Baía e a ele permaneceu fiel, começou

a trabalhar em jornais com 14 anos e concluiu os estudos universitários na Faculdade de Direito em 1935, nunca exercendo a advocacia. Militante comunista na juventude, foi eleito deputado do PCB pelo Estado de São Paulo em 1945 e viveu por várias vezes o exílio. Estreou-se literariamente em 1931 com o romance *Pais do Carnaval*. Entre os numerosos romances que escreveu, destaque para *Capitães da Areia*, o mais vendido de sempre,

e que permaneceu como um exemplo do empenhamento social e político do escritor; e para *Gabriela Cravo e Canela*, provavelmente o mais popular dos seus trabalhos. Ao longo da longa carreira, Jorge Amado recebeu 32 prémios, nomeadamente o Prémio Stalin, na URSS, em 1951. As 45 obras deste autor estão traduzidas em 50 línguas e contam um total de 20 milhões de exemplares publicados.

Ameaças de Jardim

Encarado por muita gente como um inofensivo bobo da política, Alberto João Jardim, presidente do Governo Regional da Madeira, que tem beneficiado da benevolência institucional dos sucessivos governos e do próprio Presidente da República, prossegue na sua campanha de ameaças e de provocações separatistas. Agora saiu-se com a ameaça de saneamento dos jornalistas da RTP-Madeira, primeira medida a tomar logo que, como anunciou ser sua intenção, vier a «assumir a tutela do centro regional da RTP». Embora o secretário de Estado da Comunicação Social, Arons de Carvalho, desminta negociações entre o Governo da República e o governo regional sobre a matéria, não são de excluir cedências, a que Guterres já habituou o País. A direcção regional do Sindicato dos Jornalistas já reagiu contra a tentativa de intimidação de Jardim.

As desavenças do PP

Aproveitando o enalorado tempo de férias, o facto político da semana terá sido o anúncio, vestido de ameaça, da formação de um novo partido de direita - como se já não bastassem os que existem. No entanto, as ambições de líder de Manuel Monteiro, apeado do CDS/PP pelo seu ex-amigo Paulo Portas, exigem um partido à sua medida. Foi mais ou menos esta a mensagem que Monteiro deixou em entrevista ao *Expresso*: ou o partido se molda ao projecto de Monteiro ou Monteiro faz outro onde possa mandar. Disse ele: «Acho que há todas as condições para reconstruir o PP no sentido de ser o porta-estan-



A «vuelta» a Portugal

Os atletas portugueses são largamente minoritários nesta 63.ª edição da Volta a Portugal

em bicicleta. Com efeito, à partida, na passada quinta-feira, os espanhóis eram os mais numerosos no pelotão - 71 corredores - contra os 41 portugueses. Contavam-se ainda 21 italianos e uma numerosa participação de atletas de outras 15 nacionalidades. As primeiras etapas destes 2018 quilómetros de prova, deram, desde logo, a vitória ao espanhol Constantino Zaballa, que envergou a camisola amarela e não se mostrou disposto a despi-la na segunda etapa. A primeira classificação por equipas dava também o primeiro lugar à Kelme/Costa Blanca, com a Porta da Ravessa a 17 segundos. Mas ainda falta muito quilómetro.



Crónica Internacional

• Manuela Bernardino

PAZ

bem inalienável

O lançamento da primeira bomba atómica, pelos EUA, sobre Hiroshima (e, passados dias, sobre Nagasaki) constitui um dos mais hediondos crimes contra a Humanidade, que ficará para sempre na memória colectiva dos povos como uma página negra da História do século XX. Ao passar mais um aniversário sobre esse trágico acontecimento, é oportuno evocar as circunstâncias em que ocorreu e as dramáticas consequências que originou. E é, sobretudo, indispensável alertar para os actuais e reais perigos para a paz que decorrem da política militarista e agressiva do imperialismo, avolumados pela crise económica e financeira mundial do capitalismo, pelas suas contradições e rivalidades e pelo ressurgimento do racismo e do fascismo. E ter, particularmente, presente o processo de expansão da NATO e o seu novo conceito estratégico, o avanço da militarização da U.E., o Tratado de Segurança Nipo-Norte-Americano, destinado a

Denunciemos o perigoso caminho do militarismo

intervir na Ásia. O militarismo é hoje componente essencial aos projectos de domínio dos EUA. A prová-lo, aí temos a insistência no Sistema de Defesa Anti-míssil (vulgo “guerra das estrelas”) e as permanentes tentativas de revisão do Tratado de Controlo das Armas Nucleares (ABM),

que se desenvolvem no quadro da presente política imperialista de “ingerência humanitária” e da revisão e subversão do direito internacional.

Hiroshima foi destruída num escasso lapso de tempo. O “teste” da bomba atómica custou, de imediato, a vida a cem mil habitantes da cidade e deixou outros tantos à beira da morte ou com lesões para toda a vida. Os efeitos das radiações reflectiram-se nas gerações seguintes, até aos nossos dias. O mesmo sucedeu em Nagasaki. A argumentação oficial norte-americana – a utilização da bomba atómica

visava obrigar o Japão à rendição – não tinha qualquer justificação. É bom lembrar que a segunda Guerra Mundial estava a chegar ao fim. A Alemanha nazi fora derrotada três meses antes e o militarismo nipónico estava virtualmente condenado. Então porquê cometer tal crime? E porquê sobre “alvos” civis? Teriam sido, já então, “efeitos colaterais”?



raibis”? A verdade foi outra, ontem, como hoje. Tratava-se de garantir a nova ordem mundial do pós-guerra contra o “perigo vermelho”. Os EUA, única potência que tinha então a arma atómica, quis afirmar a sua hegemonia e as suas pretensões de domínio mundial.

Seguiram-se décadas de acelerada corrida aos armamentos. Novas e sofisticadas armas de destruição massiva foram produzidas. A URSS viu-se obrigada a desviar grandes recursos nessa direcção. Mas, pela própria natureza pacífica do socialismo, empenhou-se, simultaneamente, na luta pelo desarmamento. Avanços significativos foram alcançados e suportados por um amplo e poderoso movimento mundial pela paz. Chegou a abrir-se a perspectiva de banir as armas nucleares da face da Terra. Porém, a desagregação da URSS não só liquidou essa possibilidade como não permitiu que o mundo se tornasse mais pacífico. Os EUA, com base na teoria da dissuasão nuclear, e da não recusa à utilização em primeiro lugar da arma nuclear, avança com a “guerra das estrelas”, visando criar um “chapéu de chuva” que impeça qualquer resposta a um ataque nuclear norte-americano. Vivemos um período em que se acentua o carácter belicista do imperialismo, enquanto se desenvolve a ofensiva ideológica, baseada na mais torpe desinformação, para justificar esta nova fase de corrida armamentista. Com Bush e os interesses do complexo militar-industrial a andarem de mãos dadas.

Não podemos, pois, cruzar os braços. Não podemos aceitar como fatalidade que os EUA continuem a querer impor ao mundo os seus ditames. Rejeitemos a ameaça nuclear. Denunciemos o perigoso caminho do militarismo, do intervencionismo e da guerra. A ele contrapomos o esclarecimento, a mobilização e a intervenção num amplo movimento em defesa da paz. Como bem inalienável da Humanidade.

Editorial

VENHAM MAIS VINTE E CINCO...

Com a certeza de que nos repetiremos, de que tudo o que aqui fica escrito hoje já foi – desta ou doutra forma – escrito em anos anteriores, falamos, mesmo assim, da Festa.

Da próxima, é claro, mas, inevitavelmente também, das vinte e quatro que a antecederam. E, ainda inevitavelmente, das que se lhe sucederão. Porque falar de cada edição da Festa do «Avante!» é falar de todas as já realizadas e por realizar.

Da nossa Festa podemos dizer, sem jactâncias mas com enorme orgulho, que é a mais bonita e a maior, a mais alegre e a mais fraterna, que é incomparável – porque só é comparável consigo própria – e que, por tudo isso, não há festa como esta.

Concebida e construída na base de uma muito específica e singular conjugação de esforços, de dedicações, de vontades, de experiências, de saberes, a Festa do «Avante!» é, todos os

colectivo visando o reforço orgânico, social, político e eleitoral do Partido – e, neste caso, tendo presente a importante batalha das autárquicas visando o aumento da influência da CDU. Por tudo isso, na Festa estarão presentes – este ano como sempre – o Partido e o País, ou seja: os problemas e anseios dos trabalhadores e do povo e as propostas e os caminhos da luta visando a resolução desses problemas.

Nascida na antiga FIL dois anos após o 25 de Abril, a Festa do «Avante!» impôs-se, desde logo, como o mais importante acontecimento político-cultural do País; afirmou-se como um espaço novo e único de convívio, de debate, de cultura, de desporto, de alegria, de camaradagem, de solidariedade; confirmou o papel insubstituível da militância consciente, activa e determinada; mostrou que só um partido fortemente ligado aos interesses dos trabalhadores, do povo e do País, sustentado em sólidas raízes populares, está em condições de erguer e dar continuidade regular a tão relevante iniciativa. E é neste conjunto de factores que reside o segredo da força e do prestígio crescentes da Festa, visíveis em todo o processo de construção e no ambiente que ali se vive durante os três dias da sua duração, no seu carácter de massas, na dimensão cada vez maior da sua vertente juvenil.

Foi tudo isto que permitiu à Festa responder com êxito a todas as tentativas – e muitas foram e muito fortes – de a liquidar. Da FIL ao Vale do Jamor, ao Alto da Ajuda, a Loures, ela não só resistiu a todos esses ataques como cresceu e conquistou um espaço próprio – a Quinta da Atalaia, adquirida graças a uma campanha nacional de fundos bem elucidativa do lugar que a Festa ocupa no coração de milhares e milhares de pessoas, comunistas e não comunistas – onde, de ano para ano, ao longo dos últimos anos, tem vindo a embelezar-se, a transformar-se num local cada vez mais funcional e aprazível, na Festa à qual cada vez mais apetece ir... e voltar no ano seguinte.

Festa do órgão central do PCP, a Festa do «Avante!» é, em primeiro lugar e por isso mesmo, a Festa dos comunistas, a Festa do Partido. Mas é mais, muito mais do que isso: tal como o Partido intervém e age e luta em defesa dos interesses e direitos dos trabalhadores e do povo – e procura atrair a essa luta muitos e muitos homens, mulheres e jovens que, não sendo militantes comunistas, se identificam com esses objectivos, também a Festa é, como todos os anos vemos, um ponto de encontro de militantes e não militantes comunistas, um espaço amplo e aberto a todos os que queiram fazer também sua a nossa Festa.

Comemoramos, então, neste ano de 2001, a 25.ª edição da Festa do «Avante!». E juntamos a essa comemoração, como não podia deixar de ser, as do 80.º aniversário do PCP e da Juventude Comunista, dos setenta anos de vida do «Avante!», do centenário do nascimento de Bento de Jesus Caraça. Tudo razões bastantes para que, no próximo dia 9 de Setembro, saíamos da Atalaia gritando: venham mais vinte e cinco... e sabendo que assim será.

“A Festa à qual, cada vez mais, apetece ir... e voltar no ano seguinte”

anos, uma demonstração concreta da força do trabalho colectivo, da militância activa, da tenacidade e da persistência, da criatividade e da cultura, da alegria e da amizade, da solidariedade e da luta – de todo o vasto conjunto de referências e de valores que existem no PCP, que são motor essencial da sua actividade e que, justo é sublinhá-lo, não existem em nenhum outro partido político no nosso país.

Ninguém duvida – nem mesmo os que fingem não o notar – que a Festa do «Avante!» é um marco incontornável do calendário político nacional e, nomeadamente, do calendário da luta, de que ela é parte integrante.

Iludem-se os comentadores e analistas que, por comodidade ou vocação, pretendem meter a Festa do «Avante!» no saco largo daquilo a que chamam a *rentrée* – artifício com o qual os restantes partidos políticos, através de múltiplos truques mediáticos, procuram disfarçar a inexistência de qualquer actividade partidária no ano político que finda e a continuação dessa imobilidade no ano que começa. De facto, a Festa do «Avante!» é, simultaneamente, o culminar de um ano de intensa luta e actividade partidária e um momento de partida para as muitas tarefas e lutas do futuro imediato. E isso marca, de forma indelével, a diferença entre o PCP e os outros – todos os outros – partidos.

Da Festa sairemos reforçados e em melhores condições para dar resposta às exigências que a actual situação política nos coloca – exigências que passam pela continuação e intensificação da luta contra a política de direita e por uma política de esquerda, pela continuação do esforço

Actual

A farsa continua

• José Casanova



Suspensão, Portugal aguarda a divulgação do prometido projecto de «mobilização do resto do País contra a classe política e os jornalistas de Lisboa», elaborado pelo inevitável Alberto João Jardim. Tanto quanto se sabe, o jardinal plano será divulgado, pelo próprio, no decorrer de um comício a realizar no próximo dia 18 em Porto Santo, mas não é de excluir que, quando esta crónica vier a público, já ele seja notícia de primeira página em todos os jornais nacionais. «Isolar Lisboa» é, em síntese, o objectivo essencial do chefe do PSD/Madeira: para ele, Lisboa é assim uma espécie de *império do mal* que urge liquidar – e que será liquidado graças à virtuosa cruzada do benemérito Jardim. Sobre o conteúdo e as formas que assumirá a patriótica batalha, pouco ou nada se sabe. Fontes dignas de crédito asseguram que Jardim e o seu fiel Ramos – devidamente artilhados – se propõem desembarcar, uma noite destas, nas Docas e, depois de uma demorada visi-

ta a todos os bares, beberem de assalto o Palácio de Belém. Outras fontes, no mínimo tão credíveis como as acima citadas, garantem, no entanto, que não haverá desembarque mas desenterra, ou seja que os dois gloriosos guerreiros se farão deslocar de máquina voadora, cuja poisarará em sítio ainda desconhecido – mas inevitavelmente nas imediações de um qualquer bar e, naturalmente, de Belém. Acrescentam ambas as fontes – e, assim sendo, duplicam as probabilidades de acerto – que o Ministro da Defesa decretou o estado de prevenção, na virtuosa modalidade da oração, isto é: pondo todo o seu staff a rezar e a glorificar a Obra de Deus.

Não é de excluir, no entanto, que as coisas não venham a passar-se exactamente assim. Com efeito, informa-nos o *Diário de Notícias* que «dirigentes do PSD ouvidos (...) relacionam a proposta – seja ela qual for – com uma tentativa de pressionar a direcção nacional do seu partido a tomar uma posição

sobre as recentes polémicas em que o líder madeirense se envolveu (...) quando sugeriu a renúncia do Presidente da República» – ou seja, digo eu, a recente manifestação chantagista/separatista de Chão da Lagoa. Se assim for, o alvo real da iniciativa, que é como quem diz o bombo da festa, será o martirizado Durão Barroso que, pobre dele, ficará colocado, mais uma vez, entre a espada de Jardim e a parede das virtuosas pressões e exigências protagonizadas pelo omnipresente José Lamago, ou seja, no meio – que, afinal de contas e bem vistas as coisas, é onde está a virtude. Pelo que todos ganharão e a farsa continua.

Indonésia, 1965

• Vítor Dias

Acredite-se que não é por preguiça de Agosto que esta crónica quase se limitará a citar matéria publicada no «Le Monde» de 30/7 e no «Público» de 2/8. É antes porque, às vezes, alargar a circulação de informação e o correspondente conhecimento de certos factos é mais útil do que caradas de comentários.

Para quem não leu aqueles jornais, diga-se então que se trata de arrasadoras confirmações do consciente envolvimento dos EUA no massacre de centenas de milhares de comunistas indonésios na sequência do golpe reaccionário de 30 de Setembro de 1965 que viria a depor o presidente Sukarno e a instaurar a ditadura de Suharto.

Essas revelações são extraídas de documentação da CIA e do Departamento de Estado que, embora com a enervada oposição destas duas entidades, acabou por ser publicado pelo GPO (algo semelhante à nossa Imprensa Nacional) num volume que se encontra disponível na Net (em www.nsarchive.org) graças à meritória actividade do National Security Archive da Universidade George Washington.

E, nesse âmbito, registre-se então que, em telegrama de 15.4.1966, Marshall Green, embaixador dos EUA na Indonésia, declarava que «*nós não sabemos francamente se o número exacto (de comunistas assassinados) está mais próximo dos 100 mil ou do milhão, mas achamos que é mais sensato admitir o número mais baixo, sobretudo face à imprensa*».

Registe-se então que a embaixada norte-americana forneceu aos generais indonésios promotores do golpe listas de dirigentes e quadros comunistas que na sua maioria foram executados.

Registe-se que, segundo esta documentação mantida secreta durante 35 anos, a própria CIA considerou que «*em termos de número de mortos, os massacres anti-PKI figuram entre os piores assassinatos em massa do século XX*», embora na altura a «Time» lhes chamasse «*as melhores notícias da Ásia para o Ocidente dos últimos anos*».

Registe-se que, em nota de 2.12.65, William Bundy, vice-secretário de Estado para o Extremo Oriente, escrevia que «*serve esta para confirmar que fornecemos a Malik 50 milhões de rupias que ele pediu para financiar o movimento Ka Gestapu*» (apropriado nome de um dos mais eficazes grupos de assassinos).

Prestada a informação essencial, só nos resta registar que este horrível banho de sangue patrocinado pelos EUA nunca é evocado anualmente pelas televisões, ao contrário do que sucede com alguns outros dramas e tragédias do século XX.

E registar que, ao contrário do que injustamente aplicam aos comunistas portugueses, as personalidades e forças políticas nacionais amigas da política norte-americana e defensoras do capitalismo nunca aceitam responder e considerar-se ideologicamente co-responsáveis por esta generalizada matança de comunistas.



Nas Berlengas, não!

• Aurélio Santos

Falando em Havana aos jovens cubanos que vão participar no Festival Mundial da Juventude, Fidel Castro sugeriu que as próximas reuniões do G-7 passem a realizar-se numa estação orbital – fora da Terra... E o Canadá, a quem cabe a organização da próxima cimeira, já anunciou que a iria transferir de Ottawa para «uma área de difícil acesso» no interior do país. Será que ainda os veremos a pedir asilo nas Berlengas? Bem arrumadinhos, caberiam talvez na Grande Berlenga. E se até as gaiotas protestassem, poderiam refugiar-se nos Farilhões.

Os grandes órgãos de informação, nas mãos dos «berlusconis» de todo o mundo, dão prioridade nos seus cabeçalhos às destruições lançadas por alguns grupos anarquistas (com evidentes infiltrações provocatórias) que se têm associado às grandiosas manifestações de massas (mais de 300 000 pessoas em Génova) con-

tra a situação a que os G-7 condenam o mundo. Mas não têm sido as próprias forças policiais que, no seu afã de braço armado dos G-7, transformaram as cidades em campos entrincheirados e palco de guerra de ruas, como se viu em Génova e em Quebec?

Que são todavia essas devastações comparadas com aquelas que a política de imperialismo personificado pelo G-7 estão causando no mundo? (E imperialismo deve escrever-se sem aspas, ao contrário do que fazem os seguidores do pensamento único, com pretensa ironia.)

Quem, senão esse imperialismo predador, fez duplicar em 10 anos o número de pobres no mundo? Quem, se não ele, é responsável pela fome que passam 1700 milhões de pessoas quando há no mundo excedentes alimentares que bastariam para o dobro da actual população mundial? Quem condena continentes inteiros à miséria? Quem atira as suas crises

para cima dos países que se submetem às suas imposições: Brasil, México, Argentina, Coreia do Sul?... E não é para assegurarem e aumentarem os superlucros das 147 multinacionais que dominam 80% do comércio mundial (concentrando 80% do rendimento mundial nos 7 países dos «G») que os seus mandantes políticos se reúnem nas cimeiras? (Eles não são mais, afinal, que a face visível da ditadura oculta desse capitalismo imperialista e predador que, como perigoso infestante, asfixia o planeta Terra.)

É este estado de coisas que levanta o largo grito de protesto que as manifestações anti-G-7 representam e nas quais se podem ouvir ecos do apelo que há 150 anos percorre o mundo: «Proletários de todos os países (e povos oprimidos, juntou-lhes a Revolução de Outubro) uni-vos!...»

Pôr os chefes do G-7 em órbita? Nisso discordo de Fidel: será melhor transferi-los para um *quasar* longínquo, bem nos confins do Universo, onde estejamos certos de não haver vida. Eles são portadores de vírus letais...



Frases

“O silêncio de Paulo Portas sobre Costa Gomes (...) a pretexto de desconhecer o seu percurso (...) é inadmissível num líder partidário (...) [Paulo Portas] sabe de feiras, de bairros, de lotas de pesca, de empresários expoliados pela revolução, de falta de polícias nas ruas, de Afonso Henriques e Amália Rodrigues, mas desconhece o percurso de Costa Gomes.”

(Nuno Pacheco, *Público*, 02.08.01)

“Paulo Portas começa a transformar-se num caso grave de falta de vergonha na cara, agora acompanhada de falta de coragem política. O mesmo Paulo Portas que é sempre (...) tão prolixo, tão opinativo, (...) de repente ficou sem opinião, sem ter nada para dizer perante a morte do ex-Presidente da República Francisco Costa Gomes (...) Compre um livrinho de história contemporânea portuguesa, há imensos à venda, embora talvez sejam difíceis de encontrar numa das suas feiras.”

(S.J.A./H.P. *Público*, 04.08.01)

“Pela primeira vez, Jorge Coelho não se coloca de fora do xadrez sucessório e, antes pelo contrário, é na sequência das perguntas relativas à sucessão que profere a frase mortal, a que prevê “um ciclo de oposição para o PS”.”

(Ana Sá Lopes, *idem*)

“Se dependesse do PS, Guterres já teria sido corrido. E ainda há dois anos era o “mais-valia”.”

(Vítor Cunha, *O Independente*, 03.08.01)

“Em dois meses, o líder laranja deixou de ser o artolas cujas histórias anedóticas animavam o Largo do Rato para ser o perigoso Durão, capaz de tirar o poder ao engenheiro António Guterres.”

(Paulo Gaião, *idem*)

“Se para chamar os empresários às suas causas o ministro tiver de varrer para debaixo do tapete todas as tentativas de tornar mais decente o contributo das empresas para as receitas fiscais, vale a pena perguntar: o que ganha o país com essa aproximação?”

(Manuel Carvalho, *Público*, 06.08.01)

“Não faltam alimentos, mas sim justiça distributiva; não precisamos de tecnologias de produção, mas sim de paz e de uma economia que não veja a pobreza como uma fatalidade; há que exigir programas de auto-suficiência local e não aceitar que se acumulem iniquidades na distribuição da terra e da riqueza.”

(Margarida Silva, *Público*, 07.08.01)

“O movimento da contraglobalização não é a “refutação” da democracia; pelo contrário, é a única manifestação de que esta ainda existe como referência.”

(Manuel Villaverde Cabral, *Diário de Notícias*, 03.08.01)

“Rouba-se” uma carteira, alguém terá “roubado” uns produtos do supermercado. Caso se trate de quantias de maior valor e, especialmente, se o caso tiver recortes institucionais, deixamos o “roubo” para estarmos face a um “desfalque” ou um “alcance” ou um “desvio”.”

(Ruben de Carvalho, *idem*)

“Portugal é cada vez menos decidido em Portugal.”

(Carlos do Carmo, *Focus*, 05.08.01)

“O PS no Estado é isto: uma trupe aventureira e esfomeada, que a seu prazer dispõe do património colectivo. No fundo, não se acha representante do povo, mas pura e simplesmente dona do país.”

(Vasco Pulido Valente, *Diário de Notícias*, 05.08.01)

56 anos depois de Hiroshima Perigos persistem

Na segunda-feira, dia em que se cumpriu mais um aniversário sobre o lançamento em Hiroshima da primeira bomba atômica, o PCP associou-se «a quantos, no Japão e por todo o mundo, assinalam a trágica efeméride de 6 de Agosto de 1945».

Albano Nunes, membro do Secretariado do Comité Central, fez um convite à reflexão sobre «um dos acontecimentos mais trágicos que a história contemporânea regista, sobre um dos mais monstruosos crimes praticados pelo imperialismo, sobre o horror a

que pode conduzir o militarismo e a guerra». Lembrando a morte imediata de centenas de milhares de pessoas, «no meio de indizíveis sofrimentos» e as marcas terríveis que sobre outras, 56 anos depois, ainda «se fazem cruelmente sentir», o dirigente comunista diz que não é por acaso que o Japão é o país onde existe «um dos mais poderosos e massivos movimentos pela abolição das armas nucleares e pela paz».

Assim, para impedir que semelhante tragédia se repita, há que «manter viva a memória» deste monstruoso crime dos EUA em Hiroshima, e três dias depois em Nagasaki», quando já nenhuma consideração de ordem militar o justificava, pois o Japão imperial estava já derrotado. É, também, «urgente» que a vigilância da opinião pública desperte para os perigos que resultam da existência de enormes arsenais nucleares» e que a luta dos povos pela

paz e o desarmamento, e em primeiro lugar o desarmamento nuclear, «ganhe um novo e vigoroso impulso».

Na verdade, ignorando «cinicamente» a trágica lição de Hiroshima, os EUA e a NATO persistem em estratégias militares ofensivas e na teoria da «dissuasão nuclear»,

Os EUA continuam a recusar a completa abolição das armas nucleares

«recusam o objetivo da completa abolição das armas nucleares» e «prosseguem linhas de investigação e aperfeiçoamento das ar-

mas nucleares, preparando-se mesmo para a sua instalação no espaço». Esta situação «torna imperioso» colocar de novo o problema das armas nucleares na agenda da ONU e demais fóruns internacionais e adoptar um programa para a sua total eliminação.

Pela paz e o desarmamento

Alertando, ainda, para a gravidade do projecto norte-americano dito de «Defesa Antimíssil», que a administração Bush insiste em implementar, «apesar do coro de protestos internacionais, das divergências com os seus aliados e do movimento de crítica nos próprios EUA», o PCP promete continuar a bater-se

para que a voz do Estado Português se faça ouvir «com independência e clareza na arena internacional, em defesa da paz e do desarmamento, e em primeiro lugar do desarmamento nuclear».

Visando assegurar a supremacia militar dos EUA, aquele projecto «afronta provocatoriamente a legalidade internacional e arrasta consigo o desmantelamento do Tratado ABM de 1972, uma nova corrida aos armamentos nucleares, o agravamento da tensão internacional, o reavivar da ameaça de holocausto nuclear», sublinha o PCP, apontando a necessidade de isolar a administração dos EUA na sua arrogância e no seu «insensato projecto agressivo».

Mas também, na opinião dos comunistas, o Governo português tem «a mais estrita obrigação de esclarecer cabal e frontalmente as dúvidas suscitadas pelas declarações do ex-embaixador dos EUA em Portugal quanto à disponibilidade que teria sido manifestada para uma eventual utilização de território nacional pelo Sistema Antimíssil norte-americano». Pois, tratando-se de uma questão «demasiado grave para que sobre ela possa subsistir a mínima dúvida ou ambiguidade», o que veio a público, quase três semanas depois do requerimento apresentado pelo PCP na Assembleia da República, é «manifestamente insuficiente» em termos das responsabilidades internacionais de Portugal e em termos de soberania nacional.

O PCP considera urgente que a opinião pública desperte para os perigos existentes



Hiroshima nunca mais!

A tragédia de Hiroshima e Nagasaki não impede que continuem a ser delapidados «recursos colossais» na produção de armas cada vez mais «mortíferas e destruidoras» e que os grandes consórcios da indústria armamentista prossigam uma disputa «feroz» pelas maiores fatias do mercado de armamentos. Aliás, «em ligação com os negócios da morte, desencadeiam-se guerras de agressão, alimentam-se sangrentos conflitos internos» e a corrupção e o crime organizado «ganham posições na esfera do poder político».

Entretanto, numa dimensão sem precedentes, «alastram por todo o mundo as chagas do desemprego, da fome, da doença, do analfabetismo», aprofunda-se o fosso entre ricos e pobres e «novas e velhas formas de exploração e de tráfico humano» lançam na miséria milhões de pessoas.

«É um escândalo», dizem os comunistas, «um insulto à inteligência e à dignidade humana» que se gaste na produção de um só bombardeiro quantias que chegariam para salvar muitos milhares de vidas. Ou que, em Génova, mesmo no quadro do gigantesco protesto antiglobalização,

o chamado G8 «se tenha atrevido a apresentar, para o combate à SIDA, uma quantia «escandalosamente baixa», comparativamente com «os biliões de dólares» que todos os anos «são acrescentados aos orçamentos militares dos EUA e de outras grandes potências». Uma «realidade chocante» que, na opinião do PCP, torna inevitável o alargamento da luta popular contra a «globalização» imperialista neoliberal, contra o militarismo e a guerra, pelo desarmamento e a paz.

O PCP aproveita, ainda, para alertar «os perigos resultantes do militarismo e do intervencionismo imperialista» e, reafirmando o compromisso dos comunistas com os valores da paz, da solidariedade internacional e da amizade entre os povos, confia em que, «pela vigilância e pela luta de todas as forças amantes da paz, será possível inverter o perigoso rumo militarista da evolução mundial, recolocar na agenda internacional a candente questão do desarmamento nuclear, impedir os EUA de concretizar o demencial projecto de «guerra das estrelas» e assegurar que «Hiroshima nunca mais!».



Câmara de Setúbal Prepotência esconde incapacidade

Depois de há muito se queixarem da organização do serviço, das instalações, de faltas de material e de discriminações que têm levado a um mal-estar generalizado, a quase totalidade dos Bombeiros Sapadores de Setúbal subscreveu, há cerca de ano e meio, um abaixo-assinado reclamando a correcção das irregularidades existentes na gestão e funcionamento da Companhia.

Não tendo havido, porém, qualquer resposta da parte do presidente Mata Cáceres ou do vereador do pelouro, os delegados sindicais do STAL e o coordenador da Comissão de Trabalhadores da Câmara Municipal de Setúbal assumiram a representação das queixas dos trabalhadores, conseguindo, depois de insistentes protestos e acções de rua, a resolução de algumas questões pontuais.

Entretanto, o PS e Mata Cáceres, optando por «personalizar e partidizar» o problema, responderam às manifestações com «almoços de desagravo» e contra-manifestações. Contudo, por proposta da CDU, foi levado a cabo um inquérito que detectou uma série de irregularidades e deficiências cuja responsabilidade, de acordo com a denúncia

da Comissão Concelhia de Setúbal do PCP, cabe fundamentalmente aos responsáveis do pelouro que tutela o serviço de bombeiros e do pelouro dos Recursos Humanos e ao próprio presidente.

O facto é que a situação teve um desfecho «completamente inadmissível»: a maioria PS e PSD deliberou, na última sessão de Câmara, o afastamento do serviço dos bombeiros: Fernando Pratas, chefe de 2.ª classe - dirigente sindical e Coordenador da Comissão de Trabalhadores da CMS; dos delegados sindicais e subchefes, Militão dos Santos e Possidónio Constantino; e do chefe de 2.ª classe António de Sousa. Ou seja, a maioria PS da Câmara de Setúbal resolve «a sua incapacidade de gestão, expulsando os representantes dos trabalhadores»!

Ora, para a Concelhia do PCP, estes procedimentos - desprezo pelos direitos sindicais e desconsideração por profissionais competentes e com diversos louvores e condecorações -, sendo «típicos da gestão Mata Cáceres», «não podem prevalecer na gestão autárquica», pelo que devem ser «imediatamente corrigidos».

▼ CAMARADAS FALECIDOS

António Alberto Ferreira Franco

Faleceu, no dia 2 de Agosto, o camarada António Alberto Ferreira Franco, de 74 anos, odontologista. Membro do Partido desde 1975, foi sempre um militante destacado, com a responsabilidade das questões financeiras do concelho de Avis. Era membro da Comissão Concelhia e da Comissão de Freguesia de Avis. Foi presidente da Junta de Freguesia de Avis, eleito pela CDU, sendo, à data do desenlace presidente da Assembleia Municipal de Avis.

Dulce Sara Marques de Sottomayor Pizarro

Faleceu, no passado dia 26 de Julho, com 91 anos de idade, a camarada Dulce Sara Marques de Sottomayor Pizarro. Natural de Angola, democrata de sempre, aderiu ao PCP logo após o 25 de Abril. Activa e dedicada militante da Organização dos Professores do Sector Intelectual de Lisboa, entregou-se sempre com o maior empenho às tarefas do Partido, deixando em todos os camaradas com quem trabalhou uma enorme saudade.

José Luís Fernando Coelho

Com 76 anos de idade, faleceu, no passado mês de Julho, o camarada José Luís Fernando Coelho. O camarada estava organizado no Bairro 6, da freguesia do Barreiro.

Leonel Francisco Pereira

Faleceu o camarada Leonel Francisco Pereira, de 76 anos. Militante do PCP de antes do 25 de Abril, desempenhou ao longo da sua vida numerosas tarefas no Partido, destacando-se pela sua modéstia, dedicação e capacidade, tendo chegado a estar preso, com um comportamento exemplar. Militava actualmente na Organização da Freguesia da Amadora.

Mário Alexandre Januário Marques

Faleceu, no dia 7 de Julho, com 55 anos, o camarada Mário Alexandre Januário Marques, profissional de seguros e natural do Socorro, Lisboa. Estava organizado na freguesia de Barcarena, tendo tido sempre uma grande ligação ao Movimento Associativo.

Zeferino Pinto Carlos Barata

Faleceu, no dia 21 de Junho, com 81 anos de idade, o camarada Zeferino Pinto Carlos Barata. Membro do Partido desde 1974, estava organizado na freguesia do Barreiro. Era um activista do movimento associativo, onde desempenhou vários cargos em diversas colectividades. Concorreu às eleições autárquicas, tendo sido eleito pela CDU.



Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

Processo eleitoral do Conselho
das Comunidades Portuguesas com grandes atrasos

Emigrantes continuam sem respostas

Os quadros do PCP na Emigração estão preocupados com os atrasos que se verificam na organização do processo para a eleição do Conselho das Comunidades Portuguesas, a realizar em Novembro próximo.

A preocupação, manifestada após a reunião realizada, na sexta-feira passada, no Centro de Trabalho Soeiro Pereira Gomes, deve-se ao facto de, «a menos de dois meses da data-limite para apresentação de candidaturas», o Governo ainda não ter publicado a portaria que determina os círculos eleitorais e a distribuição de mandatos pelos respectivos círculos. Este atraso, na opinião dos comunistas, justifica-se

também pela não existência de cadernos eleitorais em diversos consulados e países e é uma realidade que, quatro anos após as primeiras eleições, vem contrariar as declarações oficiais, designadamente do secretário de Estado João Rui Almeida, sobre os avanços da modernização e informatização dos consulados.

O PCP «responsabiliza por inteiro» o Governo pelas eventuais consequências provocadas por estes atrasos - quer em relação à apresentação de candidaturas, quer em relação à desmotivação e desinteresse por parte das comunidades portuguesas -, mas considera, também, que ele está ainda a tempo de alterar a situação. Basta que

recorra à contratação temporária de pessoal, como, aliás, já foi sugerido pelo sindicato dos trabalhadores consulares.

Acompanhar evolução

Na verdade, verificam-se modificações significativas no seio das comunidades portuguesas, hoje constituídas por novas gerações de lusodescendentes

que, «pela sua dimensão e peso social, cultural e económico» e pela «experiência e

capacidade adquirida», representam «uma importante e incontornável realidade com influência no processo de desenvolvimento do País e necessariamente presente na avaliação da política nacional e na formulação de uma política alternativa».

O Governo do PS recusa-se, porém, a tomar algumas medidas indispensáveis relativas, nomeadamente, ao ensino da língua e cultura portuguesas, à rede e serviços consulares, enquanto adia a resolução de o grande problema social que é o das reformas dos ex-militares que fizeram a tropa antes do 25 de Abril.

Através das suas organizações na emigração e dos seus representantes na Assembleia da República e no Parlamento Europeu, o PCP tem mantido, ao longo dos anos, uma intervenção persistente e combativa contra as políticas de direi-

ta. Entretanto, no decurso da reunião de sexta-feira, os comunistas, voltando a constatar a falta de resposta aos problemas dos emigrantes, decidiram levar a efeito, a partir de agora até ao fim do próximo ano, um vasto conjunto de iniciativas, em Portugal e na Emigração - sob o lema Emigração e Comunidades Portuguesas no século XXI -, agendando desde já uma primeira reunião para Janeiro próximo, em Paris.

Estas iniciativas têm como objectivos principais proceder à avaliação da situação económica, social, cultural e política da emigração; caracterizar a evolução das comunidades portuguesas nos diversos países, tendo em conta a diversidade de situações existentes; definir as grandes linhas orientadoras para uma nova e diferente política para as comunidades portuguesas.



Os quadros do PCP agendaram já uma reunião para Janeiro próximo, em Paris

Iniciativas do PCP



Festa Vitória de Abril

promovida pela Comissão Local de Rio dos Moinhos

Sábado, dia 11

Programa:

18h00 - Abertura da quermesse

21h00 - Início do baile

22h00 - Actuação

do «Grupo Charneca»

23h00 - Continuação do baile

Festa Populares do Barreiro

De 9 a 15 de Agosto

Presença do PCP

com Espaço de Exposição

e Intervenção Política

voltado para a afirmação da CDU

e a preparação

das Eleições Autárquicas

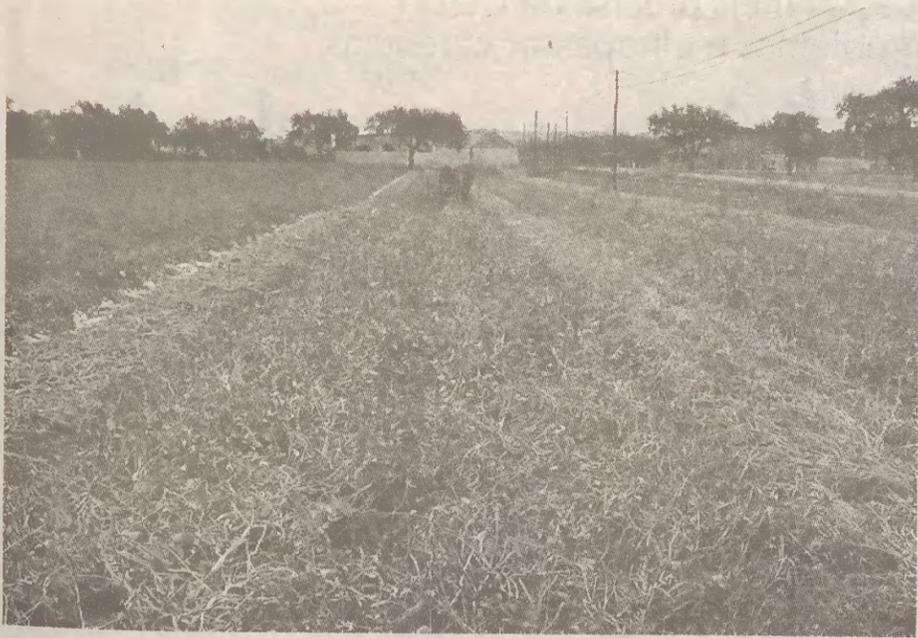
e, ainda, para a divulgação

da Festa do Avante!

Lisboa

Plenário da célula da CMLisboa

Hoje, 9, no C.T. Vitória, para discutir a situação política e a Festa do Avante!



Todas as pequenas hortas familiares foram fortemente atingidas, com as searas de tomate e pimentos, melão e melancia dizimadas

Agostinho Lopes nos campos do Couço

Devastação indiscriminável

Na sequência da visita que realizou, na quinta-feira passada, ao Couço, para avaliação dos estragos provocados pelo mau tempo, o dirigente, do PCP, Agostinho Lopes, secretário da Comissão Parlamentar de Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas, dirigiu ao Presidente desta Comissão Parlamentar uma carta (que a seguir se transcreve) onde propõe a realização de uma reunião extraordinária daquela Comissão.

1. No passado dia 2 de Agosto, a convite das estruturas locais do PCP, visitei, acompanhado pelo Sr. Presidente da Câmara de Coruche e pelos Srs. Presidentes da Junta e da Assembleia de Freguesia, os campos do Couço.

A devastação causada na produção agrícola por 15 minutos de granizo de grande dimensão e densidade é indescrevível. Searas de tomate e pimentos, melão e melancia, mas também milho, beterraba, feijão, fruta, vinhas, oliveiras, abóboras, etc., foram quase totalmente dizimadas. Todas as pequenas hortas familiares foram fortemente atingidas. São visíveis nos estores de algumas casas a violência do temporal que caiu sobre o Couço.

Só a rápida intervenção do Estado pode minorar os prejuízos no Couço

2. As consequências são de grande dimensão e impacto económico e social.

Prejuízos económicos para todos os produtores agrícolas localizados no Vale do Sorraia, dentro dos limites da freguesia do Couço (com algumas pequenas áreas anexas de freguesias vizinhas). Uma grande parte destes produtores são seareiros. A destruição das colheitas é, como referi, praticamente a

100%. Muitos estão ainda a pagar dívidas de anteriores acidentes climatéricos. Outros endividaram-se para fazer as searas e pagar as rendas. A perspectiva de um bom rendimento, animava-os na possibilidade de no presente ano saldarem as suas contas. Para outros ainda, eram os rendimentos, que agora

desapareceram, um insubstituível complemento para as magras pensões de reforma que recebem.

Problemas para as fábricas de transformação e conserva de tomate e pimentos. Algumas têm no Couço o núcleo principal dos seus fornecedores de matérias-primas.

Preocupações com a quota de tomate – terá sido destruído um terço da produção de tomate do Vale do Sorraia – 15.000/20.000 toneladas.

Problemas de emprego. Destruída a produção agrícola, não haverá lugar à contratação de trabalhadores para as colheitas. Serão fortemente atingidas as economias de muitas casas do Couço. Situação agravada pela destruição das hortas familiares.

Consequências, portanto, de significativas dimensões, afectando toda a economia local e o conjunto da comunidade rural do Couço.

3. A situação exige uma rápida intervenção do Estado na tentativa de minorar prejuízos e prevenir problemas sociais e económicos de maior gravidade. Os prejuízos morais de quem viu, em breves minutos, desaparecer-lhe todo o esforçado labor de um ano e as expectativas de uma boa colheita, ninguém conseguirá ressarcir. O estado de

comoção, as lágrimas nos olhos dos pequenos agricultores, eram a expressão visível dessa tristeza e desespero que nada pode pagar. Mas indemnizar os prejuízos materiais e concretizar medidas para evitar uma crise social podem e devem ser concretizadas. É assim quase obscuro que se possa pôr em causa a declaração do estado de calamidade pública por considerações em torno da "contenção orçamental"!

Não julgo minimamente satisfatório nem ajustadas à gravidade do acontecido no Couço as ideias apontadas pelos Assessores de Imprensa do Gabinete do Senhor Ministro da Agricultura sobre o assunto, em comunicado de 1 de Agosto.

Os serviços técnicos do Ministério tardam a entrar no terreno. Ontem, dia 2 de Agosto, passados 3 dias sobre o desastre, não havia ainda notícias da sua presença junto dos agricultores. Não se pode considerar que a visita do Director Regional da Agricultura do Oeste e Ribatejo possa substituir a intervenção dos seus técnicos em articulação com as associações de produtores, os próprios agricultores e a Junta de Freguesia do Couço, no levantamento urgente e rigoroso dos prejuízos em toda a sua extensão e consequências.

No referido comunicado não se fala na possível declaração do "estado de calamidade pública" e, praticamente, tudo se remete, em termos de possível reparação de prejuízos, para o sistema de seguros, classificado, apesar de todas as contestações e imperfeições que sobre ele impendem, como "o mais generoso sistema de seguros agrícolas do mundo" (!) (não será exagero, Sr. Ministro da Agricultura?). Admitem apenas medidas excepcionais para "infra-estruturas danificadas" (estufas).

O Governo e o Ministério sabem que não é por "opção voluntária" – como se diz no comunicado – que os agricultores não fazem seguro. Não o fazem, pelo estado lastimoso da situação financeira precária das explorações agrícolas. Sabem, apesar das bonificações generosas, que o custo do seguro é ainda particularmente elevado (e de âmbito pouco abrangente) para os pequenos produtores. Sabem que o sistema de seguros agrícolas existente é sobretudo generoso para as companhias de seguros. Sabem que os seguros apenas indemnizam 70/80% do capital seguro. E que, também por isso, é necessária a declaração do "estado de calamidade pública".

Ex.mo Senhor Presidente,

4. É face àquela situação e às posições conhecidas e assumidas pelo Ministério da Agricultura, e apesar das dificuldades decorrentes do período estival que atravessamos, que venho propor a realização de uma reunião extraordinária da Comissão da Agricultura, com a possível e desejável participação de um representante do Ministério, com os seguintes objectivos:

a) Avaliar a situação, inclusive noutras zonas do País como na Ereira, Montemor-o-Novo e Vale da Vilariça, Bragança (ontem, 1 de Agosto) onde houve também problemas. Se necessário fosse, considerar uma possível visita à região atingida para encontros com agricultores, associações, autarquias locais e técnicos do Ministério;

b) Reflectir sobre o conjunto de medidas tomadas pelo Governo e eventual sugestão de outras iniciativas a tomar.

Julgo de interesse para a reunião da Comissão que proponho, fazer chegar ao Ministério esta carta e outros documentos que abordam o problema, bem como a solicitação ao Ministério da informação possível sobre a situação e medidas em curso para o Couço e outras zonas atingidas.



Os estragos levantam problemas diversos, seja com as fábricas de conserva de tomate e pimentos, com a quota do tomate ou de emprego



OEIRAS Água sem qualidade

A Coordenadora da CDU da freguesia de Oeiras alertou a população para a fraca qualidade da água. Segundo a estrutura local da coligação, a água consumida pelos oeirenses contém coliformes, germes e estafilococos que, segundo a legislação em vigor (Decreto-Lei n.º 236/98), é imprópria para consumo. No comunicado da CDU daquela freguesia, datado do mês de Julho, o presidente da Câmara, Isaltino Morais é acusado de esconder a verdade à população.

ÓBIDOS Trocar trabalho por milagres

A não contemplação de Óbidos para o programa «Polis» veio pôr a nu a incapacidade do executivo do PS. Esta é a opinião da coordenadora local da Coligação Democrática Unitária que, por meio de um comunicado à população de 6 de Agosto, considera «bizarro que o que não foi realizado durante cinco mandatos sucessivos de direcção PS tenha sido remetido, pela actual equipa camarária do PS, para a milagreira candidatura». Candidatura essa que, segundo a coligação, poucas probabilidades tinha de ser bem sucedida, «já que somente quatro dos 54 concelhos concorrentes poderiam ser satisfeitos».

CABECEIRAS DE BASTO Inaugurada sede

Com a participação de Agostinho Lopes, da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central do PCP, foi inaugurada no passado domingo a sede de candidatura da CDU em Cabeceiras de Basto, no distrito de Braga. Na iniciativa de inauguração da sede foram apresentados os candidatos à Assembleia Municipal e para as freguesias de Basto Santa Senhorinha, Buços, Cabeceiras de São Nicolau, Refojos, Rio Douro e Vila Nune. João Monteiro Gonçalves é o nome escolhido para encabeçar a lista para a Assembleia Municipal.

FAFE Juventude CDU

No passado dia 4, teve lugar o jantar de apresentação pública da coordenadora concelhia de Fafe da Juventude CDU que contou com a presença dos candidatos aos órgãos municipais, António Antão e Leonor Castro e de mais de trinta jovens. Nuno Magalhães, membro da coordenadora, anunciou, na sua intervenção, a realização de uma grande iniciativa da Juventude CDU em finais de Setembro.

Oliveira de Azeméis precisa da CDU para resolver problemas e ultrapassar carências

Uma política séria e empenhada

A CDU apresentou na passada de sexta-feira, em conferência de imprensa, os cabeças de lista à Câmara e Assembleia Municipal de Oliveira de Azeméis: António Marques Alves e Joel de Pinho Vasconcelos.

O candidato à Câmara, apresentado, juntamente com Joel Vasconcelos, por Miguel Costa, da Coordenadora Concelhia de Oliveira de Azeméis da CDU, destacou a importância de uma candidatura de esquerda em Oliveira de Azeméis, de maioria absoluta do PSD. Essa importância é tanto maior quanto maior é a necessidade de mudança, lembrou o candidato, que se mostrou convicto que «é num quadro de promessas não cumpridas e de ilusões criadas aos oliveirenses que é necessária a existência, nos órgãos autárquicos, de uma força com os pés bem assentes na terra, para mostrar quais as prioridades num concelho com carências como

as que o nosso apresenta», quer ao nível do saneamento básico quer dos equipamentos desportivos, culturais ou sociais. António Alves considerou que, em Oliveira de Azeméis se vive numa «ilusão de crescimento», que não é «devidamente sustentado e ocorreu não pela satisfação das principais carências do concelho, sendo fruto da especulação, espelhando incapacidade e falta de ambição de quem tem dirigido os destinos do nosso concelho».

É para solucionar estas muitas carências que o candidato afirma que é preciso reforçar a votação na CDU: «pela falta que fazem vozes interventivas nos órgãos

municipais; pela falta que faz uma política séria e empenhada; pela falta que faz uma efectiva fiscalização da actividade autárquica; pela falta que faz uma oposição a sério à gestão camarária».

CDU faz falta!

Para reforçar a importância do voto na Coligação Democrática Unitária, o candidato lembrou que, «como é reconhecido por muitos observadores independentes e pelas estatísticas oficiais, nos concelhos onde a CDU é a força maioritária, as necessidades de saneamento básico há muito foram resolvidas, criando assim espaço e libertando meios para desenvolver políticas autárquicas preocupadas com outras áreas de defesa dos reais direitos e das aspirações das populações respectivas», não esquecendo também que a CDU, onde é poder, promove «um estilo de gestão autárquica no qual a participação da população constitui uma

peça fundamental, dando sentido prático ao cumprimento dos valores democráticos», comprometendo-se o candidato, em nome da coligação, a lutar pelo envolvimento dos oliveirenses na gestão municipal.



António Alves

António Marques Alves, candidato da CDU à Câmara Municipal, tem 57 anos e é comerciante. Membro da Comissão Concelhia de Oliveira de Azeméis do PCP e vice-presidente da Associação de Melhoramentos Pró-Outeiro de Santiago de Riba-Ul, foi cabeça de lista à

Assembleia de Freguesia de Santiago de Riba-Ul em 89, 93 e 97 e presidente da Banda Musical de Santiago de Riba-Ul. Foi fundador da extinta Associação Recreativa e Cultural de Azeméis. Foi membro da direcção da Sindicato dos Empregados de Escritório de Aveiro.

O primeiro candidato à Assembleia Municipal, Joel Vasconcelos, tem 20 anos e é estudante da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Membro da Comissão Política da Direcção Nacional da JCP, foi presidente da AE da Escola Secundária Ferreira de Castro em 1998-1999 e representante dos estudantes na Assembleia de Escola. É sócio da associação a Chama de São Roque e foi membro da direcção da Associação da Escola Superior de Educação de Coimbra. Foi ainda membro da «Kebatuna», Tuna da Escola Superior de Educação de Coimbra, e atleta do União Desportiva Oliveirense e da Juventude Desportiva Carregossense.

Porto Bairro ao abandono

O candidato da CDU à Câmara Municipal do Porto e actual vereador, Rui Sá, comprometeu-se, no passado domingo, a levar à próxima reunião de Câmara um problema que observou numa visita ao Bairro do Regado, efectuada a pedido dos residentes, que se mobilizaram contra uma notificação da autarquia, que lhes dava cinco dias para procederem à demolição dos muros que haviam sido construídos para resguardar as suas habitações, devido ao abandono e à falta de tratamento dos espaços verdes circundantes às suas casas por parte da edilidade.

Rui Sá, que surgiu acompanhado por Gaspar Martins, deputado municipal, António Neto, eleito na Assembleia de Freguesia de Paranhos, e por outros activistas da CDU, pôde constatar a degradação

a que chegaram os espaços não tratados pela Câmara, que conduziu à existência de situações de completo abandono e proliferação de ratas e insectos, o que levou os moradores à construção dos muros.

A exemplo do que se passa noutros bairros sociais da cidade do Porto, a CDU e o seu candidato puderam confirmar a existência de infiltrações de água, canos rotos, esgotos a céu aberto, humidade nas habitações, varandas, janelas e caixilhos degradados, falta de limpeza e arranjo dos jardins, má iluminação e equipamentos sociais abandonados, que leva a CDU a contestar igualmente a ausência de brigadas municipais, que deveriam proceder à permanente manutenção e acompanhamento dos bairros sociais do Porto.

Negócio em Oeiras

Na notícia relativa à construção do monocarril entre Paço de Arcos e Porto Salvo-Lagoas Parque, no concelho de Oeiras, publicada na passada semana, referimos por lapso que este projecto está orçado em dois milhões de contos, quando na verdade ascende a seis milhões de contos.

Tal como afirmámos, foi criada uma empresa municipal para gerir esta obra, cuja administração, como denunciaram os eleitos da CDU, será dominada pela Teixeira Duarte que terá três administradores contra apenas dois da Câmara, apesar de a autarquia deter a maioria do capital.

Lisboa Prosseguem os realojamentos

A Câmara Municipal de Lisboa procedeu, no passado dia 3, à cerimónia simbólica de entrega das chaves dos novos edifícios construídos no âmbito do PER (Programa Especial de Realojamento) no Bairro dos Alfinetes, em Chelas. O empreendimento, localizado numa zona provida de amplos espaços verdes e de

fáceis acessos, é destinado ao realojamento das famílias da Azinhaga da Maruja e quintas José de Alvalade, das Conchinhas, do Ferro, do Louro e Calvanas, e é constituído por quatro edifícios isolados com 132 fogos, 164 lugares de estacionamento coberto e 177 de estacionamento exterior.

Para além da vertente habi-

tacional, o Bairro dos Alfinetes contém uma série de equipamentos colectivos, como uma biblioteca municipal, um ginásio, um centro juvenil e um centro de dia, destinados a toda a população dos Olivais. Também ficarão instaladas no local duas associações de âmbito recreativo e desportivo.

Vila Real Assegurar o serviço público

A Coordenadora da CDU de Vila Real considera inaceitável a integração do município na Sociedade Concessionária de Exploração e Gestão do Sistema de Abastecimento de Água e de Saneamento de Trás-os-Montes e Alto Douro em base minoritária, abaixo dos 51 por cento.

A Coordenadora, em comunicado de 4 de Agosto, lembra que o «município é rico em água de boa qualidade, cuja gestão deve manter-se exclusivamente nos SMAS de Vila Real, com o objectivo de

assegurar o serviço público de um bem essencial a toda a população do concelho», e chama a atenção para ao facto da adesão se ter processado com base na percentagem de 30 por cento para o município e de 70 para a empresa. Considerando que se trata de um mau negócio, visto a referida empresa se encontrar já privatizada em 15 por cento a uma instituição bancária – temendo a coligação que esta siga o mesmo caminho da Telecom ou da EDP, desenvolvendo a política do maior lucro, «em prejuízo do servi-

ço social de um bem essencial à vida –, a CDU alertou para a possibilidade de, «no futuro, a Câmara Municipal de Vila Real perder a competência de determinar o valor das taxas e tarifas do preço da água e saneamento».

A CDU votou contra a adesão da Câmara a esta empresa em situação de associada minoritária e defende que esta constituísse, com outros municípios, empresas intermunicipais com capital maioritariamente proveniente das autarquias, mesmo que aberto a capitais privados.

Coruche PS mentiu

A CDU de Coruche acusa o PS de mentir ao afirmar que o novo Tribunal e a Escola Básica Integrada do Couço se devem à acção da deputada socialista Luísa Portugal. Estas afirmações do Partido Socialista, vei-

culadas pela imprensa e não desmentidas, são criticadas pela CDU que relembra que «o Tribunal foi negociado e começou a ser construído ainda no tempo do professor Cavaco Silva» e a «Escola do Couço cons-

ta do Orçamento de Estado há mais de três anos, fruto de uma proposta da deputada Luísa Mesquita, do PCP» e que, «na altura, a Dr.ª Luísa Portugal nem sequer sonhava em ser deputada».

Cascais Saúde para todos

A CDU de Cascais acusou o PS e o PSD pela situação caótica da saúde no concelho por não atenderem às reivindicações da coligação e cederem às pressões da medicina privada. Às propostas da CDU, o Governo do PS respondeu com promessas de andamento rápido na construção do hospital público e dos centros de saúde de São Domingos de Rana e de Alcabideche.

A CDU acusa também José Lamego de «levantar a bandeira da saúde e sobretudo do novo hospital», um acto de «demagogia e descaramento», visto ser favorável a um hospital, mas privado, «para satisfazer os tubarões da medicina», considera a coordenadora local da CDU.

Amadora Contrariar a desinformação

«Tendo em conta que se desenvolve actualmente uma campanha de desinformação sobre a construção do Parque Urbano do Neudel, conduzida pelo Partido Socialista e pelos interesses que lhe estão associados neste processo», a CDU emitiu um comunicado com o objectivo de «repor a verdade dos factos» e que visa responder à acusação feita pelo PS de que a CDU seria contrária à construção do parque. Segundo a CDU, essa obra está prevista pela CMA desde 1988 e foi consagrada em PDM em 1994, tal como a ligação Damaia-Neudel ao IC 19, pelo que «não é possível que qualquer pessoa, ou força política, de boa fé, acusem a CDU de não defender a construção do Parque».

Contestada é a redução da área verde, aprovada pelo PS e PSD, a densificação da construção à custa da área verde, passando de 550 fogos – aprovados pela CDU – para 962 e a ultrapassagem de procedimentos legais que implica a fuga à discussão pública do projecto previsto no PDM e que «visa facilitar a vida ao urbanizador que, “curiosamente”, foi mandatário de Joaquim Raposo nas últimas eleições».

Felgueiras Câmara tenta calar imprensa

Dois jornalistas da imprensa regional de Felgueiras foram impedidos por funcionários da autarquia (polícias municipais) de realizar entrevistas no local onde se realizava a reunião da Assembleia Municipal extraordinária, convocada pelas oposições para discussão relacionada com acusações a membros do órgão relacionadas com um conjunto mais vasto de acusações, conhecido como «saco azul». A reunião não se realizou por falta de quorum, provocada pela maioria PS que «mais uma vez foge às suas responsabilidades e tudo tenta para que tudo quando se relaciona com o “saco azul” não seja possível discutir na Assembleia Municipal e assim tudo fazer para colocar barreiras de protecção à presidente da Câmara, Fátima Felgueiras», afirmou a CDU em nota de imprensa de 27 de Julho.

CDU apresenta candidatos a Monforte Atrair o investimento Promover o emprego

A apresentação dos candidatos aos órgãos municipais de Monforte decorreu no sábado com a presença de Odete Santos, do Comité Central do PCP. Rui Maia da Silva, actual presidente, é o candidato.

«Há quatro anos apresentámo-nos às populações do nosso concelho com um projecto marcado pelo desejo de promover o desenvolvimento harmonioso do nosso concelho, onde se promovessem e praticassem medidas com vista a uma maior justiça social, maior igualdade de oportunidades», afirmou o actual presidente da Câmara e candidato,

Rui Maia da Silva, justificando as razões pelas quais vale a pena continuar a apoiar a CDU no concelho. «Se fizermos a comparação entre aquilo que prometemos e o que foi realizado, não temos qualquer dúvida que o nosso programa foi cumprido na sua totalidade e, para além daquilo que prometemos, muitas foram as obras realizadas e que não haviam sido previstas», no sentido de responder a necessidades entretanto surgidas, lembrou. Estas respostas, afirmou, tornaram Monforte num concelho mais justo e solidário com

maior capacidade de enfrentar os desafios do futuro.

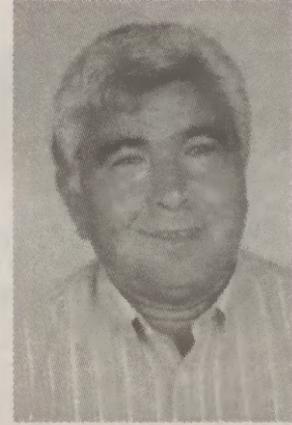
Para o actual presidente, estes desafios passam pela promoção do desenvolvimento sustentado, aproveitando os «recursos existentes, quer humanos, quer naturais, quer institucionais», gerindo-os de forma a atrair novos investidores para o concelho.

Lembrando que a CDU apenas ocupa a presidência da Câmara desde 1998, o candidato comunista recordou algumas das obras realizadas, começando por destacar a importância das realizadas na Zona Industrial, que apresentava inicialmente «diversos constrangimentos e problemas». Hoje, por acção da autarquia, Monforte possui uma Zona Industrial «legalizada e com capacidade para atrair novos investimentos por forma a poderem ser criados novos postos de trabalho» e «é já visível o futuro Ninho de Empresas de Monforte, espaço este que se pretende

dinâmico e com capacidade para ajudar a implementar novas empresas e serviços no nosso concelho».

Quatro anos de obra

Apesar de uma das grandes preocupações da autar-



Rui Maia da Silva

quia ter sido atrair o investimento para promover o emprego no concelho, também noutras áreas a obra foi fértil. Para minorar o problema da falta de água, foram realizadas obras de remodelação da conduta principal de abastecimento de água a Monforte e foram abertos novos furos de água. Ao nível do saneamento, o candidato destacou o cumprimento de uma das grandes promessas eleitorais de 1997, o ramal de esgotos e a conduta de

água no Monte dos Pintados ao Monte das Oliveiras. As obras na Estrada Municipal 515, que faz a ligação entre Monforte e Arronches, e a exigência de intervenção na Estrada Nacional 369, que liga Monforte a Alter do Chão, a par da beneficiação de pequenas estradas e caminhos, foram outras das realizações da CDU destacada pelo seu cabeça de lista.

Rui Maia da Silva lembrou ainda que «a não realização de obra foi também uma obra» referindo-se à não construção do Aterro de Resíduos Sólidos e Industriais de Monforte, que estava previsto quando a CDU ganhou as eleições, em 1997. Actualmente, encontra-se em construção neste local o campo de tiro concelhio.

Para além do presidente, Rui Maia da Silva, foram apresentados os restantes candidatos à Câmara Municipal, os candidatos às freguesias, o primeiro candidato à Assembleia Municipal, Daniel Balbino, e o mandatário concelhio, Manuel Bagorro, que afirmou que a «hora é de continuar a juntar as vontades, as forças, para unir todos aqueles que estão empenhados em dar o seu contributo para continuar a transformar este concelho».



Santa Maria da Feira Médico só em Setembro

A Coordenadora da CDU da Freguesia de São Paio de Oleiros promoveu, na passada terça-feira, uma concentração de protesto em frente ao Posto Médico local. Centenas de pessoas participaram na iniciativa, que pretendia alertar para o facto de que o Serviço de Atendimento Permanente, prometido há três anos pelo Governo, ainda não ter sido aberto.

São Paio de Oleiros, freguesia do concelho de Santa Maria da Feira, com cerca de 4500 habitantes, contou, até há três anos, com um hospital, encerrado aquando da abertura do Hospital de São Sebastião, entregue à gestão privada.

Nessa altura foi também prometida a abertura do SAP, que serviria, para além desta, outras freguesias vizinhas.

Na concentração, foram muitas as vozes que se insurgiram contra o facto de, mesmo dirigindo-se ao posto às 5 horas da manhã não ser possível, muitas das vezes, marcar consulta, por todas as vagas das duas médicas estarem já preenchidas. Entretanto, a vaga para um terceiro médico continua por preencher.

Para esta população, a alternativa passa, muitas vezes, pelo recurso a médicos particulares ou, em caso de urgência, ao Hospital da Feira,

pagando cerca de 2500 escudos de táxi, uma vez que os transportes públicos são praticamente inexistentes.

Na concentração, foi proposta a formação de uma Comissão de Utentes, aprovada por unanimidade, para dar continuidade à luta, solicitando desde já reuniões com a Administração Regional de Saúde, o Governador Civil de Aveiro e a Câmara Municipal da Feira.

No final, os manifestantes dirigiram-se ao Posto Médico para marcar consulta, tendo sido informados de que só existem a partir de 24 de Setembro, comprovando ali mesmo a dimensão do problema.

Amadora Incompatibilidade disfarçada

A CDU da Amadora contestou, em nota de imprensa do passado dia 27 de Julho, as razões apresentadas pelo presidente Joaquim Raposo para a exoneração do Chefe de Gabinete de Apoio Pessoal, Eng.º Augusto Guedes. A exoneração do cargo, efectuada a 25 de Julho, foi, segundo o presidente da autarquia, feita a pedido do próprio devido às funções que irá exercer – a de presidente da Associação Nacional dos Engenheiros Técnicos –, funções não abrangidas pela Lei das Incompatibilidades.

A CDU considera lícito admitir que «subjacente a esta decisão estará outra ou outras razões que se pretendem escamotear», avançando como hipótese «as outras ocupações empresariais do Eng.º Augusto Guedes que o colocam, aí sim, em clara situação de incompatibilidade para as funções que desempenhava», recordando que o agora ex-chefe de Gabinete é, por exemplo, «sócio-gerente da Sociedade de Ensino Studium, Lda, empresa que, por sua vez, detém 75 por cento do capital da AGSM – Informática, Lda que vem fornecendo diverso equipamento à Câmara Municipal, à Escola das Profissões, aos Bombeiros Voluntários e a outras entidades da Amadora onde os quadros do Par-

tido Socialista assumem funções de direcção».

A exoneração deverá ter sido efectuada devido à entrada na Câmara Municipal da Amadora do IGAT – Inspecção Geral da Administração do Território – para proceder a uma Inspecção Geral a esta incompatibilidade, demonstrada no pedido de investigação que a CDU entregou a 9 de Fevereiro à Procuradoria Geral da República, que a remeteu, depois, para o IGAT.

A CDU acusa o PS de anular o processo de investigação exonerando Augusto Guedes, «por forma a fazer cessar o ónus para o Partido Socialista que a confirmação do IGAT inevitavelmente acarretaria», acreditando que este partido só pretende «criar um interregno para, após a saída do IGAT da Câmara, permitir o regresso do Eng.º Augusto Guedes, com eventual justificação de que este, não assumindo funções em permanência na Associação dos Engenheiros Técnicos, pode retomar as suas funções na Câmara Municipal da Amadora».

Considerando que estas decisões evidenciam o desnorte que varre o PS na CMA, a CDU considera que situações como esta são apanágio do PS e que esta história não acaba aqui.

● Raul Castro

As prendas do Cónego Melo

Segundo os jornais, em 15 de Julho, o Cónego Melo festejou as «bodas de ouro» sacerdotais. O evento, apesar do seu carácter religioso, foi puramente mundano, tendo-lhe sido oferecido nem mais nem menos do que um automóvel «Mercedes» e, ainda, uma cruz em ouro, do século XVII, que também não deve ter sido nada barata, tudo prendas que contrastam com a humildade de que se devia revestir o sacerdócio, sendo de recordar que a própria Bíblia afirma que «é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus».

Mas, pelo visto, o Cónego Melo e os seus amigos que lhe ofereceram tais prendas preocupam-se mais com os bens terrenos do que com os divinos.

Entre os amigos presentes na homenagem ao Cónego Melo, destaque para Ramiro Moreira, o conhecido terrorista e operacional bombista, responsável por cerca de sessenta atentados bombistas contra bens de entidades de Esquerda, especialmente comunistas, condenado a 21 anos de prisão pela sua actividade bombista, integrado no MDLP, que se evadiu para Espanha, onde foi nomeado inspector da Petrogal, no tempo do governo de Cavaco Silva, e, mais tarde, indultado pelo defensor dos direitos humanos, então Presidente da República, Dr. Mário Soares.

Recorde-se que, na sequência de alguns dos atentados bombistas de Ramiro Moreira, morreram quatro pessoas, mas, não obstante, na homenagem ao Cónego Melo, em que este abraçou Ramiro Moreira, estiveram o Governador Civil e o Presidente da Câmara de Braga, ambos socialistas e, decerto, também por devoção ao seu chefe e defensor dos direitos humanos, Dr. Mário Soares.

Tudo isto é ainda mais de estranhar, quando, na véspera da homenagem, o «Jornal de Notícias» dedica uma longa entrevista, as quatro primeiras páginas, ao Cónego Melo, em que este não se coíbe de fazer afirmações como estas:

«Eu não chamo ditador a Salazar, era um bom estadista»; «Portugal hoje precisa de um pulso forte como o de Salazar»; «As lutas de partidos, dos ministérios, tudo isso é mau»; e «O País esteve doente de 1910 a 1926. Gravemente doente. Entretanto, apareceu uma determinada terapia e melhorou». E não falta, também, a sua confissão anticomunista.

Não é difícil concluir que o Cónego Melo, ao afirmar-se contra os partidos, ao elogiar Salazar e preconizar o retorno do seu regime, auto-retrata-se como um saudoso do regime fascista do ditador Salazar, anterior ao 25 de Abril.

Triste maneira de um cónego festejar as suas bodas de ouro sacerdotais.

Porque a «terapia» instaurada em 1926 incluía a PIDE, a Censura, os tribunais plenários, o Campo de Concentração do Tarrafal, as prisões, as torturas e os assassinatos de dezenas de antifascistas, em especial de comunistas, os mortos e estropiados da Guerra Colonial, o analfabetismo e a miséria nos campos e nas cidades.

Escalas perigosas

O Sindicato dos Médicos da Zona Sul alertou para o facto de terem sido implementadas no Centro Hospitalar de Cascais (CHC) escalas de serviço de urgência que «significam potenciais riscos para os doentes». O alerta do sindicato surge em carta enviada sexta-feira ao ministro da Saúde, António Correia de Campos, na qual o Sindicato sustenta ser motivo de preocupação a «agudização conflitual ultimamente surgida» no Centro e apela ao governante para que intervenha na sua resolução. Desde quarta-feira que os médicos do CHC - que inclui o Hospital de Cascais e o Hospital Ortopédico António José de Almeida - deixaram de fazer mais do que as 12 horas extraordinárias semanais em urgência a que são obrigados

por lei, como forma de protesto contra a não aplicação de um novo regime remuneratório para o serviço de urgência publicado em Março. Para o Sindicato dos Médicos da Zona Sul, as escalas que estão a ser elaboradas para suprir a ausência dos médicos em protesto «desrespeitam totalmente o enquadramento laboral dos horários da administração pública e significam potenciais riscos para os utentes», já que representam uma sobrecarga horária para os médicos em serviço. A título de exemplo, o sindicato refere que «existe um médico que se encontra escalado para o serviço de urgência 21 dias seguidos, sendo 14 dias em turnos de 24 horas e sete em turnos de 12 horas».

Em causa está o desrespei-

to do Decreto-Lei 92/2001, de 23 de Março, que resultou de um acordo entre a Federação Nacional dos Médicos, em que o Sindicato dos Médicos é filiado, e a tutela, determina que o pagamento das horas extra em urgência deve ser idêntico para todos os clínicos, independentemente do regime de trabalho em que estes se encontram.

O presidente do SMZS, Mário Jorge Neves, afirmou à Lusa que já fez chegar ao Ministério da Saúde documentos que comprovam que o CHC é uma unidade onde «é indiscutível que os critérios estão a ser cumpridos desde há muito» e que «não há justificação absolutamente nenhuma para que o CHC, ao fim de cinco meses, não esteja a receber» de acordo com o diploma.

«Os Verdes» acusam Governo de permitir a destruição do litoral e fazem propostas para impedir um mal maior

Algarve a saque

O PEV considera que o litoral português foi vítima de um crescimento desenfreado que utilizou recursos naturais e provocou uma acentuada degradação ambiental. Os governos nada fizeram para o impedir.

Exemplo maior desta degradação é o Algarve que, segundo «Os Verdes» afirmaram na conferência de imprensa realizada no passado dia 2, depara-se com «paisagens descaracterizadas, falésias destruídas, caos urbanístico, desordenamento do território, habitats ameaçados, poluição, escassez de água, betonização do litoral, engarrafamentos sem fim».

Iniciada há muito, e apesar dos sucessivos avisos, esta destruição do litoral algarvio não cessou com a subida à chefia do Governo do Partido Socialista, que revelou a mesma ausência de política que os anteriores executivos. Para provar esta acusação, exemplos não faltam: a pilhagem ilegal das areias continuou, nomeadamente no Parque Natural da Ria Formosa; a apropriação privada do espaço público manteve-se; a autorização para construção em zonas de risco mantém-se como prática generalizada, de que a Praia da Rocha, Monte Gordo ou Cacela são alguns exemplos; a ocupação do litoral, mesmo em dunas primárias, como na Mata de Monte Gordo, permite a construção de um aparthotel, mesmo com o parecer desfavorável da CCR do Algarve.

Além de tudo isto, os ecologistas consideram que uma nova praga invadiu o Algarve: as marinas e tudo o que as acompanha - centros

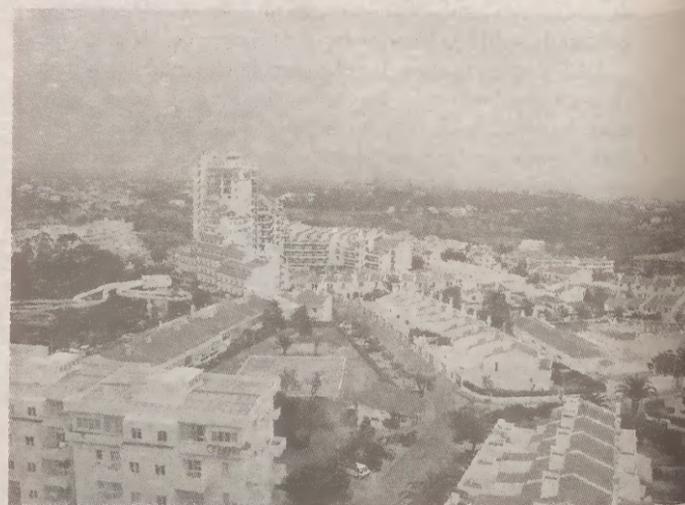
comerciais, hotéis, aldeamentos, empreendimentos turísticos. Em Portimão destruindo a foz do rio Arade, em Albufeira chegando mesmo a dinamitar arribas e destruindo dezenas de hectares de solos.

Interesses destrutivos

Além do que já está destruído, o Partido Ecologista «Os Verdes» lembra que o mar ganha cerca de dez metros por ano à costa devido, em muito, aos malefícios da pressão urbanística e da

«Os Verdes» opõem-se à construção de mais marinas e campos de golfe

pilhagem das areias, pelo que entendem ser «tempo de dizer basta!», fazendo ao Governo uma série de reivindicações tendentes a salvar o que ainda for possível e a opor-se a novos ataques à região. A suspensão do processo de ocupação no sotavento algarvio e a não viabilização dos projectos que se encontram em fase de análise e alguns deles já



Governo cede a interesses especulativos

com pareceres negativos, nomeadamente no que respeita a Castro Marim, Mata de Monte Gordo, Quinta da Ria, Tavira, Ludo, Vale do Garrão, Vilamoura, Praia da Falésia, Galé, Senhora da Rocha, Arade e ria do Alvor são algumas das exigências dos ecologistas.

A «inviabilização do megaprojecto do Pontal, que se propõe destruir a única zona verde de todo o Algarve, cerca de 626 hectares de pinhal para, em pleno coração do Parque Natural da Ria Formosa, instalar 1200 fogos e cerca de 10 mil pessoas, para servir os interesses da especulação imobiliária e do Euro 2004» e a «proibição da construção da

via rápida de acesso ao novo estádio de futebol, no traçado previsto e que, a concretizar-se, iria cruzar o PNRF e a sua zona mais sensível (junto ao Ludo), atingindo-o de modo irreversível», são outras das grandes reivindicações do PEV.

Na conferência de imprensa «Os Verdes» deixaram ainda expresso o seu desacordo com a construção dos 50 campos de golfe previstos, cujo consumo de água é correspondente ao de 350 mil pessoas, bem como de mais marinas do que aquelas que já estão em execução, pois os «pedidos de mais de 2216 lugares de amarração são, a prazo, a morte da Ria Formosa».

Agricultura

A falência está às portas

A Confederação Nacional da Agricultura (CNA) desafiou, no passado dia 2, o Governo a agir no sentido de evitar uma situação de falência a muitos agricultores portugueses afectados pelo mau tempo, considerando inadmissível «que se invoque a «contenção orçamental» para não accionar os mecanismos legais e outros apropriados para uma situação dramática como esta». A situação foi provocada pelas trovoadas, vendavais e quedas de grão ocorridas na passada semana, que provocaram a destruição nos campos e culturas do Ribatejo, Beira Litoral, Trás-os-Montes e muitas

outras regiões do País, destruindo centenas de hectares de tomate e de milho e dezenas de hectares de arroz, beterraba, fruta, pimento, melão e vários produtos hortícolas. Também vários palheiros, celeiros e estufas foram atingidos, aumentando assim a gravidade do sucedido.

A CNA entende que, perante esta grave situação, torna-se imperativo que o Governo aja no sentido de executar, urgentemente e com a colaboração dos agricultores e suas organizações, o levantamento exaustivo dos prejuízos verificados, accionando os mecanismos legais respeitante ao Seguro

de Colheitas de forma a que os agricultores sejam indemnizados pelo montante das perdas sofridas. Dado o carácter excepcional da situação, a CNA exige do Governo que tome medidas de excepção, tais como a prorrogação do crédito, sem juros, apoios financeiros de incentivo ao relançamento da actividade agrícola e a isenção da contribuição para a Segurança Social. Para os agricultores que não tenham efectuado seguros, a CNA propõe que o Governo os apoie, mediante o compromisso dos agricultores de efectuarem os seguros para a próxima colheita.

Polícias processam Portugal

O Conselho Europeu dos Sindicatos de Polícia (CESP) apresentou em Julho, em Estrasburgo, uma queixa contra Portugal, por ser «o único membro da União Europeia que não reconhece a liberdade sindical aos polícias.» Segundo a Lusa, o CESP, pela mão do seu secretário-geral, Gérard Greneron, apresentou no mês passado uma reclamação colectiva contra o Estado português entregue na Direcção-Geral dos Direitos do Homem do Conselho da Europa, que será em seguida analisada pelo Comité Europeu dos Direitos Sociais (CESD) do Conselho da

Europa, um organismo composto por nove especialistas. Segundo consta, a reclamação foi acompanhada de documentos, protocolos e instrumentos de ratificação da Carta Social Europeia, como prova da falta de liberdade dos agentes das forças de segurança nacionais.

O CESP, organização não-governamental que representa mais de 300 mil polícias de 16 estados europeus, acusa Portugal de assumir «uma atitude totalmente anacrónica em relação à imagem democrática que ostenta nas instâncias europeias».

● Domingos Mealha
texto

● Jorge Cabral
fotos

Produtores desesperados com os preços do melão

Vidas em saldo

O melão do Ribatejo está saboroso, a produção foi em boa quantidade, mas este ano é, para os seareiros de Alpiarça, o mais negro de que há memória desde há décadas. Só conseguem vender a fruta a metade do valor que custa produzi-la.

Não é apenas o melão que está em saldo, nem a melancia... O presente e o futuro de centenas de famílias estão postos em causa pela liberalização do comércio agrícola, feita para favorecer os grandes potentados agro-industriais e para atirar para um abstracto «mercado» as responsabilidades concretas de quem tomou e toma decisões políticas. Juntamente com a fruta, estão vidas em saldo.

São atribuídas responsabilidades ao actual Governo e aos que abdicaram da agricultura nacional, quando negociaram as condições de adesão de Portugal à CEE. Os comunistas levam o drama à Assembleia da República e apontam aos agricultores o caminho da unidade, da organização e da luta.

É precisamente da falta de unidade e das consequentes debilidades ao nível organizativo que mais se lamentam os produtores com que a nossa reportagem falou em Alpiarça.

Para o Mercado do Carril, criado há uns dez anos, por iniciativa da Câmara Muni-

cipal dirigida então pela CDU, os produtores de melão, melancia e outras frutas e produtos hortícolas do concelho trazem todos os dias o resultado do seu investimento e do seu trabalho durante meses. Aqui aguardam, enquanto há sol, que os intermediários se interessem pelo produto exposto e ofereçam um preço justo. Como o

tempo não pára e no campo há mais fruta por apanhar, acabam por vender muito abaixo do que seria de justiça. Seja por interesse comercial ou seja por pudor, alguns escondem dos vizinhos o verdadeiro valor deste ou daquele negócio. Mas a consternação e a revolta sentidas no mercado evidenciam um mal profundo que atinge todos.

De acordo com as regras impostas pela União Europeia (e aceites sem luta pelos governos do nosso país), os agricultores não podem ser subsidiados. Nem

De Espanha a enchurrada

nas os menores custos de produção que justificam aquele valor e admite que os produtores espanhóis não-de ser, de alguma forma, apoiados pelo Estado, ainda que

em todos os países, contudo, os produtores de fruta se vergaram às normas de Bruxelas.

Em Espanha, desde a abertura total das fronteiras, floresceu a produção de melão branco para venda exclusivamente em Portugal, com os espanhóis a conseguirem praticar preços abaixo das 20 pesetas. São comercializados cá a 20 ou 25 escudos.

Celestino Brasileiro afirma que não podem ser ape-

através dos governos regionais. «Devem ter conseguido isso porque estão mais organizados e mais unidos do que nós e têm mais poder de reivindicação», reconhece.

Sem qualquer controlo aduaneiro e sem fiscalização no comércio, o melão de Espanha até pode ser facilmente vendido como nacional ao consumidor português.

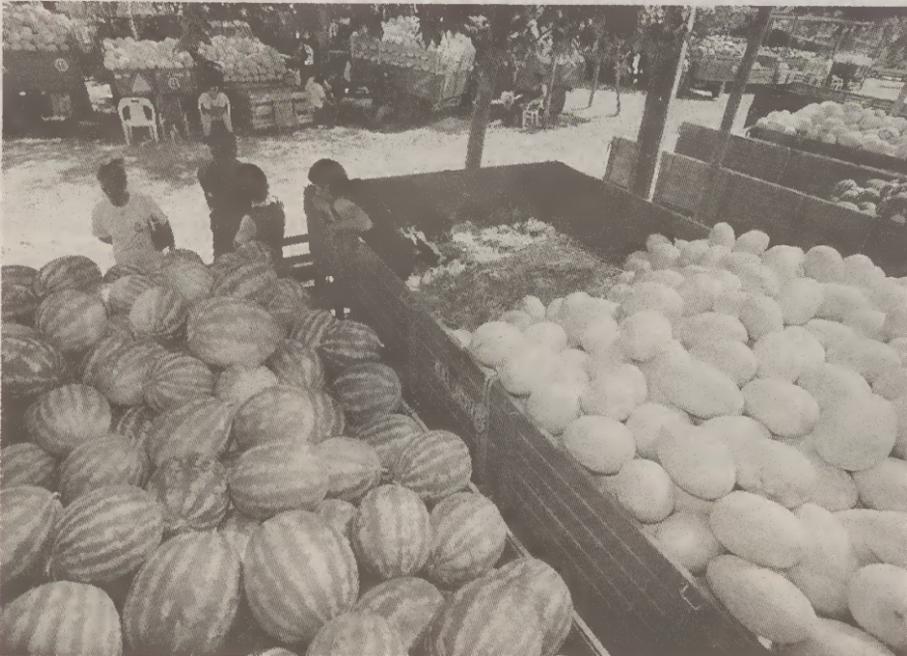
Em ano de colheita mais abundante, a entrada da fruta espanhola agravou a

saturação do mercado e os preços no produtor baixaram até níveis desesperantes.

«Quem comercializa acaba por não perder, tem a sua margem garantida; o consumidor também ganha, porque há alguma baixa nos preços; o produtor nacional é que fica a perder» – resume Abel Pereira. O presidente da associação refere que, em tonelagem, o melão espanhol vendido em Portugal terá já ultrapassado, este ano, o português.



Abel Pereira tem 65 anos, trabalha a terra desde pequeno. Foi operário agrícola, esteve 7 anos emigrado em França, mas a maior parte da vida foi dedicada à seara de melão, tendo apenas como companheira de trabalho a sua mulher e por limite de exploração os três hectares. Em 1996 foi operado ao coração e desde então está reformado. É presidente da Associação de Produtores de Melão de Portugal, e gostaria de ver mais activos os cerca de 300 sócios. A sua actividade política começou aos 13 anos, no MUD Juvenil, depois no PCP. Regressado de França em 1976, retomou a militância e faz parte da Comissão Concelhia de Alpiarça.



À espera de compradores, os meloeiros desesperam e sujeitam-se a ofertas que chegam a ser humilhantes

Para uma solução sólida

Para Celestino Brasileiro, o prejuízo da colheita deste ano é irreversível e pode, quando muito, ser minorado pela diminuição da oferta espanhola. O dirigente associativo mostra-se seriamente preocupado com o futuro e é nessa perspectiva que defende medidas de fundo. «Os espanhóis ganharam muito este ano, portanto, na próxima Primavera, vão semear ainda mais melão destinado a Portugal», prevê, sublinhando que estão em causa muitas famílias, especialmente nos casos em que os produtores tiveram que recorrer a empréstimos bancários.

Abel Pereira e Celestino Brasileiro recordam que o PCP, com as associações e a Confederação Nacional da Agricultura, denunciaram que, nas negociações para a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia, não foram acautelados os interesses dos agricultores portugueses. «Chamaram-nos muitos nomes, mas a verdade é que estamos agora todos a pagar o preço e alguns vão mesmo ficar pelo caminho», lamenta Celestino.

A preocupação e o alerta têm merecido atenção na comunicação social e levaram ao mercado de frutas de Alpiarça a deputada do PCP eleita pelo distrito de Santarém. Luísa Mesquita esteve no Carril a 27 de Julho e apresentou na semana passada, na Assembleia da República, com Agostinho Lopes, um requerimento sobre este problema. O Governo, através do Ministério da Agricultura, é solicitado a esclarecer que medidas prepara ou tem em curso «para responder à crise conjuntural que vivem os meloeiros de Alpiarça, Almeirim e outros do distrito de Santarém»; os deputados comunistas questionam ainda «que apoios podem ser considerados para a comercialização do melão e que ajudas estão previstas para o desenvolvimento de organizações de produtores»; por fim, perguntam se «está ou não em curso algum processo para a classificação e certificação de origem do melão ribatejano».

Os dirigentes associativos, acentuando o drama que atinge muitas famílias de agricultores, entendem que o esforço para encontrar uma solução deve envolver Governo, produtores e estruturas associativas, autarquias... A par da organização dos seareiros, em associações ou cooperativas, deveria criar-se uma certificação de origem.

Lembrando que, «se fosse em Espanha, eles não ficavam quietos», Celestino Brasileiro diz que os produtores portugueses «não se devem lembrar das associações só quando há problemas» e admite que acabe por ser determinante a capacidade de «encetar formas de luta».



Celestino Brasileiro, de 42 anos, é dirigente da Associação de Produtores de Melão de Portugal, da Federação de Agricultores do Distrito de Santarém e da Confederação Nacional da Agricultura. Exerce a sua actividade de agricultor juntamente com um sócio, empregando uma dezena de pessoas durante quase todo o ano. Além de melão e uvas, produzem também outros produtos hortícolas e exportam alho francês. Desde 1976 está ligado ao PCP, primeiro na Juventude e depois em várias tarefas. Durante quase 20 anos fez parte da Concelhia e desenvolve hoje trabalho na área das autarquias, eleito pela CDU na Assembleia de Freguesia de Alpiarça.



A fruta é vendida por metade do preço que custa produzi-la

Contas de perder

Cada hectare de melão, explicou ao Avante! o presidente da Associação de Produtores de Melão de Portugal, custa cerca de mil contos. As contas, em números redondos confirmados por outros agricultores no Carril, incluem a renda do terreno (entre 200 e 300 contos), as sementes, os adubos, os pesticidas, o plástico, o trabalho. Numa colheita, em média, dificilmente é ultrapassado o rendimento de 20 toneladas por hectare – o que significa um preço de

custo de 50 contos por tonelada. No caso da melancia, o custo da tonelada andarà pelos 20 contos.

O Ministério da Agricultura, num estudo referido por Abel Pereira e também por Celestino Brasileiro, confirmava há 2 ou 3 anos que o melão custa, na produção, cerca de 50 escudos por quilo.

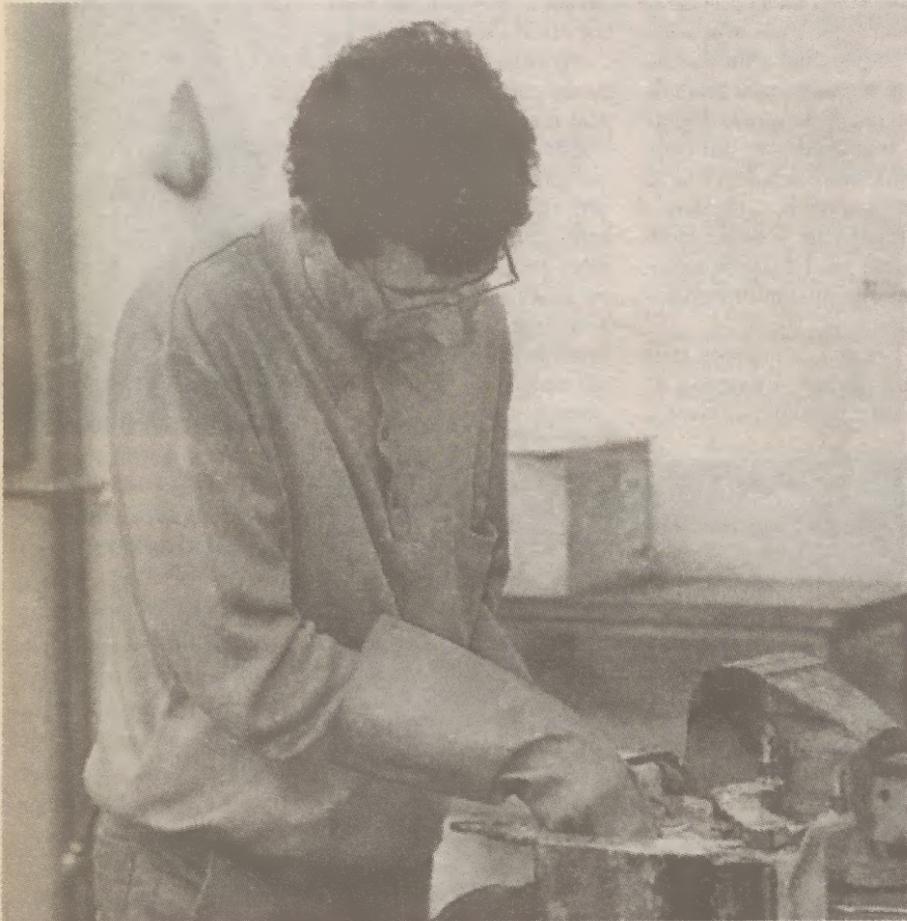
No mercado do Carril, sexta-feira passada, o melão vendia-se a 30 escudos.

A melancia andava pelos dez, mas confidenciaram-nos

que já tinha atingido nesse dia preços ainda mais baixos. «Nem dá para o trabalho de apanhar as melancias do chão», desabafou um agricultor, ainda com a memória em carne viva, depois de na última semana ter vendido apenas 650 quilos de melancia, a 20 escudos o quilo. O vizinho, aproveitando a deixa, apresentou outros números: «Para escoar a melancia, devia tirar uma carrada por dia; ora, nesta altura, estou a tirar uma carrada por semana.»

CGTP denuncia falta de cumprimento de acordos com graves prejuízos para quem trabalha

Calamidade gritante



A prevenção dos acidentes tem que ser uma preocupação política dos governos, o que não tem acontecido

Está por cumprir o que foi acordado

Os atrasos na implementação dos acordos sobre Emprego e Formação e Higiene e Segurança, assinados em 9 de Fevereiro deste ano, no âmbito da Comissão Permanente da Concertação Social. Este facto, acusa a CGTP, compromete o necessário e urgente combate à sinistralidade laboral e vulnerabiliza o emprego.

Mais do que as boas intenções declaradas, os actos é que poderiam alterar o panorama – nomeadamente os actos do Governo, por cuja responsabilidade não está a ser cumprido o calendário de execução previsto para aqueles acordos, assinados por todos os parceiros sociais.

Segurança no trabalho

A CGTP declarou que «rejeita liminarmente que aconteça com o Acordo de Segurança, Higiene e Saúde no local de trabalho, assinado em 9 de Fevereiro deste ano, o mesmo que aconteceu com o Acordo de Segurança, Higiene e Saúde no trabalho, assinado em 30 de Julho de 1991». Neste último caso, «muitas das medidas preconizadas levaram anos e anos para serem regulamentadas e não foram aplicadas, muitas ainda não foram sequer regulamentadas».

É exigido «o cumprimento imediato do plano de curto prazo, com vista a reduzir os acidentes de trabalho nos sectores com maior sinistralidade, bem como das doenças profissionais». A CGTP realça que, «se se quer reduzir os acidentes de trabalho, o plano de curto prazo não pode ter como objectivo, essencialmente, a feitura de manuais e medidas de sensibilização», mas tem que garantir «o aumento da fiscalização e a criminalização de práticas contrárias às normas e legislação em vigor».

Os compromissos havidos não estão a ser concretizados e, apresentando resultados de um levantamento realizado pela CGTP, esta deixa «um sinal de alerta ao

Governo», expresso em dez pontos concretos onde se verificam atrasos consideráveis.

Política de emprego

No que toca ao Acordo sobre Política de Emprego, Mercado de Trabalho, Educação e Formação, a CGTP afirma que «foram já ultrapassados os prazos de todas as medidas a executar até 6 meses (Agosto de 2001) e o mesmo acontecerá às medidas que têm prazos mais alargados, se for mantido o mesmo ritmo de execução».

Nas medidas até 6 meses, a central destaca, por ainda **nem sequer se ter iniciado o processo**, a adopção do programa de gestão preventiva das crises empresariais, mas também o atraso verificado na cláusula de formação nos contratos de trabalho dos menores ou o certificado de formação profissional normalizado.

«Não se conhece ainda nada» sobre medidas como o direito a um mínimo de horas de formação anual para cada trabalhador; participação de 10 por cento de trabalhadores de cada empresa na formação a partir de 2002; informação e consulta aos trabalhadores sobre os planos de formação nas empresas; ou o condicionamento dos apoios às empresas ao respeito pela legislação. O próprio Governo reconheceu que, relativamente às duas últimas matérias, a situação é a mesma que se verificava no dia da assinatura do Acordo, o que quer dizer que nada foi feito em matérias por todos consideradas importantes.

Como, por outro lado, várias medidas dependem do Conselho Consultivo Nacional para a Formação Profissional (caso do diploma que estabelecerá uma relação de equivalência entre formação profissional, níveis de certificação e níveis de escolaridade, que tem o prazo de 1 ano), a CGTP reclama a sua entrada em funcionamento «o mais rapidamente possível», mas o Governo ainda não disse quando tal acontecerá.

Houve mais de 48 acidentes de trabalho por dia, que provocaram uma média diária de quase 3 mortes. Estes dados levaram a CGTP a considerar que a sinistralidade laboral é «uma verdadeira calamidade», a exigir tanta preocupação como os acidentes que se verificam nas estradas.

Em conferência de imprensa, a CGTP-IN reportou-se às estatísticas do Ministério da Justiça, onde há registo de 263 658 acções findas, por

acidentes de trabalho; destes resultaram 14 374 acidentes mortais, de 1980 até 1999.

Registando positivamente que, nos últimos tempos, tem havido uma maior preocupação na sociedade, em relação aos acidentes rodoviários e às formas para os combater, a Intersindical Nacional lembra, na extensa documentação distribuída dia 2 aos jornalistas, que «muitos dos acidentes rodoviários são também acidentes de trabalho, pois são consequência da falta de descanso dos trabalhadores rodoviários, e de horários brutais a que estão sujeitos pelas entidades patronais». «É necessário igual preocupação e sensibilização da sociedade e, acima de tudo, tomada de medidas urgentes para combater os acidentes de trabalho e as doenças profissionais», afirma a *Inter*, que considera «inaceitável que todos os dias morram trabalhadores por causas em que a reincidência na violação de normas de segurança, por parte das entidades patronais, é permanente, nomeadamente na construção civil».

Indiferença

Os números oficiais, citados pela central, mostram ainda que **muitos jovens perdem a vida a trabalhar**: desde 1990 até 1999 morreram 495 trabalhadores, com menos de 20 anos, e 5 105, com idades entre os 20 e 39 anos. Para a CGTP, «é repugnante observar que a sociedade já esteja tão habituada a conviver com estas brutalidades, que tudo corre como se nada de grave estivesse a acontecer».

Para além das mortes, há milhares e milhares de trabalhadores que ficam **incapacitados para o resto da vida**, sem mais poderem trabalhar, excluídos da vida social e da vida familiar, e a quem é atribuída «uma reparação material miserável e nenhuma reparação moral».

Quanto aos trabalhadores **incapacitados para o tra-**

balho habitual, afirma a CGTP que «muitos foram despedidos pelos patrões que antes não cumpriram com as normas de segurança e de saúde no local de trabalho». Estes trabalhadores «são votados ao abandono, pois não há praticamente integração médica nem profissional em Portugal», numa situação que «é

uma vergonha».

A CGTP protestou também quanto ao que se passa nos casos de **doenças profissionais**. «Em resultado de grande parte dos médicos de família, ou do trabalho, não fazerem as participações obrigatórias que é exigido por lei, quando pre-

sumem que o ambiente de trabalho pode ser causador duma doença profissional, os números de pensionistas declarados em função destas doenças, são diminutos em relação às condições ambientais em que os trabalhadores laboram». Por este motivo, muitos trabalhadores «são reparados como se de uma doença comum se tratasse», o que lhes traz «prejuízos brutais»: na reparação por doença profissional, os trabalhadores recebem mensalmente maior subsídio, não pagam qualquer valor pelos medicamentos, não pagam taxas moderadoras e, em caso de sofrerem incapacidade, têm direito a uma pensão mais elevada.

«É urgente tomar medidas para pôr cobro a tais injustiças», reclamou a CGTP, sublinhando que «as condições de trabalho e a prevenção dos acidentes e doenças profissionais, nas empresas, têm de deixar de ser o parente pobre das preocupações políticas dos governos».

Emprego mais

A par da elevada sinistralidade, a CGTP alertou para o facto agravante de o trabalho por conta de outrem estar em situação cada vez mais vulnerável.

Nos últimos anos, denunciou a central, foram muitos os esquemas encontrados pelos patrões para empurrarem os trabalhadores mais velhos, mas ainda em idade activa, para fora do mercado de trabalho. Desde 1996 a 2000, **mais de 100 mil** trabalhadores passaram à reforma antecipada devido ao desemprego, tendo a Segurança Social gasto, em apenas 3 anos, 63 milhões de contos com estas reformas. Entretanto, Portugal é o país da União Europeia que tem a maior percentagem de população adulta, com o nível educacional mais baixo e onde o abandono escolar precoce é mais elevado, sendo ao mesmo tempo um dos países em que a proporção da população a frequentar educação ou formação é mais baixa – 3,3 por cento.

Por outro lado, prossegue a destruição do aparelho produtivo, continuam os despedimentos disfarçados de rescisões por mútuo acordo, são encerradas empresas que nem sequer pagam as indemnizações legais. Alguns exemplos recolhidos pelas estruturas sindicais permitiram verificar que, entre rescisões por mútuo acordo, despedimentos colectivos e encerramentos de empresas, **foram já destruídos desde o início do ano 7700 postos de trabalho**, destacando-se o caso da Coela, em Vila das Aves, com 1600 trabalhadores, e da Samsung, com 1200. Há, pelo menos, **mais 2 mil** trabalhadores que têm o emprego ameaçado, entre os quais 750 na TAP.

A frágil situação do trabalhador, nas relações laborais, é ainda agravada pela proliferação de «esquemas ilegais de prestação de trabalho, em que parte significativa da retribuição é feita à margem do salário declarado e em que os trabalhadores são convidados e forçados a aceitarem horas extra, quantas vezes não pagas, a desenrascarem-se no «gancho», no biscate e em pluriocupações mal remuneradas».

Imigrantes

Cobrar uma taxa de 15 contos para a emissão das autorizações de permanência aos imigrantes que tentam a legalização em Portugal é uma decisão que foi «liminarmente» rejeitada pela CGTP-IN na passada sexta-feira. Para a central, a cobrança da taxa reflecte «uma abordagem economicista da realidade». Em contrapartida, a Inter reivindica «um tratamento solidário para todos os trabalhadores» e reafirma a exigência de que os imigrantes «sejam dignamente recebidos pelos serviços competentes». O Ministério da Administração Interna confirmou à Lusa a pretensão de aplicar uma taxa, cujo valor ainda não está definido e que só poderá ser cobrado com a publicação e entrada em vigor das portarias regulamentadoras da lei de regularização extraordinária, prevista para Outubro. Desde 22 de Janeiro, refere a agência, os serviços do SEF legalizaram 86 392 imigrantes, dos quais 29 796 são oriundos da Ucrânia, 16 083 do Brasil e 6 357 da Moldávia.

Professores

Vindos de vários países da Europa, cerca de cem docentes participaram no encontro que o Sindicato dos Professores no Estrangeiro e a Fenprof levaram a cabo, de quinta-feira a sábado, em Sabrosa – noticiou a Agência Lusa, referindo, como principais problemas apresentados, a falta de formação profissional, de apoio logístico e de condições de trabalho para leccionar o Português com qualidade. O secretário-geral da Fenprof, em declarações prestadas à margem do encontro, salientou que o Estado tem de «dignificar a língua e a cultura portuguesa e expandi-la, criando para o efeito melhores condições a nível socioprofissional e de apoio logístico aos cerca de 700 professores que leccionam português no estrangeiro». Estando em causa «aquilo que pode unir os portugueses no mundo inteiro, que é um bom domínio da língua e da cultura portuguesas», Paulo Sucena afirmou a necessidade de vontade política e de medidas de apoio financeiro no próprio Orçamento de Estado.

Mandata

A falência da vidreira Mandata, da Marinha Grande, foi pedida ao tribunal no dia 20 de Julho, por uma empresa italiana que reclama o pagamento de uma dívida de 15 mil contos. Segundo Sérgio Moiteiro, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira, o requerimento da Svema coloca em causa o processo de recuperação da empresa. Para contrariar o pedido e assegurar os direitos dos 200 trabalhadores, o sindicato accionou o seu gabinete jurídico. No início de Julho, os trabalhadores da Mandata entraram em greve, reclamando o pagamento de salários em atraso, dívidas que já foram liquidadas. Sérgio Moiteiro reafirma que a Mandata continua a ser viável.

Contra imposição de horários

Fricarnes em luta

Pela primeira vez, os trabalhadores recorreram à acção colectiva, quando a empresa decidiu unilateralmente alterar os horários de trabalho.

Domingo à tarde, pela primeira vez na história da empresa, iniciou-se uma greve na Fricarnes, em Mem Martins. Ao fim de duas décadas a trabalhar em regime de horário fixo, os trabalhadores foram surpreendidos com a decisão da administração de introduzir a laboração por turnos; um destes turnos teria início, precisamente, a meio da tarde de domingo.

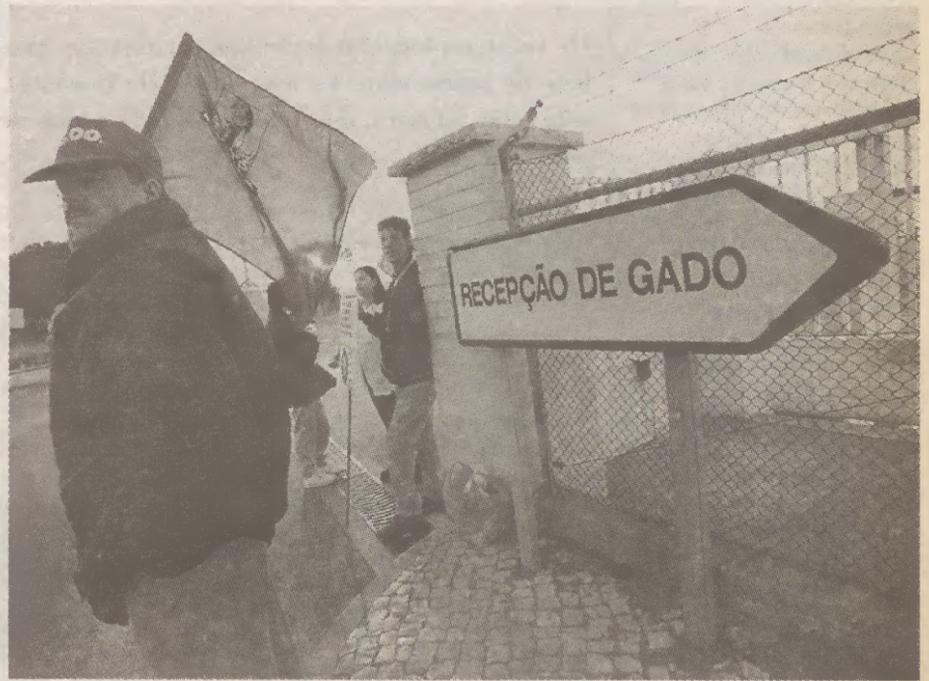
Contra a exigência legal, não foi solicitado parecer dos representantes dos trabalhadores, nomeadamente do STIAST/CGTP. Mesmo assim, a Inspeção do Trabalho autorizou a mudança de horário. «Esgotadas as possibilidades de diálogo, os trabalhadores decidiram ir para a greve», referiu ao *Avante!* o dirigente sindical Mário Rui Lopes, indicando um nível de adesão da ordem dos 90 por

cento. Só não paralisaram alguns trabalhadores, designadamente um grupo de imigrantes, sob os quais pesa a ameaça de rompimento dos contratos e repatriamento. O dirigente do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Alimenta-ção do Sul e Tabacos acusou ainda a Fricarnes de ter violado a lei da greve, tentando impedir a actuação dos piquetes.

A Inspeção do Trabalho autorizou uma ilegalidade

«Pedimos a intervenção da Inspeção do Trabalho, mas não funciona», protestou Mário Rui Lopes.

A greve, decretada por um período não definido, acabou por ser levantada. «Os trabalhadores ganham pouco e fazer greve representa um grande sacrifício, porque são descontados os dias de paralisação», explicou o sindicalista. Contudo, o combate vai prosseguir, com recurso à via



Encerrado o matadouro de bovinos, vêm de Espanha carcaças congeladas

judicial, e não está excluída a possibilidade de convocar novas acções de luta.

A Fricarnes ocupa mais de uma centena de trabalhadores e foi recentemente adquirida pelo grupo espanhol Campofrio, que «quer liquidar» a empresa de Mem Martins, acusa o dirigente do

STIAST, reportando-se a alguns factos concretos. Um destes tem a ver com o matadouro de bovinos, o único no concelho de Sintra e que, contrariando compromissos assumidos publicamente, foi encerrado. Aquela unidade, recorda Mário Rui Lopes, beneficiou de avultados sub-

sídios comunitários e do Estado português. Agora, as carcaças dos bovinos são trazidas de Espanha para a Fricarnes.

Jaime da Mata, vereador da CDU na CM de Sintra, esteve na empresa durante a greve, expressando solidariedade aos trabalhadores.

Tribor ocupada há mais de dois meses

Os trabalhadores da Tribor, em Vila Nova de Famalicão, mantêm-se desde 5 de Junho nas instalações da empresa, contestando o despedimento colectivo e impedindo a saída de bens ou documentação.

A assinalar a entrada no terceiro mês de ocupação ininterrupta da Tribor, o Sindicato dos Trabalhadores da Química, Farmacêutica, Petróleo e Gás do Norte revelou que, já por três vezes, neste período foram detectados e extintos pelos funcionários focos de incêndio. «A delegação do IDICT de Vila Nova de Famalicão e o Ministério do Trabalho não poderão deixar de ser responsabilizados pelas consequências decorrentes da sua omissão,

numa situação que atenta contra os mais elementares direitos dos trabalhadores», afirma o Sinorquifa/CGTP, numa nota à comunicação social.

Ílícito impune

A permanência dos trabalhadores nas instalações da Tribor Indústria de Borracha, em Poiães, foi decidida quando a fábrica deixou de laborar, no dia 1 de Junho, após um processo onde o sindicato detectou «contornos de práticas fraudulentas, a que não serão estranhos interesses imobiliários».

Como noticiámos oportunamente, a falência da Tribor foi solicitada no final do ano pas-

sado pela Bescleasing, por falta de pagamento das prestações de uma dívida de 192 mil contos, que implicou a hipoteca do edifício e terrenos onde se encontra instalada a empresa. Contudo, a falência foi indeferida em Abril. A administração enviou aos 70 trabalhadores cartas a anunciar o despedimento colectivo, em termos que levaram a própria Inspeção do Trabalho a considerar tal despedimento como «ílcito». Deixando sem solução as dívidas à Segurança Social e ao Estado, e não pagando aos trabalhadores os salários de Janeiro e Maio, nem os retroactivos devidos pela actualização salarial, a administração ausentou-se para parte incerta.

A 6 de Julho, finalmente, foi possível reunir representantes da administração e dos trabalhadores com o responsável do IDICT de Famalicão. A empresa não contestou a ilicitude do despedimento, mas mostrou-se insensível ao problema social. «Não apresentando qualquer proposta objectiva e sustentada, susceptível de reparar o mal que causou», a administração mostrou-se interessada em «desmobilizar os trabalhadores, no sentido de estes permitirem a saída e a venda em segredo, sem que os credores soubessem, da enorme quantidade de stock de produto acabado» – denunciou, na altura, o sindicato.

Nessa reunião, em que os representantes patronais tam-

bém não deram resposta satisfatória a questões pertinentes sobre o recurso a trabalho domiciliário ilegal ou sobre os rendimentos que continua a auferir com o aluguer de parte das suas instalações a duas empresas «com subfacturação», foi apontado como «particularmente grave» o facto de o delegado da Inspeção do Trabalho ter assumido «uma actuação mediadora omissa, com se lhe fosse indiferente e estranha a violação de direitos constitucionais e o desrespeito reiterado da lei». Passado mais um mês, «a delegação do IDICT, com o convívio do Ministério do Trabalho, permanece apática», acusou segunda-feira o sindicato.

«Incentivo» da PT usado como castigo



Não à renúncia de direitos

No «Sistema de Objectivos e Incentivos» da PT Comunicações, aplicado unilateralmente pelos responsáveis da gestão, os prémios são atribuídos em função de um conceito de absentismo que tem sido contestado pela Comissão de Trabalhadores. Em vésperas de férias, a CT da PT voltou a fazer um apelo aos representantes dos trabalhadores para «que se mobilizem contra uma remuneração variável que viola a Constituição da República Portuguesa, as leis e o Acordo de Empresa negociado e acordado livremente pelas partes».

No SOI aplicado aos trabalhadores, são contabilizadas para definição da taxa de absentismo todas as ausências, com excepção das férias, folgas e descanso compensatório. A CT recusa que, desta forma, a empresa procure penalizar os membros de ORTs e outras ausências justificadas, como as que têm a ver com direitos de maternidade/paternidade, bombeiros voluntários, dadores de sangue,

autarcas, membros de mesas de voto, trabalhadores-estudantes, participação em plenários, idas a tribunal, casamento, luto... «Este «incentivo» não pretende aumentar a produtividade e a «meritocracia», mas sim desregular», acusa a CT, «pois se um trabalhador tiver um problema de saúde ou um acidente de trabalho no primeiro trimestre e ultrapassar os doze dias de ausência não recebe um chavo de SOI nesse ano, embora possa atingir todos os objectivos profissionais e ter um desempenho excepcional».

Para a CT, é necessário «lançar uma grande discussão sobre a retribuição do trabalho», que de forma alguma pode estar «dependente da renúncia a direitos» consagrados. Em contraste com o SOI para os trabalhadores, as administrações da PT «nunca quiseram pôr em causa o nepotismo político dos seus apaniguados, cujo mérito objectivo é apadrinhado nos bastidores ou no exterior», denuncia a CT.

Greve em Moçambique

Os trabalhadores da empresa Portos e Caminhos-de-Ferro de Moçambique (CFM) iniciaram segunda-feira uma greve por tempo indeterminado, reivindicando aumentos salariais e outras regalias sociais. A decisão foi tomada à revelia dos sindicatos da empresa, em quem os trabalhadores dizem não confiar, apesar de estes estarem desde 6 de Julho último a discutir com a CFM um caderno reivindicativo. Segundo a Lusa, os CFM – a maior empresa moçambicana – estão actualmente num processo de reestruturação que implicará o despedimento de 12 mil dos cerca de 18 mil trabalhadores que possui. O programa de racionalização da mão-de-obra dos CFM conta com um financiamento de 130 milhões de dólares (cerca de 29,5 milhões de contos) para o pagamento de indemnizações, requalificação profissional e incentivos à criação de micro-empresas.

Desemprego na Alemanha

A taxa de desemprego na Alemanha subiu em Julho pelo sétimo mês consecutivo, situando-se nos 9,2 por cento, contra os 8,9 por cento do mês anterior, anunciaram fontes oficiais. Segundo os dados agora divulgados, o número de desempregados aumentou em 11 mil, em termos ajustados sazonalmente. Esta situação, que segundo os analistas reflecte o abrandamento do crescimento económico na Alemanha, poderá obrigar o Banco Central Europeu a baixar as taxas de juro numa tentativa de inverter a situação.

Novo governo na Indonésia

O vice-presidente da Indonésia, Hamzah Haz, garantiu que o novo governo da presidente Megawati Sukarnoputri será nomeado hoje, explicando que o atraso na nomeação se ficou a dever ao facto de Megawati querer formar uma verdadeira equipa para resolver os problemas do país. Ainda segundo Hamzah Haz, o executivo contará com 32 ministros, mais seis do que o anterior governo do presidente Abdurrahman Wahid, destituído no dia 23 de Julho.

Refugiados sérvios atacados

Uma coluna de viaturas com refugiados sérvios que regressavam ao Kosovo foi atacada anteontem por homens armados perto da cidade kosovar de Podujevo, a nordeste de Pristina. O ataque foi confirmado pela ONU, que administra o território desde 1999, e provocou três feridos.

Militantes de todas as organizações palestinas constam de uma lista negra de pessoas a assassinar

Israel assume terrorismo de Estado

Os serviços secretos israelitas divulgaram uma lista de palestinos a assassinar. De imediato, sete estão na mira, mas o total ascende a mais de 50.

Não há memória de uma situação como esta na história moderna dos países ditos civilizados. Assumindo sem pudor o terrorismo de Estado que Israel vem praticando, os serviços secretos (Shim Bet) tornaram pública uma lista de «candidatos a ser eliminados». Os primeiros sete nomes apontados pertencem, segundo o Shim Bet, a «destacados terroristas» de várias facções palestinas, que já estão a ser perseguidos.

A publicação da lista, dizem os serviços secretos, serve «para advertir os palestinos procurados por Israel e para os obrigar a dedicarem todo o seu tempo a fugir e a tentar sobreviver».

Da lista negra constam mais de 50 nomes - há quem fale em 75 - de «implicados em atentados e em outros actos terroristas, e candidatos a serem eliminados», desde militantes do Hamas e da Jihad Islâmica a membros da Fatah e da Frente Popular para a Libertação da Palestina.

Segundo Israel, como as forças de segurança palestinas se recusam a prender e a entregar a Telavive estes alegados «terroristas», cabe agora ao Exército dar-lhes caça e eliminá-los quando julgar conveniente.

Na verdade, não se trata de nenhuma nova estratégia. Desde Setembro do ano passado, em missões visando alvos selectivos, o Exército israelita já assassinou mais de 30 palestinos a quem responsabilizava por cometer ou preparar «atentados terroristas». Foi o que sucedeu no domingo, por exemplo, com Amer Mansur al Judeiri, cujo automóvel foi alvejado por um helicóptero de combate Apache na cidade cisjordana de Tulkarem.

Convivência dos EUA

Esta política de assassinatos não parece chocar as

potências ocidentais. Do seu rancho no Texas, onde passa férias, o presidente norte-americano George W. Bush limitou-se a uma curta declaração através do porta-voz adjunto da Casa Branca, Scott McClellan.

«As duas partes devem reconhecer que continuar nesta via poderá conduzir ao desastre. É necessário que tomem imediatamente medidas para restaurar a calma», disse McClellan.

Perante tamanha passividade, não é de estranhar que o primeiro-ministro israelita, Ariel Sharon, tenha reafirmado no domingo a sua oposição ao envio de observadores internacionais para o terreno para vigiar a situação entre palestinos e israelitas.

«Consideramos de facto que o actual sistema no local, constituído por equipas israelitas e palestinas acompanhadas por representantes da CIA, é a melhor forma de tratar estes problemas complexos», disse. Percebe-se porquê.

Também se percebe que Israel ignore o pedido, formulado o mês passado pelas autoridades palestinas, para que Telavive entregue «60 criminosos israelitas» para serem julgados por um tribunal internacional. Entre eles estão membros das Brigadas da Morte e do Comité para a Segurança das Estradas, dois grupos que reivindicam o assassinato de palestinos, mas Israel não só não os prende como tolera a sua acção.

No léxico próprio da generalidade da imprensa ocidental para o Médio Oriente, «extremistas» e «terroristas» são apenas os palestinos, que «assassinam» sempre «civis» israelitas.

Dos palestinos não se diz que são assassinados; anuncia-se que «morrem» em acções de «represália» levadas a cabo em «legítima defesa» por Israel. Esta é a lógica imperialista.

Mais de 30 palestinos foram assassinados em ataques selectivos



Os assassinatos de palestinos vão continuar

Macedónia

UCK não desarma

As negociações entre macedónios eslavos e albaneses, a decorrer desde finais de Julho em Ohrid, sudoeste da Macedónia, voltaram a cair num impasse. Em causa está a questão do desarmamento do Exército de Libertação Nacional (UCK), que as autoridades macedónias exigem que se faça antes da assinatura de um acordo político global. Diferente é a posição do UCK, cujo porta-voz declarou à France Presse que o desarmamento só poderá ser feito «paralelamente» à aplicação das medidas previstas no acordo político.

As exigências de garantias sobre o desarmamento dos independentistas provocou curiosas reacções por parte dos mediadores internacionais. O enviado norte-americano, James Pardew, declarou-se «chocado» com a interrupção das negociações, considerando-a «um grande revés». Mais confiante, o representante da União Europeia, François Léotard, disse esperar que tudo fique resolvido nos próximos dias.

Jogando pelo seguro, a NATO decidiu enviar anteontem para Ohrid o seu representante permanente para os Balcãs, Pieter Feith, para tentar resolver as divergências.

Feith é bem conhecido na região: desempenhou um papel significativo na alegada pacificação do Sul da Sérvia e pretensa dissolução do Exército de Libertação de Presevo, Medvedja e Bujanovac. Nestas localidades, tal como no Kosovo, o desarmamento do UCK nunca passou do papel.

Discrepâncias

Há uma semana, o primeiro-ministro da Macedónia, Ljubco Georgievski, tinha já afirmado que seria «humilhante» o país assinar um acordo de paz enquanto os «terroristas estivessem a ocupar territórios».

Alcançado o acordo político que reconhece novos direitos à minoria albanesa, a questão do desarmamento colocou-se com mais intensi-

dade, até porque as discrepâncias sobre a matéria se tornaram mais evidentes.

Segundo a NATO afirmou, segunda-feira, em Skopje, a Aliança está em condições de colocar no terreno, 48 horas depois da assinatura do acordo, 3500 soldados para supervisionar o desarmamento do UCK. Em duas semanas esse contingente estará operacional, e a operação pode ser levada a cabo igualmente em duas semanas, diz a NATO. Ou seja, tudo estaria terminado no prazo de um mês.

Bem diferente é o calendário do UCK. Para além de exigir uma amnistia, o UCK faz depender a entrega das suas armas à NATO da aplicação das medidas previstas no acordo político. Sucede que o acordo sobre a reforma da polícia e o estatuto da língua albanesa, conseguido à mesa das negociações, inclui disposições cuja aplicação pode ir até 2003. Ou seja, mais dois anos, em que o UCK pretende continuar de armas na mão. A conclusão é óbvia.

A grande Albânia

O assassinato de dois polícias sérvios, sexta-feira passada, em Muhovac, foi reivindicado pelo até agora desconhecido «Exército Nacional Albanês» (AKSH).

Em comunicado divulgado esta semana, citado pela AFP, a organização afirma ter efectuado «com sucesso uma operação contra as forças inimigas, a 3 de Agosto de 2001 em Muhovac, matando dois polícias sérvios e ferindo outros dois, um dos quais acabaria por morrer mais tarde».

Muhovac é uma localidade situada nos limites administrativos do Kosovo com o Sul da Sérvia, bastião dos independentistas do Exército de Libertação de Presevo, Medvedja e Bujanovac (UCPMB), oficial-

mente dissolvido em Maio. No seu comunicado, o AKSH afirma que o ataque foi «aviso ao ocupante (sérvio) das terras albanesas de Anamorava (nome albanês para a região de Presevo, Medvedja e Bujanovac) e aos seus aliados internacionais e albanófilos».

Qualificando de «locais» os conflitos registados no Kosovo, em Presevo e na Macedónia, o documento garante que «estas guerras serviram de polígonos de treino para os combatentes do AKSH para uma revolta geral albanesa», e anuncia uma guerra «ainda mais violenta e mais organizada» para «a reunificação nacional dos albaneses numa Albânia unificada».

IRA vai desarmar

Segundo o jornal britânico *The Guardian* anunciou anteontem, o Exército Republicano Irlandês, IRA, vai começar a desarmar-se dentro de um mês.

Citando altos responsáveis republicanos, o jornal afirma que o IRA propôs um «método» para neutralizar o seu arsenal, e que no prazo de um

mês o general John de Chastelain, responsável da comissão internacional encarregada do desarmamento das milícias, estará em condições de anunciar que as armas do IRA foram destruídas na presença dos dois inspectores internacionais que acompanham o processo, Cyril Ramaphosa e Martti Ahtisaari.

FESTADO *Avante!* 2001

7, 8, 9 SETEMBRO • ATALAIA • AMORA • SEIXAL

Exposição de astronomia com observações do céu, experiências, debates e teatro

2001 odisseia na Atalaia

A exposição de ciência e tecnologia da Festa deste ano é dedicada à astronomia, um projecto desenvolvido em colaboração com o Museu da Ciência e a Associação Aquila. Estarão expostos objectos usados nas naves e os visitantes poderão observar os astros com telescópios, aprender mais sobre astronomia em jogos electrónicos e discutir a ciência num debate com especialistas. Para os mais novos há uma peça de teatro. Mais informações e pormenores sobre o pavilhão da Ciência serão divulgados em próximas edições.



Para além do astrónomo Máximo Ferreira, à conversa com o «Avante!» estiveram Anabela Silva, Vítor Hugo Cardoso e os jovens da Aquila, João Sampainho, Ana Ferreira e Pedro Ferreira

A exposição da astronomia é composta por experiências interactivas e observações do céu diurnas e nocturnas com telescópios. Estarão expostos modelos do Sputnik e do programa Apolo, comida e pasta de dentes usadas nas naves, autógrafos de astronautas e outros objectos relacionados com esta ciência pertencentes ao Museu da Ciência e à colecção particular de Caetano de Sousa, um operário que tinha como passatempo a astronomia. Na tarde de sábado realiza-se um debate,

sob o tema «A ciência ao serviço da humanidade?», com a participação do astrónomo Máximo Ferreira, de Francisco Silva, engenheiro e especialista em telecomunicações, e Jorge Dias Deus, responsável pelo departamento de Física do Instituto Superior Técnico de Lisboa. Será ainda apresentada uma peça infantil pela companhia «Teatro Extremo», de Almada, «Os três cosmonautas». Os actores vão «tirando» histórias de dentro de uma mala à laia dos tradicionais contadores e narrando

a história dos descobridores do espaço. «Eles vão enfrentando o desconhecido juntamente com o público. Será utilizada a linguagem oral e corporal e os objectos transportados na tal mala», adianta Anabela Silva, da organização da Festa. O encontro fica marcado para sábado e domingo à tarde, junto à exposição. Anabela Silva sublinha ainda que esta iniciativa reflecte a importância que o PCP dá à ciência, nomeadamente com a promoção e divulgação do conhecimento científico.

o astrónomo, explicando que é a primeira vez que o Museu da Ciência participa numa iniciativa com tão grande número de pessoas e com formações tão diversas. As luzes da Festa condicionarão inevitavelmente as observações, mas, como refere Máximo Ferreira, o objectivo da exposição é «mostrar ao cidadão comum que, mesmo no local onde está, há coisas no céu que pode ver. E falaremos também daquilo que não é visível naquela zona do céu».



Um local ideal

Tudo o que estará presente na Festa já foi apresentado noutros locais, mas é a primeira vez que se juntam todos estes elementos. Ou seja, esta exposição vai ser estreada pelos visitantes da Festa. Como explica Máximo Ferreira, a Festa é um local privilegiado para a divulgação da ciência: «Alguns visitantes já terão uma motivação para a astronomia, outros passarão pela exposição só por passar. Mas é isso que nós queremos: que se envolvam com as coisas que lá iremos ter e que isso se traduza numa vontade de continuar. A Festa é um local ideal para fazermos esta exposição, não só pela predisposição das pessoas, como pelo número de visitantes.» «Não vamos ter todas as coisas que gostaríamos, porque a própria Atalaia não chegaria», diz ao «Avante!»

Águias do espaço

A exposição conta com a colaboração da Aquila. Parte dos monitores presentes na Atalaia são membros desta associação de observação astronómica fundada no ano passado, no Seixal. Muitos deles são já licenciados, tendo descoberto a astronomia ainda na infância e mantendo-a como um hóbi. Para João Sampainho, o seu presidente, «o contacto com as pessoas é extraordinário». «Além de estarmos ao pé de um telescópio a tentar ensinar alguma coisa, também vamos aprendendo. Por exemplo, no Norte do País atribuem um nome a uma determinada constelação e no Sul dão-lhe outro nome.» Antes da Festa, a Aquila vai promover diversas observações no concelho do Seixal, aos fins-de-semana. E contam seduzir muita gente...



2001 odisseia na Atalaia

Entrevista com Máximo Ferreira

O astrónomo Máximo Ferreira, do Museu da Ciência, fala-nos da sua experiência com os jovens e dos avanços desta ciência nos últimos anos.

«A astronomia é aliciante para todas as pessoas e devemos utilizá-la para ensinar outras coisas mais importantes», afirma, lembrando que não há mercado de trabalho para os astrónomos.

O ABC da astronomia

«Avante!» – O Museu da Ciência recebe muitos pedidos de escolas para fazer demonstrações, nomeadamente de astronomia. Qual a reacção dos estudantes que participam?

Máximo Ferreira – A reacção normal é de expectativa. A astronomia é vista como uma ciência com muitos encantos e muitos mistérios. As pessoas normalmente pensam que vai chegar alguém que vai explicar como é que

isto começou, como é que vai acabar, o que são os buracos negros... A nossa missão é chamar as pessoas à realidade das dúvidas que a ciência tem. A ciência observa alguns fenómenos, estabelece teorias e mantém um permanente convívio com a ignorância, com aquilo que não sabe. A princípio os jovens sentem uma certa desilusão, porque não lhes passa pela cabeça que os cientistas não saibam tudo. A nossa missão é mostrar-lhes

como é razoável não saber tudo... e até como é bom não saber tudo. É um incentivo permanente que se põe a todas as pessoas. Depois mostramos como é fácil trabalhar e que a compreensão absoluta é difícil mas é possível desde que se trabalhe. Em geral ficam muitas sementes: vão sendo criados muitos grupos de astronomia pelo País, quer nas escolas quer noutras instituições.

– A grande promoção da astronomia em Portugal faz-se com os planetários e, desde 1997, com o programa «Astronomia no Verão». É suficiente?

– Nada é suficiente. De qualquer forma, tem sido bastante positivo. O planetário da Marinha, em Lisboa, principalmente desde 1975 alargou bastante a sua actividade, nomeadamente com a ida às escolas. Isso teve muitos efeitos positivos, porque lançou nas escolas algumas sementes da astronomia, trouxe cada vez mais pessoas ao planetário e criou a necessidade de produzir mais recursos para apoiar a divulgação e o ensino da astronomia. Depois surgiu o planetário do Museu da Ciência, o do Porto e o de Espinho. Actualmente existem cerca de 20 planetários portáteis, um número significativo. Desses, 12 estão em escolas. O objectivo foi criar um centro de recursos para que, dentro da própria escola, se fizesse algum ensino da astronomia, integrada nos programas curriculares. Nalgumas escolas fez-se

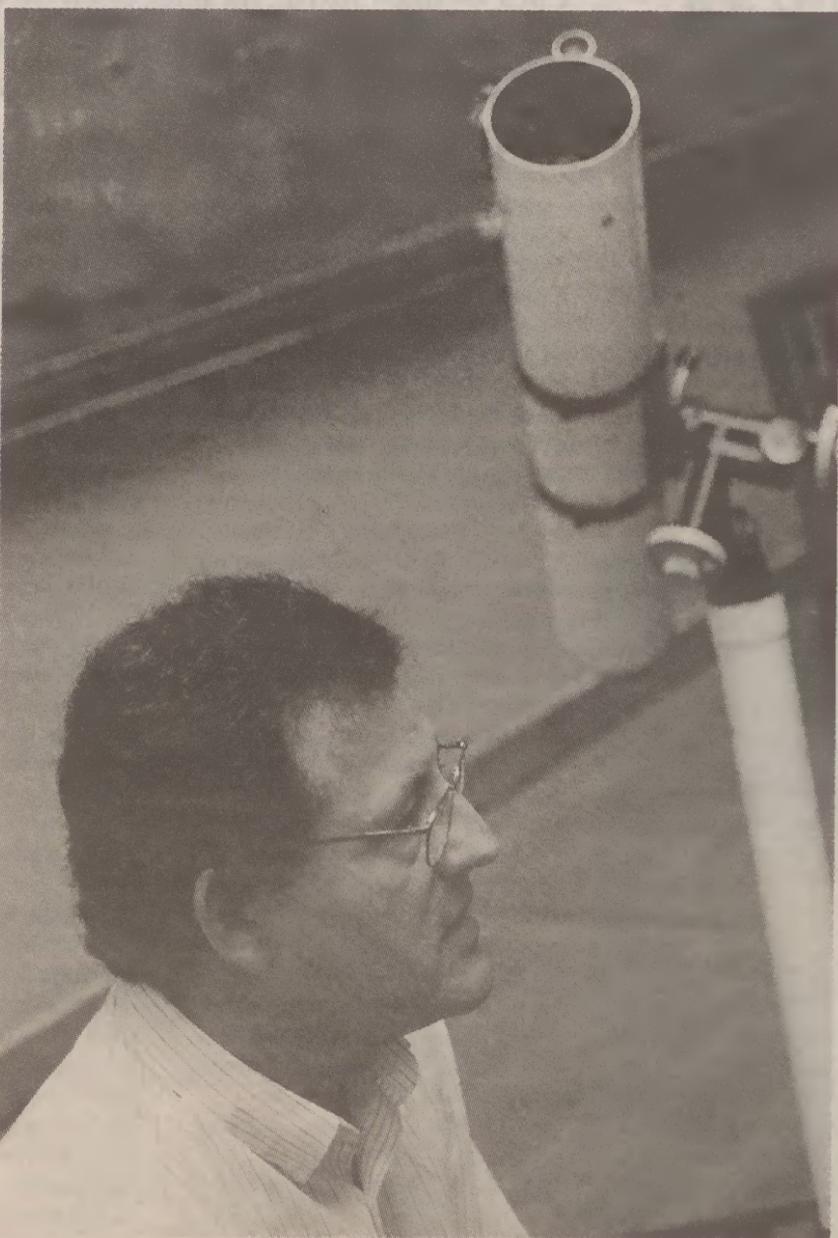
uma aplicação dos planetários à História: saber, por exemplo, como os navegadores se orientavam.

– Existem muito poucas licenciaturas que dêem formação em astronomia. Sendo esta uma área que interessa a tantas pessoas, a oferta educativa está à altura?

– Talvez não esteja suficientemente bem articulada. A ideia que tenho é que os programas curriculares não têm encarado a astronomia como uma disciplina necessariamente autónoma – e aí estou plenamente de acordo. A astronomia é aliciante para todas as pessoas e devemos utilizá-la para ensinar outras coisas mais importantes. É mais importante adquirir uma formação razoável de matemática ou de geometria. Fazer uma conta para ver quanto é que o telescópio aumenta a visão é uma acção que assusta as pessoas, mas, se eu tiver um telescópio e quiser trabalhar com ele, tenho de fazer a conta. Se eu fizer com que a pessoa meça a altura de uma estrela, ela vai perceber o que é a altura e que o ângulo que eu meço aqui é o mesmo que eu mediria se pudesse ir à esfera celeste.

– Parece que a astronomia não vale por si mesma...

– Vale, mas, se através da astronomia se fizer com que as pessoas percam o medo de conceitos de física ou de matemática, elas adquirem



Máximo Ferreira

“Se através da astronomia as pessoas perderem o medo de conceitos de física ou de matemática, elas podem ser qualquer coisa na vida: matemáticos, físicos, biólogos, médicos, economistas, electrónicos... Se a pessoa for encaminhada para ser astrónoma, no final da sua formação não tem emprego”



“Podemos pensar que passaram poucos anos entre o homem no espaço e o homem na Lua e se não seria razoável que já tivéssemos chegado mais longe. O progresso foi extraordinariamente mais importante na percepção de que existem limitações físicas para viajar no espaço, mas que não existem limitações tecnológicas. Podemos conhecer o espaço sem ir lá”

conhecimento e podem ser qualquer coisa na vida: matemáticos, físicos, biólogos, médicos, economistas, electrónicos... Se a pessoa for encaminhada para ser astrónoma, no final da sua formação não tem emprego.

- Como funciona o mercado de trabalho?

- Pois, o problema é esse. Aparentemente estava a desvalorizar a astronomia, mas não podemos estar a incentivar todas as pessoas a serem astrónomas.

- Há 40 anos, Iuri Gagarine tornou-se o primeiro homem a viajar no espaço, depois de anos de intenso trabalho no campo científico. Avançou-se tanto nestes últimos 40 anos como nos 40 anos que precederam a viagem?

- Talvez me atrevesse a dizer que quando Gagarine foi para o espaço passaram-se mais de 50 anos depois de Tsiolkovsky ter dito que «a Terra é o berço da humanidade mas que ninguém vive no berço toda a vida». Colocar um homem no espaço é, de facto, um feito histórico. Daí para cá não se terá avançado tanto. O que se ganhou foi muita tecnologia e muita acumulação de conhecimento. Essas primeiras tentativas de colocar naves e homens no espaço foram dando uma maior noção da realidade: que condições são necessárias para ter homens no espaço e para que é preciso ter permanentemente homens no espaço?

Podemos pensar que passaram poucos anos entre o homem no espaço e o homem na lua e se não seria razoável que já tivéssemos chegado mais longe. Penso que o progresso foi extraordinariamente mais importante na percepção de que existem limitações físicas para viajar no espaço, mas que não existem limitações tecnológicas. Podemos conhecer o espaço sem ir lá. Acho que se progrediu extraordinariamente. Hoje conhecemos muito melhor os planetas do sistema solar do que se tivéssemos insistido na ideia de que «só queremos conhecer Saturno quando for possível ir lá um homem».

- O lançamento de naves é muitas vezes apresentado pelos media como o mais importante na

astronomia. Isso corresponde à realidade?

- Os avanços tecnológicos não se traduzem só nisso, mas isso faz falta para os avanços. Por exemplo, se eu quero detectar os primeiros momentos da vida de uma estrela, tenho de detectar a radiação infravermelha que não passa na nossa atmosfera. Para isso tenho de arranjar um sistema mecânico que coloque um satélite no espaço e depois tem de haver um processo electrónico que capte as radiações. A nave utiliza-se hoje como uma ferramenta.

- «2001, Odisseia no Espaço» foi realizado em 1968. Hoje a realidade é bastante

diferente da apresentada no filme. Na altura supunha-se de facto que a tecnologia iria evoluir tão depressa?

- Quem escreve ou faz filmes sobre ficção faz sempre qualquer coisa que não acredita que seja alcançável. A magia da ficção está exactamente nisso. Gostaria de poder viajar no espaço à velocidade da luz, mas com os conhecimentos actuais isso está para lá do possível. Se daqui a 40 ou 50 anos isso se concretizar, alguém dirá que eu tenho um poder de antevisão... Mas não é nada disso.

- O Big Bang, a expansão do universo... Até que ponto se pode provar o que aconteceu há tantos milhares de anos?

- Não se prova. O que fazemos em relação ao Big Bang é o que fazemos com outras coisas. Nesta altura, vemos galáxias que se afastam umas das outras. Então, daqui a uns milhões de anos hão-de estar mais afastadas. Logo, o universo está em expansão. Agora faço o filme ao contrário. Quando ando para trás, tendo noção da escala de expansão do universo, chego a uma altura em que a matéria está bastante concentrada. Pensamos como seria a pressão, a temperatura, estabelecemos conjecturas e dizemos: «Só pode ter acontecido uma coisa: esta situação deve ter provocado uma explosão.» Com alguns elementos que vamos recolhendo, vamos concluindo que esta é uma boa hipótese: explica aquilo que se observa e vamos encontrando vestígios que dão ideia que a evolução terá ocorrido assim. Mas não é mais do que uma hipótese. Este universo é criação do homem e é com a ciência que o arquitetamos. Esta hipótese não é completa, deixa por explicar o que haveria antes do Big Bang ou quais os limites do universo. Dava jeito que fosse infinito...

- A astronomia e a física estão ligadas à filosofia?

- Claro e até com quase todas as filosofias religiosas. A grande diferença é que o cientista tem dúvidas e o religioso não tem. Quando não se consegue descobrir algo, o cientista fica com esperança de mais tarde se descobrir, enquanto o religioso pensa: «Foi aqui que Deus entrou.»

- Qual o papel dos países pequenos nos avanços tecnológicos, particularmente de Portugal?

- O papel é ser pequeno... Depende também do engenho e da capacidade das instituições. Com uma boa formação, os investigadores impõem-se por si mesmos. Há portugueses nalguns projectos internacionais e isso depende das instituições que os formaram cá e do seu próprio carácter. Os países pequenos não têm muitas condições para investigação interna. Os centros de investigação são cada vez mais sofisticados e mais caros. Uma forma de um país pequeno se agigantar será formar bem pessoas que possam trabalhar em instituições internacionais.





Não há Festa como esta

Depoimentos sobre a Festa do «Avante!»



Fátima Messias
sindicalista

Quantas festas cabem numa Festa? Debates, teatros, músicas, livros, coisas, comidas, encontros, cores, amizades, alegrias e tristezas, convicções.

Pessoas que reafirmam valores, reforçam ideais, projectam sonhos, elaboram propostas, preparam lutas. Espaço privilegiado de comunicação. De um Jornal. Do Partido. Sob o sol mais doirado de Setembro, que venha a Festa. Avante!

Tim
músico

A Festa sempre existiu:

- com música, boa e muita, alguma até rara;
- com calor, muito e a pedir bebida;
- com gente, povo, muito povo, que faz a Festa, todos os anos, em qualquer sítio, em todos os palcos, para todas as idades;
- com orgulho, pois para um artista participar na Festa sempre foi marcante;
- com pena, porque o concerto acaba, a Festa acaba, e temos de esperar outro ano inteiro para a fazer a Festa outra vez...



Jornadas de trabalho Ajuda a construir a festa

A pouco mais de quatro semanas da abertura da Festa, o trabalho de construção entra na sua fase final e todos os braços disponíveis são bem vindos para ajudar na infinidade de tarefas que há para executar. Pintores, electricistas, carpinteiros, pedreiros,

canalizadores, bem como todos os que se ajeitam em trabalhos manuais podem dar uma ajuda preciosa. E os que pensam não ter jeito para estas coisas não há como experimentar. Afinal, o ambiente é sempre de festa e camaradagem.



Domingo à tarde no Seixal: o sol brilhava e o peixe mordida o anzol

Pesca na Baía do Seixal

Promovido pela Festa do «Avante!», o concurso de pesca realizado no passado domingo constituiu uma importante jornada desportiva ao juntar cerca de 180 pescadores e 30 equipas na Baía do Seixal. No final, teve lugar um momento de confraternização na Quinta da Atalaia, onde foram distribuídos os prémios e troféus aos melhores classificados. No escalão de juniores, ficaram nos três primeiros lugares Ruben Sobreiro (gr. Desp. Stº António); Leandro Mota (Os Abençoados); e Tiago Rodrigues (Camide Clube).

Nas senhoras, Emília Casaca (Os Abençoados) venceu, seguida de Vera Barrira (Os Abençoados)

e de Lucinda Pena (Casa Benfica Setúbal).

Em Seniores, José Prates (Rancho Folclórico Barreiro) foi o melhor, ficando em segundo e terceiro lugares, respectivamente, José Gadelhas (Praças da Armada) e Jorge Silva (Os Abençoados).

Por equipas, venceu o Rancho Folclórico do Barreiro «A»; classificando-se depois as equipas A e D de Os Abençoados.

Nos agrupamentos, Os Abençoados voltaram a sobressair, seguindo-se Pesca Mar e Camide Clube.

Num total de 180 inscritos no concurso, 158 eram seniores, nove senhoras e 13 juniores.

Debate sobre o desporto

No debate sobre o desporto e autarquias, que se realizará na tarde de sábado na Festa, estará presente o jornalista Galvão Correia e não Fernando Correia, como por lapso foi noticiado na última edição. Recordamos que, entre outros

participantes, a iniciativa conta com Melo de Carvalho, antigo director-geral dos Desportos, Carlos Rabaçal, responsável pelo grupos de estudo junto do CC do PCP, e Odete Graça, da Associação de Municípios de Évora.



Artes plásticas em Setúbal

No quadro das diversas iniciativas de promoção da Festa do «Avante!», a Comissão Concelhia de Setúbal inaugurou, na passada segunda-feira, uma exposição das obras dos 17 artistas da região que vão estar patentes na XII Bienal de Artes Plásticas.

Na iniciativa, em que participaram meia centena de pessoas, usou da palavra Jorge Amorim, do Executivo da DORS, para dar conta dos objectivos desta mostra, que se realiza pela primeira vez, e de alguns momentos que marcarão a 25.ª edição da Festa do «Avante!»

A exposição pode ser visitada até ao próximo dia 11 deste mês no Octubrus Bar, Avenida 5 de Outubro, n.º 188, em Setúbal.

Ao cheiro do petróleo

Bush assalta o Alasca

O plano de Bush para abrir a reserva natural do Alasca à exploração petrolífera foi aprovado pela Câmara de Representantes dos EUA, quinta-feira passada.

A exploração das reservas do Ártico, considerado «o último santuário» da Natureza, é há muito cobiçada pelas grandes empresas energéticas norte-americanas, que se contam justamente entre as grandes apoiadas da candidatura de Bush à Casa Branca.

Pouco preocupados com os efeitos a médio e longo prazo da eventual exploração do Alasca, tanto os empresários como o poderoso sindicato Teamsters, que considera prioritária a criação de postos de trabalho, pressionaram os deputados para darem luz verde ao plano.

A decisão não foi pacífica. Democratas e republicanos dividiram-se e registaram-se deserções de ambos os lados; a votação acabou por ser de 240 votos a favor e 189 contra. Uma vitória que deixou Bush satisfeito, mas que pode ser efémera. A lei terá de ser ainda aprovada pelo Senado, provavelmente no Outono, onde os democratas detêm a maioria por um voto. Tudo pode suceder. Segundo o plano, a exploração terá lugar numa área de 810 hectares — uma pequena parte da reserva, cuja extensão total é de 8,7 milhões de hectares —, onde se estima existirem jazidas petrolíferas capazes de produzir 16 mil milhões de barris. Indiferente às consequências ecológicas que inevitavelmente resultarão da exploração, Bush defendeu o seu projecto com argumentos caros aos norte-americanos: a segurança nacional (o petróleo do Alasca representa 70 anos de importações do Iraque) e a redução do preço da gasolina (resultante do aumento da produção interna). Para acalmar os ecologistas, o presidente dos EUA garantiu que a tecnologia ao serviço das grandes petrolífe-

ras permite a extracção de crude sem consequências para o meio ambiente. No entanto, nem o presidente nem as indústrias do sector explicam como é que a construção de vias de comunicação e oleodutos se vai processar sem afectar o delicado equilíbrio da região.

No debate na Câmara de Representantes, o deputado republicano pelo Alasca, Don



O aumento da exploração do petróleo levará os EUA a aumentar a poluição do planeta

Young, acusou os detractores do plano de não conhecerem a região e a suas necessidades, e de tentarem privar a população local «dos benefícios do nosso petróleo». O progresso a curto prazo parece ter, de momento, mais seguidores no Alasca do que os que se preocupam com o futuro.

Política autista

Depois de ter rejeitado o protocolo de Quioto, que visa reduzir as emissões de gases poluentes para a atmosfera, os EUA — os maiores poluidores do planeta — pretendem agora

criar um precedente no Alasca cujas consequências não é difícil perceber. Para além do atentado àquela reserva natural, é por de mais evidente que o aumento da exploração e consequente redução dos custos dos combustíveis levará a um inevitável aumento do consumo e, logo, a mais poluição.

Esta política autista e isolacionista da administração Bush ameaça ter consequências não só a nível externo como interno. Segundo a Lusa, uma sondagem efectuada entre 26 e 30 de Julho, nos EUA, revela que, em relação às grandes questões como o ambiente, energia, saúde e protecção da terceira idade, os norte-americanos têm mais

confiança nos democratas do Congresso do que no presidente Bush.

Entre 64 a 72 por cento das pessoas inquiridas estão também convencidas que as grandes companhias produtoras de gás, as grandes sociedades e os ricos gozarão de mais influência sob a nova administração. Por último, 50 por cento dos norte-americanos pensam ser mais importante proteger o ambiente do que o crescimento económico e cerca de 81 por cento consideram que Bush faz o contrário, pondo o crescimento económico à frente das considerações ambientais.

Reflexão sobre o 26 de Julho cubano

• Miguel Urbano Rodrigues

Mais de 1 200 000, pessoas segundo as estimativas oficiais, desfilaram em Havana no 26 de Julho, o dia da festa nacional cubana comemorativa do assalto a Moncada. Havia muita gente vinda dos municípios da província que abraça a capital, mas o número assombra porque a população de Havana não ultrapassa 1 300 000.

Que houve de diferente neste, para além de uma presença popular mais maciça?

As palavras de ordem traduziam a especificidade cubana, os problemas permanentes e aqueles que, inseparáveis da criminosa política do cerco imperial, são transformados pelo povo em novas frentes de luta contra o gigante do Norte, que há mais de quatro décadas tenta, sem êxito, destruir a Revolução.

Este ano a palavra de ordem prioritária foi a exigência da libertação de cinco patriotas ilegalmente presos nos EUA e sobre os quais pesa a ameaça de uma sentença brutal no desenvolvimento de um processo-farsa que tem suscitado protestos de juristas em dezenas de países.

Mas o sentimento internacionalista tornou-se parte da idiossincrasia dos cubanos. O particular e o universal emergem aqui sempre intimamente

duração na qual a Ilha revolucionária se propõe a desempenhar um papel importante. Em repetidas intervenções, Fidel tem chamado a atenção para o aumento da combatividade das massas latino-americanas. Os factos confirmam que do Rio Bravo à Patagónia a América Latina volta a ser cenário de acontecimentos que podem anunciar uma nova vaga revolucionária. As crises político-institucionais sucedem-se num contexto hemisférico marcado pelo agravamento da miséria, da fome, da corrupção, mas também pelo avanço dos movimentos revolucionários e o alastramento das lutas político-sociais. As vitórias das FARC na Colômbia, o desenvolvimento do processo revolucionário bolivariano na Venezuela, a vitalidade da Conaie no Equador, a tenacidade das lutas camponesas na Bolívia e no Paraguai, a firmeza dos Sem Terra no Brasil, o eco mundial do desafio dos zapatistas mexicanos inserem-se num quadro de contestação global às políticas neoliberais. Expressam a resistência dos povos da América Latina à dominação imperial hegemonizada pelos EUA.

Em alguns países da Ásia e da África a combatividade das massas está também aumentando. Exemplos como os

oferecidos pelo povo de Timor Leste na sua tenaz luta pela independência e pela nação palestina na sua heróica segunda Intifada deixam marcas profundas na memória histórica dos povos. Esse novo espírito de insubmissão que alastra pelo Terceiro Mundo esteve presente no gigantesco desfile cubano do 26 de Julho. Ao lado de Fidel, na cabeça da manifestação, caminhava o neto do ayatollah Komeini, o líder islâmico que pôs fim ao domínio de



ligados. Um povo que atravessou os mares para se bater pela liberdade de outros reage solidário e fraterno ao sofrimento das parcelas da humanidade mais atingidas pela agressividade imperial.

A nota internacionalista esteve assim omnipresente neste 26 de Julho, tal como acontecera no último Primeiro de Maio.

Poucos dias após os acontecimentos de Génova, mostrário do aprofundamento do abismo hoje existente entre os Estados senhoriais e os povos que eles pretendem manter numa semiescavidão de novo tipo — Cuba manifestou estar disponível para ocupar o seu lugar na grande vaga da contestação que, neste início do século XXI, começa a varrer o mundo rejeitando o neoliberalismo globalizado, como expressão moderna do capitalismo selvagem.

Os ecos do protesto universal encontram em Cuba uma ressonância especial. O apelo à mobilização continental contra a ameaça de recolonização que a ALCA representa foi o prólogo de uma batalha de longa

Washington sobre o Irão. Ao lado de Raul Castro caminhava o ministro da Defesa do Vietname, a nação heróica que em saga colectiva derrotou militarmente os EUA.

De um balcão exterior, funcionários norte-americanos contemplaram o rio humano que passava pelo malecón em frente da sede da missão diplomática dos EUA. Não imagino o que pensavam.

Estabeleci pontes entre aquele desfile e o que vi e ouvi em Junho e Julho nas selvas colombianas, convivendo com as FARC. Eu chegara na véspera de San Salvador onde participara no Encontro Internacional de Solidariedade com a Colômbia. Tratei de unir as pontas do novelo. A contestação tende a assumir aspectos tempestuosos na América Latina. O horizonte apresenta-se ainda muito nevoento. Mas são muitos os indícios de que milhões de latino-americanos estão já envolvidos numa batalha com facetas inéditas. Nela a identificação com o ideário revolucionário e humanista de Bolívar aparece como indicador de rumo.

Dívida dos EUA à ONU

Sete meses depois de terem assumido o compromisso de regularizar a sua dívida à ONU, os Estados Unidos continuam sem pagar as centenas de milhões de dólares que devem às Nações Unidas.

Em finais de Dezembro do ano passado, após demoradas negociações na sede da ONU, em Nova Iorque, os EUA comprometeram-se, em troca da redução da sua quota para o orçamento da organização (entre 25 a 22 por cento) e da comparticipação para as operações de manutenção de paz (entre 31 a 26 por cento), a proceder de imediato ao pagamento de 585 milhões de dólares e, em 2002, a um

segundo pagamento de 241 milhões de dólares.

O compromisso não foi cumprido, apesar dos montantes referidos perfazerem o que Washington diz ser a sua dívida: 826 milhões de dólares. De acordo com a ONU, a dívida norte-americana é substancialmente mais elevada, rondando os 2000 milhões de dólares.

O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, avisou a semana passada os congressistas norte-americanos que, a manter-se esta situação, serão inevitáveis novas tensões entre os EUA e os restantes 188 estados-membros da organização. Segundo o porta-voz da organização,

Fred Eckhard, Annan disse aos congressistas que «as outras delegações tiveram dificuldade em compreender o porquê de, sete meses depois do acordo sobre a reestruturação da escala contributiva, que obteve o compromisso norte-americano de liquidar uma parte das seus pagamentos em atraso, ainda não sido recebido qualquer cheque».

Após as diligências de Annan, os EUA dizem agora que regularizarão os pagamentos antes da visita do presidente George W. Bush à ONU, por ocasião da abertura da sessão ministerial da Assembleia Geral, a 24 de Setembro.

E por falar em férias...

● Sandra Pimenta

Agosto, mês de férias para milhares de pessoas por este país fora. Mas se Agosto significa descanso de um intenso ano de trabalho, significa também o ressurgimento de velhos problemas, nomeadamente, no que respeita aos acidentes nas estradas portuguesas, que, como já vai sendo hábito, aumentam de dia para dia. Depois, e como se não bastasse, lá surgem os eternos problemas de falta de meios de intervenção, de estruturas para um socorro mais rápido e eficaz, de pessoal qualificado, de sangue nos hospitais e centros de saúde, entre outros, e que à boa maneira portuguesa vão sendo «desenrascados» como calha.

O Governo teima em adiar a resolução destes inúmeros problemas, o que não o impede mesmo assim de, todos os anos por esta altura, anunciar uma série de novas medidas e meios e o reforço de efectivos policiais para uma vigilância mais alargada nas estradas, que na verdade os portugueses nunca chegam a notar.

Infelizmente e, ao ver as mais recentes notícias sobre mais um verão trágico nas estradas portuguesas, já não me espantou que os responsáveis pelos

derivados e em particular a carência de plasma, relativamente ao qual mais de 50% das necessidades dos países da UE são cobertas por importações do exterior, é mais do que legítima.

Resta agora esperar para ver em que moldes está a ser preparada esta auto-suficiência, porque se isso implicar defender o interesse privado relativamente ao interesse público num sector tão delicado como o da saúde pública e em particular no que diz respeito às normas de qualidade e de segurança do sangue humano e dos seus componentes, instrumentos de importância fundamental para o tratamento médico, do qual pode depender a vida ou a morte dos pacientes, na minha modesta opinião, não interessa que vá para a frente.

O sangue, assim como todos os produtos dele derivados, revestem-se de características tão específicas e delicadas que só por inconsciência ou maldade, ao serviço de outros interesses individuais ou mesmo ilegítimos (para não dizer criminosos), pode querer tratá-lo pelas mesmas ou idênticas regras comerciais com que se tratam electrodomésticos, roupa ou produtos alimentares. Este não pode ser um negócio que vise dar lucro a

quem nele queira investir até porque, por lei, o sangue não pode ser pago nem vendido. A mais uma «Beleza» na nossa saúde nós dizemos: Não! Analisando os factos reais e Governo português nesta matéria? E mais concretamente o Instituto Português de Sangue (IPS)?

«O serviço de sangue em Portugal está devidamente instalado, equipado e funciona com respeito por requisitos de qualidade e segurança aceitáveis...», palavras proferidas pela anterior ministra da Saúde, quando questionada sobre a execução de uma Rede Nacional de Transfusão, programa anunciado há 10 anos pelo IPS. Apesar de reconhecer que esta ministra recebeu uma herança pesada e que nem todos os que a rodeavam estavam verdadeiramente empenhados

em mudanças profundas e eficazes na construção de um serviço nacional de saúde ao serviço dos cidadãos, isto não serve de desculpa para não se ter feito nada na área da saúde em Portugal... por estas e outras razões ela foi uma das eleitas para abandonar o «navio de Guterres».

As decisões europeias podem pressionar ou apoiar a vontade dos dirigentes de cada país em fazer melhor, mas vão continuar a ser os médicos, quando os produtos de sangue faltam nos hospitais, o que acontece quase todos os dias, que têm de pegar num telefone e procurar de hospital para hospital onde há o tipo e quantidade de sangue de que está a precisar com urgência e depois, enviar uma carrinha a ir buscá-lo para depois o administrar, função que a tal Rede Nacional de Transfusão, há tanto tempo anunciada, deveria assegurar mas que não existe ou se existe é no papel... Como representante dos cidadãos e o responsável pela defesa dos seus direitos e interesses, é ao Estado que compete a criação de um sistema em que a eficácia, a avaliação e o controlo existam realmente. Devemos exigir-lho.

hospitais viessem a público pedir aos portugueses que doassem sangue, pedido que todos os anos é feito. Todos sabemos que o sangue falta em Portugal com muita frequência, quase permanentemente. Embora tenha aumentado o número de colheitas desde há alguns anos, a progressão é demasiado lenta, tendo em conta as necessidades que também aumentam.

Negócio do sangue?

Para tentar resolver esta falha na saúde europeia, está neste momento em discussão no Parlamento Europeu uma directiva comunitária cujo principal objectivo é modificar, consolidar e completar a legislação que actualmente vigora na Europa sobre normas de qualidade e de segurança para a recolha, o controlo, o tratamento, o armazenamento e a distribuição do sangue humano e dos seus componentes com vista à protecção dos dadores e dos receptores. A aspiração dos vários Estados-membros poderem ser auto-suficientes nos próximos anos, tendo em conta a carência de sangue e dos seus



Quatro países europeus colaboram no sistema de defesa antimíssil dos EUA

Hipocrisia europeia

Apesar dos protestos declarados, Alemanha, Itália, Holanda e Reino Unido estão envolvidos no desenvolvimento do sistema norte-americano, segundo notícia o jornal *Washington Post*.

Para além desses quatro países europeus, Israel e o Japão têm também acordos com Washington para investigação de sistemas de defesa antimísseis. Segundo o citado norte-americano, a Alemanha e a Itália estão a trabalhar com os militares norte-americanos no desenvolvimento do «Medium Extended Air Defense System» (MEADS), que visa dar a tropas a capacidade de destruir mísseis de curto alcance. O contrato assinado por companhias alemãs e italianas tem o valor de 216 milhões de dólares, cerca de 48 milhões de contos.

Por seu turno, a marinha norte-americana está a cooperar com a Alemanha, Itália e Holanda nas possibilidades de desenvolvimento de sistemas de defesa antimísseis baseados no mar, tendo-se iniciado reuniões com esse fim em 1999, segundo afirma o jornal.

Os Estados Unidos e o Reino Unido desenvolvem conjuntamente *software* de computadores para sistemas de rastreamento a serem usados em radares com capacidade de detectar o lançamento de mísseis e de distinguir entre diversos objectos no espaço ou em voo.

Mesmo que, como especialistas fizeram notar, muitos destes sistemas sejam sistemas de defesa antimísseis em zonas de guerra, que têm como objectivo defender apenas espaços limitados de território ou grupos de navios de guerra contra ataques com mísseis, é conhecido que a administração Bush pretende integrá-los no futuro num programa geral de defesa antimísseis dos Estados Unidos, ao qual os países europeus alegadamente se opõem por constituir uma violação do Tratado de Mísseis Anti-Balísticos (ABM) entre os Estados Unidos e a Rússia.

Contudo, estas revelações do *Washington Post* vêm mais mostrar uma vez que nem sempre as declarações de princípios têm aplicação na prática. A hipocrisia europeia continua assim a fazer história.

Os sistemas em desenvolvimento irão integrar o programa geral dos EUA

Itália desiste de cimenra

O governo italiano decidiu pedir que a cimeira mundial das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), marcada para Roma entre os dias 5 a 9 de Novembro, se realize numa capital africana, temendo a repetição dos violentos protestos contra a globalização, verificados recentemente na cidade de Génova durante a reunião de Julho do G8.

Para este encontro da Organização das Nações Unidas estão convidados os chefes de Estado e de governo dos 185 países membros que têm como objectivo unir esforços para erradicar a fome no mundo.

No entanto, o governo de Silvio Berlusconi, através do Ministério italiano dos Negócios Estrangeiros, já informou o director-geral da FAO, o senegalês Jacques Diouf, de

que não deseja acolher a cimeira, sugerindo que esta seja transferida para uma cidade africana.

Segundo a Agência Lusa, até ao momento a FAO ainda não tomou qualquer decisão sobre o assunto, uma vez que é necessário um amplo consenso entre os países participantes antes de decidir qualquer mudança. Entre as alternativas em estudo estão diversas cidades de África com experiência na organização de grandes assembleias, como Nairobi, Cairo, Dakar ou Joanesburgo.

Davos contrata chefe de polícia

Os problemas de segurança estão igualmente a preocupar o Fórum Económico Mundial que acaba de contratar, a títu-

lo privado, o comandante da polícia de Genebra para garantir a realização das suas reuniões anuais em Davos, na Suíça.

Guy-Serge Baer deixará assim o cargo que desempenha há 25 anos para encarregar-se, como civil, de todos os assuntos de segurança do Fórum, cuja sede é em Genebra. O alto responsável policial tem uma larga experiência em garantir em eventos deste tipo, tendo organizado a repressão dos manifestantes durante o 50.º aniversário da Organização Mundial de Comércio em Genebra em 1998.

Este polícia suíço dirigiu ainda as operações que mantiveram a maioria dos manifestantes longe do local da última reunião, em Janeiro, do Fórum Económico Mundial em Davos.

Caça ilegal

A Comissão Europeia moveu um processo junto do Tribunal de Justiça Europeu contra Portugal por não cumprimento das disposições em matéria de caça e outras afins da Directiva Aves Selvagens, nomeadamente durante os períodos que são proibidos pela lei comunitária. A Comissão Europeia decidiu ainda enviar pareceres fundamentados (segundas cartas de advertência) à Finlândia, Espanha, Alemanha e Holanda por não acatamento de disposições da mesma directiva. A advertência feita à Finlândia prende-se igualmente com a caça em período proibido.

Condenação

Um militante sueco de 20 anos foi condenado na segunda-feira a dois anos de prisão por um tribunal de Gotemburgo por ter participado em ataques contra a polícia nas manifestações realizadas à margem da cimeira da União Europeia, em Junho. Este tribunal já condenou 18 pessoas a penas de prisão por actos violentos cometidos durante as manifestações que decorreram durante a cimeira dos Quinze (UE). No total, foram detidas 51 pessoas. Entre os 18 condenados figuram sete suecos, seis dinamarqueses três alemães, um italiano e um britânico. As penas vão de seis a trinta meses de prisão.

Branqueamento

A Rússia decidiu aderir à convenção europeia sobre o branqueamento de capitais do Conselho Europeu, anunciou no passado sábado o ministro russo dos Assuntos Externos. A convenção foi adoptada em 1990 pelo Conselho da Europa e entrará em vigor a 1 de Dezembro próximo. Incluída na lista negra dos países que não têm feito esforços para combater o branqueamento, a Rússia foi ameaçada com sanções pelos países mais industrializados do G7, já em Setembro, se não lutasse mais severamente contra este tipo de actividades financeiras ilegais.

• Manoel de Lencastre

Um desastre à vista...

Quem tem medo da revolução?

Tony Blair partiu de férias perante a geral indiferença de um país convencido de que vive melhor sem a sua presença fastidiosa e artificial. Particularmente irritantes foram as suas vitriólicas declarações em Génova insurgindo-se contra as manifestações antiglobalistas ali verificadas.

Blair considera-se incontestável por, segundo disse, ser um primeiro-ministro eleito democraticamente. Esqueceu-se, porém, de notar que a sua eleição se realizou com a participação de, apenas, 59% dos inscritos, além de ter tido efeito no quadro do capitalismo e, portanto, sem liberdade autêntica.

O povo britânico já descobriu que as suas liberdades e a sua democracia soam falso. Por isso, os jornais recebem cartas de leitores que defendem a situação em Cuba e afirmam: «O socialismo está a triunfar onde menos se esperava!» De qualquer modo, as férias de Blair são no México. Mas não lhe escaparam, nas poucas horas de escala em Buenos Aires, aquelas longas filas à porta da embaixada de Espanha - pessoas que exibiam diplomas, na esperança de emprego no país de Rafael Alberti para fugirem à taxa assustadora de 25% de desemprego. Com o primeiro-ministro, aterraram os presidentes da BP, da Shell, da Jaguar, da Rolls-

«El Caballo»

1
«Viene por las calles,
a la luna parva,
un caballo muerto
en antigua batalla.»

2
Sus cascos sombríos...
trepida, resbala;
de un hosco relincho,
con sus voces lejanas.

3
En la plumbea esquina
de la barricada,
con ojos vacíos
y con horror se para.

4
Más tarde se escuchan
sus lentas pisadas,
por vías desiertas,
y por ruinosas plazas.

José María Eguren
(1882-1942)
(Poeta peruano)



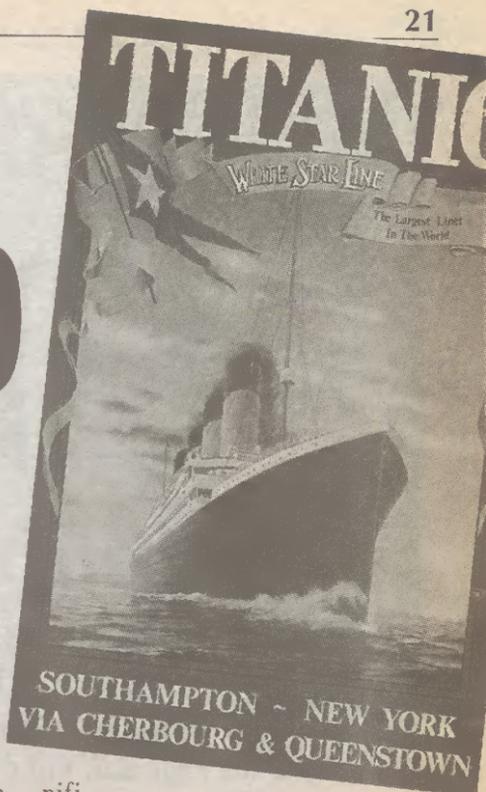
A Argentina, tal como o famoso «Titanic», está à beira de soçobrar

-Royce, da British Airports Authority. Mas, o que podem estas empresas imperialistas fazer pela Argentina?

«Não há nada, aqui, para mim», disse Enrique Ferrer, de 24 anos, diplomado em contabilidade. «Tenho mulher e filhos para manter. Mas não há trabalho. Tem sido assim neste país, nos últimos anos. Se me quiserem em Espanha, parto já.» As luzes de Buenos Aires, são de desespero. O frio chega ao cair da noite. Filas de desempregados à porta do jornal Clarin aguardam a distribuição gratuita de cópias da primeira edição em cujas páginas de anúncios aparecem algumas ofertas de trabalho. Um desses desempregados, José Alvear, técnico de máquinas, com uma

filha ao colo, declarou: «Até recentemente, acreditei que este país conseguiria ultrapassar a crise. Agora, já não digo nada. O governo diz que não pode pedir mais dinheiro emprestado para criar empregos. Mas, se não temos trabalho, como conseguiremos sair desta dramática situação?»

José Alvear não compreende. Não vê que a garantia de empregos à custa de financiamentos a esmo dirigidos a empresas inviáveis significam ruína. Os patrões e os Bancos apropriam-se logo do melhor desses capitais e, depois, é a corrida para o encerramento, para o desânimo, para o fim de uma ilusão. Como nunca ouviu falar em pla-



nificação da economia e só conhece a fantasia das empresas capitalistas privadas, José Alvear tem medo do amanhã, do futuro que a sua filha, de cinco anos, enfrentará. Tem medo, também, de que a crise desemboque numa revolução e, em vez de empregos, aconteça o caos. No drama argentino, Alvear só vê um empregozinho e foge da simples ideia de tomar o futuro nas suas próprias mãos.

O «efeito do tango»

A situação económico-financeira do país de Rudolfo Ghioldi e Victorio Codovilla é catastrófica. As dívidas ao capitalismo internacional já sobem a 90 mil milhões de libras esterlinas e aumentam à razão de mil milhões mensalmente. O possível colapso atingirá toda a América Latina e arrastará o Brasil. A falência das economias argentina e brasileira terá gravíssimas repercussões nos mercados dos países em vias de desenvolvimento. Por isso, o presidente de la Rúa, dirigindo-se a Tony Blair, manifestou-se agradecido «pelo extraordinário e valioso apoio recebido em horas de tão profundas dificuldades». E acrescentou: «Estou certo de que a solidariedade da Grã-Bretanha tornará mais forte a nossa economia, mais rápida a nossa recuperação e mais firme a nossa posição a curto prazo.»

A 27 de Junho, um juiz do circuito de Buenos Aires suspendeu o decreto presidencial que forçava cortes nos salários do funcionalismo público. Esta decisão judicial poderá inviabilizar as anunciadas medidas de austeridade e levar a República Argentina a não

liquidar as suas próximas responsabilidades financeiras com o exterior. O «efeito do tango» teria desastrosas e prontas consequências em todos os mercados da América Latina.

O plano de «deficit zero», delineado por de la Rúa, compreende reduções nos ordenados e despedimentos de larga escala em todo o sector público, cortes nas pensões de reforma, mais impostos - mas nada de novos empréstimos que o imperialismo, aliás, não lhe consentiria. A referida suspensão do decreto presidencial resultou de uma acção levada ao tribunal pelos sindicatos. Mas o Senado poderá, ainda, o que é de esperar, anular o despacho do juiz. O governo, entretanto, procura ganhar tempo para realizar fundos de emergência à custa dos trabalhadores e do povo e pagar dívidas com vencimento imediato, salvar o peso, recuperar alguma credibilidade.

Apertar o cinto

Domingo Cavallo, o célebre ministro das Finanças, bem visto em Wall Street

e na City, afirmou: «Não desvalorizaremos o peso, não suspenderemos pagamentos. Temos uma estratégia. Apertaremos o cinto ainda mais até conseguirmos o nosso objectivo.» Mas a ira dos desempregados não o poupou. Durante a cerimónia do casamento da filha, bombardearam-no com ovos podres e obrigaram-no a permanecer escondido na igreja durante várias horas enquanto os noivos escapavam, correndo, através do cemitério anexo. «O nosso povo», disse Cavallo ao conseguir sair do esconderijo, «tem sofrido esta recessão durante três anos... a sua cólera é compreensível.»

Rudolfo Ghioldi, se ainda vivesse, dar-lhe-ia a resposta adequada. Ele, que viu Lenine a trabalhar e costumava expor os desígnios dos imperialistas cujos empréstimos só se realizam em condições de exploração e sempre ligados a exigências políticas e militares, gritaria: «Filhos e filhas da pátria argentina: não vedes a realidade? Por que esperais? Quem tem medo da revolução são os imperialistas. Não vós, que apenas tendes a perder as grilhetas que vos acorrentam!»

Argentina descamisada

Sebastian Cabot (1476-1557), navegador ao serviço de homens de negócios sevilhanos, desviando-se da rota que seguia para atingir as Molucas, chegou ao Rio da Prata. Parece, contudo, que o navegador e hábil cartógrafo espanhol Juan Díaz de Solís entrou no famoso estuário em 1516, procurando passagem para o Pacífico.

Após uma efémera iniciativa de Pedro Mendoza (1536), Buenos Aires foi fundada em 1573 por Juan de Garay. Influências várias e o desejo inglês de romper o monopólio comercial do regime colonial espanhol enfraqueceriam o poder de Madrid. Porém, Santiago de Liniers (1806) derrotaria os invasores britânicos e as províncias do Rio da Prata seriam unificadas em nome de Fernando VII, em 1810.

Duas figuras centrais emergiram na luta por uma Argentina livre - Manuel Belgrano (1770-1820) e José de San Martín (1778-1850). Em 1816, o Congresso de Tucumán proclamou a independência das Províncias Unidas da América do Sul. Mas as expectativas geradas frustraram-se. O general Rojas apoderou-se do governo em 1829 e a sua ditadura sanguinária manter-se-ia até 1852. Um ano depois da derrota de Rojas, em Caseros, o Congresso de Santa Fé elaborou uma Constituição Federal.

A crise económica de 1929 conduziu a nova intervenção militar. Mais ditaduras - Rawson, Ramirez, Farrell. Mas, a 17 de Outubro de 1945, o coronel Perón (1895-1974), com a actriz Eva Duarte, punha em prática uma fórmula original para reinventarem o totalitarismo - sublevando as massas, os descamisados de Buenos Aires, os operários de Rosário e Córdoba. Afirmando-se como governantes «justicialistas», conseguiram manter-se no poder apesar da hostilidade dos Estados Unidos e da Igreja. Mas a morte de Evita (1952) enfraqueceu a posição de Juan Perón que seria afastado (19.09.1955) pelo primeiro de uma série de novos golpes dos militares. Depois, apesar de curtos intervalos em que o povo conseguiu impor o retorno do regime democrático, mas no capitalismo, sucessivas ditaduras às ordens de Washington lançaram a Argentina numa onda repressiva de proporções históricas.

O último desses criminosos regimes totalitários foi liderado pelo general Gualtieri. O seu envolvimento na guerra das Malvinas (1982) levou à derrota e à humilhação da Argentina. Nesse conflito morreram 625 militares argentinos e 255 britânicos. Agora, a Argentina parece percorrer uma estranha estrada: a da malvinização. Quis libertar as suas Malvinas, mas acaba, ela própria, escrava dos mesmos opressores.

• Miguel Urbano Rodrigues

Por terras da Colômbia (2)

Convivendo

com as FARC-EP na selva amazônica

O acampamento não é visível da pradaria que lhe dá acesso. Quando se olha para a mata do capinzal, em campo aberto, uma cortina verde fecha o horizonte. As altas ramarias de muitas árvores formam acima dos 15 metros um dossel que na aparência separa a terra do céu; a floresta parece impenetrável. Pura ilusão. As FARC-EP instalaram ali um acampamento tão permanente quanto a guerra é compatível com a fixação da guerrilha.

Entre as árvores há dezenas de *caletas*. Assim lhes chamam. Não são cabanas, nem tendas. Vi construir algumas em poucas horas. Espaçosas, essas casas de plástico levíssimo, de duas águas, semeadas entre as árvo-

Uma trincheira protegida por sacos de terra rodeia o acampamento. A vigilância é permanente. Além das sentinelas, há patrulhas noturnas.

O banho diário é regulamentar. As regras de higiene são rígidas. Cada guerrilheiro tem dois uniformes e a mudança de roupa faz-se a cada três dias. Apesar de a floresta ser ampla, é obrigatória a utilização das latrinas para as necessidades corporais. Como o negrume é total durante a noite, a lanterna, na mata, assume para o guerrilheiro importância comparável à do camelo para o beduíno no deserto. No acampamento, uma distância de 150 metros separava a minha *caleta* das latrinas, duas fossas abertas na terra, periodicamente tapadas e substituídas por outras. Uma noite fundiu-se a lâmpada da lanterna, no regresso. A escuridão era impenetrável e não encontrei o caminho. Perdi-me na floresta. Fui resgatado por uma patrulha, quando bati palmas, chamando.

No meu acampamento o efectivo é de uma companhia (54 combatentes), que inclui duas «guerrilhas», com duas esquadras cada uma.

O quotidiano é duríssimo. Não sobra tempo. Às cinco da manhã, a ginástica abre o programa. Os exercícios de treino militar ocupam muitas horas ao longo do dia.

O guerrilheiro nunca se separa da arma e dorme com ela ao lado. O armamento era muito variado: fuzis AK-47 fabricados na ex-RDA, norte-americanos R-15 e israelenses Galil, além de pistolas e revólveres de múltiplas procedências. Nas grandes unidades há morteiros e metralhadoras. Uma percentagem considerável do armamento das FARC-EP foi capturada ao exército após combates vitoriosos.

No acampamento foram montadas instalações indispensáveis a um funcionamento tão autónomo quanto possível. Entre outras, duas cozinhas, o rancho, o armazém do economato e a lavanderia.

Além do escritório do comandante, há mais dois. Num deles instalei o meu computador, utilizável quando o gerador que fornece electricidade é ligado. Isso acontece após o almoço para acompanhamento do telejornal do meio-dia e entre as 18h30 e as 20h, horário em que toda a gente se reúne na Aula para ouvir uma *charla* (interrompida pela televisão e pelo render da guarda) sobre temas ideológicos ou históricos, pronunciada por um quadro da guerrilha ou um convidado. Em todo o acampamento só há meia dúzia de lugares onde chega a luz eléctrica.

No chão arenoso da floresta, entre as árvores e as *caletas*, movimentam-se galinhas, talvez uma centena, coelhos e gatos. Dois outros animais são estimados como mascotes: um papagaio, a *Niña*, e um quati, o *Lelo*, apanhado no mato. O bichinho afeiçoou-se tanto à guerrilha que acompanha os treinos

militares, correndo, e assiste às palestras na Aula.

Num grande chiqueiro, meia centena de porcos de engorda e algumas marrãs criadeiras constituem uma reserva alimentar importante. Apesar da vigilância é impossível evitar que os predadores, vindos da espessura da mata ou do rio, façam estragos. Uma *babilla*, réptil da família dos jacarés, já comeu alguns leitões, e o *zorro*, parente da raposa, e a *chucha*, um carnívoro, matam frangos e pintos.

Em contrapartida comemos caça com frequência, sobretudo *armadillos* (tatus) apanhados na mata.

Um ribeirão de águas profundas, *el caño*, funciona como lugar de banho e reserva de peixe fresco. Também serve para lavar roupa.

Para mim, a única recordação negativa de mais de duas semanas de permanência no acampamento foi a chuva. Em muitos anos vividos em diferentes países da América Latina nunca vi cair tanta água do céu, noite e dia. No Inverno amazônico da região isso acontece durante oito meses do ano, de Março a Novembro. Os dias de sol foram a excepção. A humidade, pegajosa, a rondar os 99%, sufoca, amolece as roupas e os livros, afecta as máquinas, apodrece os alimentos, favorece a multiplicação de ondas de mosquitos transmissores de moléstias infecciosas. Verifico pelo mapa que a linha do Equador passa muito perto. Mas como estamos no Inverno as noites são frescas, com a temperatura a descer abaixo dos 20 graus.

Os guerrilheiros preferem as montanhas andinas às regiões selváticas e doentias do Sul. Compreendo-os.

Heróis que se desconhecem

Ao vasto mundo chegaram há muito os ecos das proezas de revolucionários hoje legendários como Manuel Marulanda e o falecido Jacobo Arenas.

Uma neblina quase impenetrável continua, porém, a envolver os homens e mulheres da guerrilha, os combatentes anónimos que tornaram possível o grande desafio das FARC e a sua transformação num exército popular.

Conviver agora com essa gente foi uma experiência inédita.

Todos usam nomes de guerra. Um quinto dos combatentes, aproximadamente, eram mulheres, o que no contexto de uma guerra prolongada exige, pela escassa privacidade possível, o respeito de regras muito claras. As mulheres realizam os mesmos trabalhos dos homens, sem excepção, desde o corte e o transporte da lenha à abertura e fecho de latrinas, passando pelas guardas e patrulhas. Usam as mesmas armas. A igualdade de direitos é absoluta. Quase todas no meu

acampamento tinham um companheiro. A promiscuidade não é tolerada. Tanto quanto pude observar, a camaradagem desenvolve-se numa atmosfera sadia.

A maioria dos combatentes tem pouco mais de 20 anos. Mas há no acampamento jovens com 17 e veteranos que se batem há mais de duas décadas.



O comandante Maurício Garecas, responsável das FARC em El Caguan

Falei com gente que lutou em muitos departamentos, participando em dezenas de choques com o Exército e os paramilitares e com jovens que ainda não foram submetidos ao fogo do inimigo.

A companhia incluía então guerrilheiros de meia dúzia de departamentos. Um mostruário da Colômbia que reunia gente das cordilheiras, dos *llanos*, dos vales, da selva, das terras frias e da terras quentes.

A maioria dos combatentes era camponeses. Alguns, como Marlon, conhecem a floresta como as suas próprias mãos. Apreendi com ele os nomes das árvores e dos animais selvagens, muito diferentes dos usados na Amazônia brasileira.

As motivações da adesão à guerrilha diferem de caso para caso. Yurlen, a cozinheira, uma moça de 22 anos, contou-me que desde menina sonhava ser militar. Pensava alistar-se no Exército porque lhe contavam horrores da guerrilha. Quando um dia conheceu jovens das FARC percebeu que essa propaganda era mentirosa. Aderiu à guerrilha e a cada ano que passa o seu encantamento é maior. Tem um companheiro, John, e sente-se realizada.

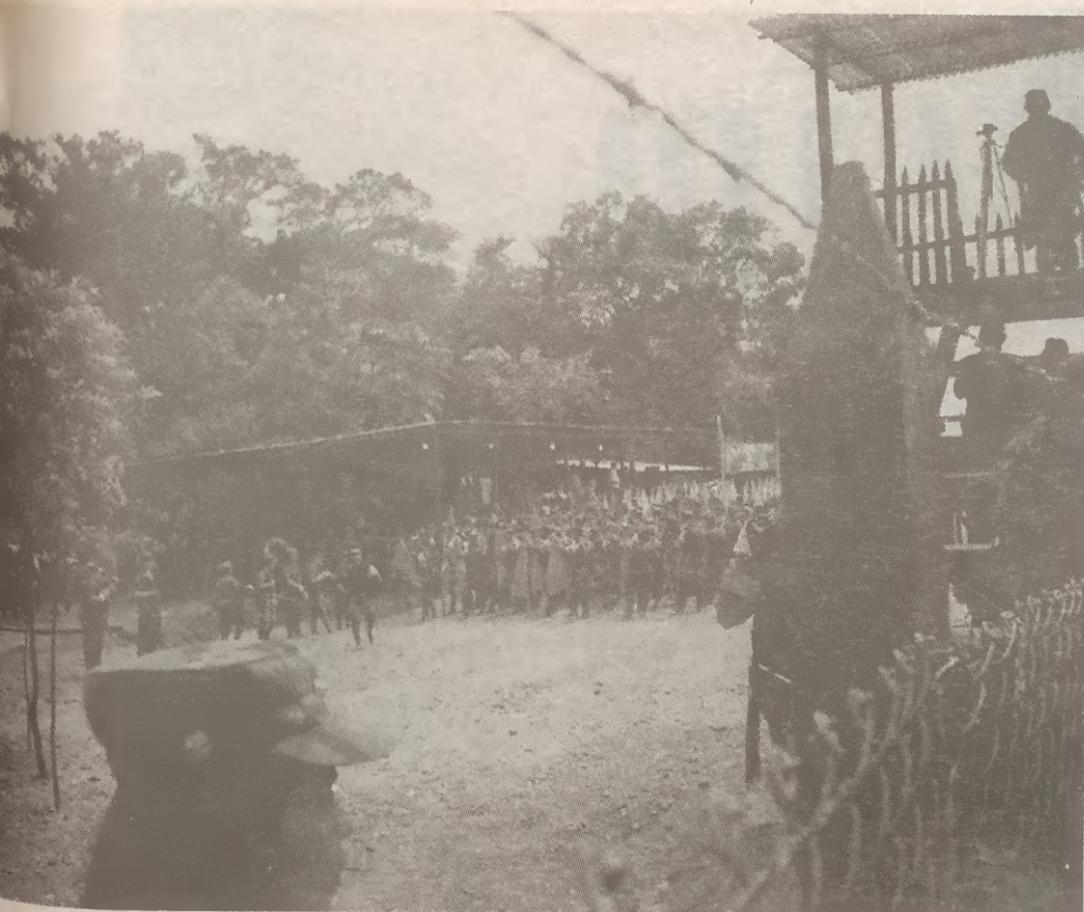
Glória, de origem pequeno-burguesa, move-se com desembaraço no mundo da informática, mas também filma e conduz carros pesados. Adqui-



Comandante Manuel Marulanda

res, são abertas de dois lados. Como raramente sopram ventos não chove lá dentro. O mobiliário reduz-se a um estrado (alguns com colchão) e tábuas para os pertences do guerrilheiro. O mosquiteiro é obrigatório porque a malária e a leishmaniose são endémicas na região.

O regulamento reflecte a disciplina da guerrilha. Dura, mas simultaneamente flexível. Uma disciplina político-militar revolucionária, como ouvi do comandante Raul Reyes. Alvorada às 4h20 da madrugada, café às 6h, almoço às 11h, jantar às 17h. Às 20h são apagadas todas as luzes e meia hora depois estabelece-se silêncio absoluto, rompido apenas pelas vozes dos animais da floresta.



As FARC desfilando em La Macarena (à esquerda) e a Aula do acampamento (à direita)

riu uma sólida formação ideológica. Ingressou na guerrilha com 14 anos – hoje tem 31 anos – para ficar. É muito bonita, irradia uma alegria de viver contagiosa e não perdeu feminilidade apesar da rudeza do cotidiano da guerrilha.

Eliana, a rondar os 50, é uma comandante substituta. Reservada, evita falar do passado. Conhece de cor a história das FARC, aprendida nos patamares de uma luta balizada por combates nos páramos frios da cordilheira, nos llanos, nas terras selvagens do Sul. Desde tarefas de rádio-operadora para comunicações distantes a missões próprias de uma assessora, ou de uma responsável pela intendência, actua como uma «faz tudo» infatigável. Identifiquei nela uma imagem das FARC-EP.

Isabel, uma historiadora de 25 anos que trocou um salário-equivalente a dois mil dólares pela vida na guerrilha, é uma intelectual. Renunciou a uma carreira académica optando por uma existência cheia de perigos. Chegou pelo caminho da ideologia. A adaptação não foi fácil, mas hoje está integrada.

Quebrei o gelo inicial nas relações com o colectivo quando este comentava as notícias do telejornal, desde os combates da guerrilha aos jogos de futebol. Depois, pouco a pouco, o labirinto humano deixou de o ser. Os rostos, os nomes, as tarefas, a personalidade de cada um diferenciaram-se, adquiriram nitidez. Pablo, Arley, Edward, Mauricio, Alirio, Julio, Andrés, Adriana, Jenny, Manuel, os dois Humbertos, Hermes – comandante da Companhia – entre muitos outros, actuaram sobre os mecanismos da memória. Nela vão permanecer como imagens inapagáveis, símbolos que são da coerência, da coragem, da tenacidade de milhares de guerrilheiros das FARC-EP.

Assisti a muitos treinos militares e, aos sábados, acompanhei jogos e convívios animados pelo despique de canções revolucionárias. Um desses jogos tinha uma componente cultural, exigindo respostas a questões históricas, geográficas e políticas. Mas as regras obrigavam também a contar anedotas, a dizer poemas, a entoar canções revolucionárias e canções de amor. A alegria era contagiante.

É assim a guerrilha das FARC-EP.

Eles lutam para transformar a sociedade monstruosa em que cresceram. Estão conscientes de que a felicidade possível é a meta da existência humana. Gostam de rir e cultivam a amizade. Não falam da morte, mas sabem que ela pode chegar no próximo combate. É o preço da opção que fizeram. E o telejornal aviva-lhes diariamente a memória da realidade.

Foi sobretudo na Aula que se aprofundou a minha relação com os combatentes do acampamento. Fui convidado pelo comandante Raul Reyes a pronunciar uma palestra sobre um tema latino-americano. Aceitaram-me como um camarada e acabei por falar durante cinco noites. Se algum mérito me coube foi o de ter contribuído para que os debates fossem em todas essas charlas muito participados.

Obviamente o nível da preparação ideológica diferia muito naquele colectivo. Não poucos guerrilheiros foram alfabetizados no próprio acampamento. A atitude global surpreendeu-me. Aprendi muito na Aula. No colectivo eram notórios os desníveis no conhecimento, no próprio olhar sobre o planeta. O processo de assimilação dos assuntos abordados tinha velocidades diferentes e seguia rumos também diferenciados. Muitos seriam incapazes de explicar o que entendem por marxismo-leninismo, ideologia a que as FARC-EP proclamam uma adesão inquebrantável. Mas havia ali a uni-los um denominador comum, filho da opção e do sentimento revolucionários e da confiança nos dirigentes. Não foi apenas o interesse absorvente que me impressionou. Senti emoção perante aquilo a que chamarei o espírito revolucionário que emergia do cruzar de intervenções e perguntas relacionadas com a história de movimentos guerrilheiros na Nicarágua, no Peru, na Bolívia, em El Salvador, sobre lutas sociais no Brasil, mas também sobre o Zapatismo mexicano, a resistência à ALCA, a resistência de Cuba ao bloqueio, o subir da maré da contestação ao imperialismo e à globalização neoliberal, sua criação, por todo o vasto mundo. A fusão do sentir e da palavra na Aula, tal como a captei, só se torna possível em parcelas de grandes colectivos revolucionários como o das FARC-EP, empenhado em desafiar a História, transformando-a pelas armas e pela força da razão.



Momento de descanso no acampamento das FARC

Na noite de 22 de Junho vivemos horas de grande emoção. A televisão informou que uma coluna das FARC-EP tinha assaltado uma base militar do Exército no Departamento amazónico do Putumayo, vizinho do nosso, o Caquetá. Segundo o governo, 30 oficiais e soldados tinham perecido no combate, abatidos pelos «guerrilheiros narcotraficantes», e «os assassinos» (sic) teriam deixado 26 mortos no terreno.

O comandante Raul Reyes, que estava connosco, contou a seguir o que se passara. O destacamento das FARC-EP destruíra totalmente a base atacada. O inimigo sofrera perdas pesadas: 35 mortos, 20 prisioneiros (libertados no dia seguinte) e um número elevado de feridos. Uma enorme quantidade de armamento fora capturada. As perdas das FARC-EP não ultrapassavam dois mortos e cinco feridos. Mas a vitória alcançada não chegou a ser comemorada. Um dos mortos fora o comandante Campos, muito estimado no acampamento.

«É a guerra!» – comentou Reyes.

Naquela noite a Aula acabou mais cedo.

País que vive uma situação de pesadelo, a Colômbia gerou uma guerrilha – Exército Popular – que recusa no seu combate pelo futuro a palavra impossível.

Não porque sejam utópicos na fixação das metas. As FARC-EP são comunistas, mas têm consciência de que a sociedade colombiana, marcada pela ideologia capitalista, não está madura para se bater pelo socialismo.

Nos Diálogos de Paz, as FARC-EP lutam pela criação de condições que permitam, numa atmosfera sem violência, a construção de uma Nova Colômbia, livre da oligarquia bipartidária, uma Colômbia na qual o povo possa eleger um governo democrático e pluralista.

Duas semanas de convívio fraternal com combatentes da mais antiga guerrilha da América Latina, num acampamento, algures na selva, reforçaram a minha confiança nas FARC-EP. Não há calúnia que possa apagar a evidência. Pelo que fizeram até hoje, elas emergem já como sujeito de um capítulo trágico e maravilhoso da história da Humanidade.

● António Modesto Navarro

Cuba sim cedência não

Há os que ficam contentinhos com qualquer coisa de poder que lhe cai nos braços. Aqui, neste sistema alienado e alienante, perdem as perspectivas e olham à volta sem nada verem de essencial, já. Naquele sistema, naquela vida, quando chega, a gente que sofreu e sofre, por aqui, em Portugal, respira melhor. Olha à volta e pode ver cada vez mais longe, para lá de situações de poder que são consecutivamente questionadas na prática.

Falo de Cuba. Voltei lá, um ano depois daquela «Carta de Cuba» que me trouxe tantas solidariedades e alegrias (e também algumas caras pálidas e fechadas, pois então...). Voltei lá e senti que as coisas evoluíram. O sector do turismo está mais orientado e profissional, menos dependente da empobrecedora caça ao dólar. Os transportes também melhoraram. E, entretanto, o que já se configurava em 2000 aí está, no terreno e em força, no regresso à vida cultural e ao gosto de viver intensamente a vida, depois da década brutal de 1990/2000, o já chamado «período especial».

Não tinham nada a ver com essa coisa idiota que foi o uso do poder socialista para matar o poder do povo e o sistema avançado de libertação da humanidade, mas sofreram e sofrem ainda as consequências do mau trabalho daqueles que não perceberam que o poder, em qualquer lado, e sobretudo no estado revolucionário e socialista, só pode responsabilizar e enobrecer aquele ou aquela que o devolve consecutivamente aos trabalhadores e às populações, numa prática nítida e activa, de participação e de transformação que não podem parar.

Agora, em Havana, foi possível participar num Congresso sobre Cultura e Desenvolvimento e perceber que aquele país tem muita gente que já se superou a si própria, que age todos os dias no terreno, em qualquer parte onde são construídos projectos de desenvolvimento em que as componentes da produção, da construção de melhores condições de vida, de habitação, de saúde ou de outras áreas físicas e concretas, estão intimamente ligadas ao saber e à cultura.

Resistir e vencer

É assim, em Cuba. Por isso resistiram e venceram. Por isso resistem e vencem todos os dias. Não se trata de gente vaidosa e cada vez mais formal, a andar por aí, de sessão para programa social, num mais ou menos enfiado suborno de vida e projecto. Falemos assim, claro. Trata-se de revolucionários que experimentam todos os dias, no quotidiano livre e impulsionador, o que já adquiriram e o que têm de descobrir. Nada está conquistado em definitivo e tudo se ergue e consolida no meio das pessoas e para as pessoas que trabalham, amam, gostam de viver e de estar vivos, nos desafios que

sabem antever e construir. O Congresso estava extremamente bem organizado e funcionou em plenários (Globalização, identidade e diversidade; O cinema latino e outras alternativas; e Situação actual da cultura cubana), em seis comissões (Políticas culturais e desenvolvimento; Património, cultura nacional e turismo; Cultura, informação e meios massivos; Cultura e comunidade; Economia da cultura; e Formação cultural para o desenvolvimento) e ainda em visitas de estudo a projectos comunitários, instituições e entidades culturais. A completá-lo e a torná-lo ainda mais significativo e impulsionante, realizaram-se espectáculos de grande qualidade artística em espaços de formação e de actividade cultural da cidade.

A situação actual, da chamada globalização, é de perda de identidades e de projectos nacionais e regionais, em todo o mundo. O congresso, internacional, em que participaram delegações, criadores, especialistas e trabalhadores culturais e científicos das Américas, de África, da Europa e da Ásia, trouxe a consciência avançada e já elaborada de que esta é a

etapa mais violenta de sempre para a humanidade. Atentados consecutivos às diversidades e às diferenças, desnacionalização da cultura e da economia de cada país, ocupação dos territórios concretos e também destruição do pensamento, do sonho e da criatividade de cada povo.

«A consciência nacional é a forma mais elaborada de cultura», e é exactamente aí que o imperialismo ataca a cada momento, através da «cultura» massificadora do espectáculo, do esvaziamento de identidades e de raízes. É um processo de extorsão a vários níveis, do económico ao social e ao cultural, todos os dias, delineado e executado passo a passo, na ocupação dos espaços e dos meios de comunicação, nos bancos, na bolsa, na indústria e na agricultura, como no cinema, na música, no teatro, nas salas de espectáculo e nas ruas. Nos restaurantes ou nas livrarias, em qualquer lado onde possam substituir a produção e a criatividade nacional pela produção massiva e empobrecedora deles, do imperialismo organizado e activo que encontra tanta vezes cumplicidades aqui

ao nosso lado, na televisão, na rádio, nos jornais, nas universidades, de quem devia ter um mínimo de dignidade e se vende miseravelmente por um prato de qualquer valor.

As pessoas, no geral, vivem, ou eles querem que vivam, só o presente. Não têm memória nem perspectivas de futuro. E, o que é mais grave, nesta cultura de Centro Comercial cada vez maior e mais esvaziador, eles ainda nos vendem o «adubo» (os filmes, as «séries» de televisão, o que é espectacular e rende muito dinheiro) com que é alimentada e se desenvolve a estupidez que grassa por aí.

De tudo fazem dinheiro... Só no cinema, em todo o mundo, 74% das entradas vendidas são para ver cinema dos Estados Unidos da América. Mas eles declaram, em qualquer lado onde se discute esta questão, que querem chegar (se for possível) aos 100% de ocupação. Atingir o jovens é o primeiro objectivo. Por isso, também por isso, entender a cultura como vector fundamental de desenvolvimento e libertação, é entender que se trata de uma questão crucial também aqui, no nosso país. É uma questão ética



O Congresso contou com a presença de Fidel Castro



Museu da Revolução – porta aberta para o futuro



Havana Velha - crianças em preparação física de iniciativa popular

As manifestações artísticas, em todas as suas vertentes, fazem parte da história dos povos

e de futuro, de combate pela consciência das pessoas, na seriedade absoluta do conhecimento dos problemas, na ideia clara de que cada ser humano tem dentro de si um sonho, uma vontade de criar que é inestimável e que não podemos deixar destruir.

Globalizar a solidariedade

Há 840 milhões de analfabetos maioritariamente em países pobres. Actualmente, pensar pela nossa cabeça é um delito. Então, pensemos em conjunto e actuemos unidos, lutando contra o sectarismo e a cegueira de quem pensa que o que é material e imediato é único e está sempre primeiro. Demos a máxima importância à experimentação, às ideias e à criatividade. A educação, a cultura, o desporto, o ambiente, a participação local e regional, são vectores fundamentais do nosso trabalho de comunistas. Claro que temos de lutar e lutaremos por meios de produção, pela indústria e pela agricultura, pelo direito ao emprego e por melhores salários, pela habitação, pela saúde, por tudo o que é parte integrante da dignidade e da evolução e transformação do ser humano, mas isolar isso é permitir que, mais adiante, se instale de novo o hábito, o acomodamento, a perda de referências e de capacidade de lutar, de lutar mais e mais, ir mais em frente. Por isso, as ideias, a ideologia, o conhecimento e a aprendizagem social e cultural são o fermento e estão indissolavelmente ligadas à construção de um país e à libertação imparável, física e espiritual, de um povo.

Assim, neste entendimento e na prática, Cuba está lá à frente, contra a cultura da facilidade e do entreguismo a qualquer bem-estar a todo o custo que seria cobardia e traição. **A ecologia humana** é um conceito interessante, nesta perspectiva: se nos preocupamos com o ambiente, temos de nos preocupar com a poluição do ser humano. «Se destroem a ecologia, todos protestam. Se destroem a memória e o património humano, ninguém protesta.» Protestam e lutam os que estão vivos, os que pensam o mundo e no mundo, os que se preocupam não só com o local mas com a totalidade.

Em Cuba, os projectos comunitários de desenvolvimento, em que se perspectivavam e incluem o conjunto dos factores locais e o que é universal, envolvem muitos anos de trabalho e de avaliação de resultados. Os conselhos locais comunitários abrangem, por exemplo, a economia, a habitação, os hábitos sociais, a saúde, a educação e a cultura. As associações de intelectuais participam activamente nos terrenos da luta concreta e das ideias. Estão lá, os artistas e escritores, os intelectuais revolucionários, onde é necessário estar e trabalhar. Em Hava-

na Velha, onde havia problemas sociais difíceis, há agora participação e libertação integrada dos habitantes que reconstruem os prédios em que habitam e crescem como seres humanos e revolucionários.

Abel Prieto, ministro da Cultura, descontentado, crítico e participativo como não há por aqui, disse, num dos plenários: «Nós não dissemos nem dizemos ao povo, **crê!** Nós dizemos **lê!**» Fidel, no encerramento do congresso, deu notas suficientes para se perceber como Cuba resistiu ao cerco do imperialismo e se foi libertando do atraso e evoluiu, até se transformar num povo em que mais de 60% dos habitantes têm formação média e superior.

O século XXI será o século do conhecimento e da cultura. Ser culto para ser livre. Humanismo, usar esta palavra (tantas vezes evitada) para afirmar o caminho de ligar a prática à criação. Libertação a pulso, afirmação concreta perante os poderes. Na nossa vida, aqui e agora, temos um poder central que seguiu cega e determinadamente as ordens do imperialismo e da alta finança, destruindo e vendendo sectores fundamentais da economia e de outras actividades. Estamos em perda geral, no país, e em concentração acelerada e violenta no litoral e, sobretudo, nas «coroas» das áreas metropolitanas de Lisboa e Porto. A queda e o descrédito do Governo do PS e de Guterres aí estão na ordem do dia. Como é que alguns ainda querem que nós, o PCP, o sustentemos e aguentemos, a este governo da direita mais prática e destruidora? A questão essencial é o que propomos ao país, como programa nacional, na indústria, na agricultura, nas pescas, na habitação, na educação, na saúde, na cultura, nas áreas fundamentais da nossa vida, que são claramente o oposto daquilo que é a prática real da direita e do PS nos governos. A cedência e a descaracterização de um partido revolucionário como o nosso iriam desarmar ainda mais a classe operária, o movimento sindical, os trabalhadores e o povo.

O que é, para nós, o poder?

Poder regional, a falta que faz, lá bem longe das lágrimas de crocodilo de quem só sabe recuar e inviezar o discurso. No Poder local, rever, alterar e melhorar o que fazemos e como fazemos. Questão nodal de ontem, de hoje e de sempre — como exercemos o poder e com quem. Algumas confusões e cedências que aparceram, no meio de tanto trabalho que nos honra e transforma todos os dias. Conhecemos, como nenhuns outros, esta sociedade e precisamos de a mudar. Cultura e desenvolvimento, não esqueçam. Cultura e vida local. Participação, rigor e exigência, todos os dias. Globalização é



perda de memória e de identidade. É perda de sermos nós, de estarmos atentos, de exigirmos e de mudarmos o que está velho, o que envelheceu entretanto e já não presta.

Bento de Jesus Caraça, como José Martí em Cuba, foi, entre nós, um lutador incansável pelo desenvolvimento, pela libertação de classe operária, dos trabalhadores e do povo. Cultura integral do indivíduo, lembrem-se? Se não conhecem, leiam. Se já leram, voltem a ler, e pensem no que lá está escrito. Pensem e pratiquem, que não nos faz mal nenhum, bem pelo contrário. Conhecimento e participação. Como ele era profundamente comunista e como se pode identificar o seu pensamento na prática da grande parte, da imensa parte, das autarquias de maioria comunista.

Aqui, como em Cuba, aí está a questão essencial e central: ter poder para quê? Estar no poder é criar condições para que a imensa maioria, aqueles que amamos e que não se revêem em poderes tão idiotas como perigosos e vazios, assumam esse poder e levem o desenvolvimento, a cultura, a prática e a participação mais adiante, sempre mais adiante, imparáveis e capazes, cada vez mais sabedores, cultos e transformadores, porque só assim somos seres humanos e superiores.

Superarmo-nos a nós próprios, eis o grande desafio dos cubanos e de todos os

revolucionários, por exemplo dos comunistas portugueses, que têm muita experiência a comunicar e obra a mostrar e que precisam de continuar a ir em frente, livres de peias mais ou menos parvas e burguesas (da ganga que já era ganga e morta), para chegarmos à globalização da solidariedade e à transformação efectiva deste país e do mundo.

Bento de Jesus Caraça, como comunista intrínseco e voltado para a realidade e a transformação da vida, nunca cedeu. Não envergonhem a sua memória, aqueles que foram e são contra a Revolução de Abril e que tentam homenageá-lo e só fazem manobristo e baixa política. Não esqueçam a sua prática de comunista e de militante da cultura, do saber, do desenvolvimento integrado, da libertação total dos portugueses que amava tão intensamente, bem junto dos que estão neste partido a que ele pertenceu e pertence, como memória inalienável e enobrecedora, ao lado de Álvaro Cunhal e de outros revolucionários e camaradas que não de ficam na História, já estão na história pátria, ao contrário de alguns de que já esquecemos os nomes e que ficam tão pequeninos, já tão podres e pequeninos, debaixo da asa e da pata do inimigo.

Dos banais e dos vendidos não reza a história e a cultura revolucionária e transformadora deste partido e de um povo como o nosso.

● Zillah Branco

Proibido pensar

Uma das características do actual sistema capitalista, acentuada com a pernicioso globalização sob o domínio norte-americano, é a imposição de um modelo de comportamento social ditado pelos interesses financeiros. Os trabalhadores, assim como os políticos e os intelectuais, são treinados para executar ordens que emanam do mercado, como um poder invisível sustentado pela lógica do sistema.

Trata-se de uma nova forma de autoridade que controla as leis, e os vários instrumentos de repressão e coerção social, revestida de uma etérea condição de fatalidade, como se combinasse o poder ditatorial terreno com o determinismo atribuído a um Deus investidor.

As pessoas dão-se conta de que há injustiça, prolifera a corrupção, a natureza é destruída, as desigualdades sociais são crescentes, o desemprego corresponde ao aumento dos lucros das empresas globalizadas, 1/5 da humanidade vive sob a ameaça da fome e das doenças sem remédios, o

desespero provoca loucura e acaba com a segurança pública, as máfias fortalecem-se manipulando um exército mundial de descontentes, os governantes são títeres dos grandes grupos económicos. Mas, diante da fatalidade imposta pelo mercado, curvam-se à espera de um milagre que não se sabe bem de onde virá. O maldito sistema criou todos os condimentos necessários à alienação social mais absoluta, ou seja, a destruição das condições de cidadania que só se realizam com uma efectiva participação social.

A Guerra do Golfo foi a demonstração, televisionada para todo o mundo, de que o império norte-americano (artigo de MUR, *Avante!* de 13/6/01) organiza o poder para dominar o mundo numa combinação de armas, comunicação social, subordinação de Governos europeus, soldados condicionados pelo fantasma do desemprego. E ninguém poderá acreditar que o comando todo-poderoso seja liderado por um ignorante e irresponsável feito presidente na mais vergonhosa cozinha eleitoral. Ele aparece para mascarar um poder económico e militar globalizado com a função política exigida pela democracia em extinção. Todas as medidas absurdas e truculentas que tomar, resultam da fatalidade que pesa sobre o cenário mundi-

al com uma força extraterrestre. Esta é a nova religião que impõe o ecumenismo ao rebanho humano com força superior à dos tribunais da Inquisição e às teorias racistas do fascismo.

Redução do pensamento

Ficamos indignados, no Brasil (onde o modelo norte-americano interfere até no arroz com feijão de todos os dias), ao tentar falar com uma grande empresa pública e somos atendidos por um disco que repete inutilidades como um papagaio. Nem sempre é um disco gravado, na maioria das vezes é um funcionário atendente. Podemos alegar qualquer coisa que a resposta é sempre a mesma terminando com o inefável «em que mais posso servi-lo? Tenha um bom dia». Para desabafar uns mandam o disco «catar coquinhos» (para ser gentil) e outros tentam despertar a consciência de cidadania do atendente apelando para a sua capacidade pensante. Mas não passa de um desabafo inconsequente. Na verdade, ficamos diante de um muro intransponível, como os que dialogam com Bush esperando que ele use a massa cinzenta como um ser humano qualquer.

Institucionalmente o país está dotado de tudo o que uma democracia precisa, só que não funciona. Ou melhor, funciona para atender os privilegiados da elite e para esmagar todos os demais. As leis (milhares e contraditórias) são exibidas para comprovar que os espertos (que podem pagar advogado) têm razão e que os pé rapados estão enquadrados na saia justa do sistema. Temos um organismo para defender os consumidores, desde que não se trate de reclamações contra empresas acarinhadas pelo governo. Cansado, o cidadão desiste de tentar qualquer defesa dos seus interesses ou parte para a ignorância com armas na mão.

Como dizia o geógrafo Milton Santos, um dos grandes pensadores brasileiros falecido recentemente, «no Brasil, as classes média e alta não querem ser cidadãos porque preferem ter privilégios pessoais, e os pobres não têm direitos sociais». Milton Santos, professor universitário, diferenciava-se da elite intelectual porque nunca deixou de valorizar a sua origem de neto de escravos. Com um trabalho reconhecido internacionalmente e divulgado em centenas de artigos e mais de 40 livros da sua especialidade, enfrentou o preconceito racial e a perseguição política contribuindo revolucionariamente para a inclusão do ser humano no conceito da geografia. Não se deixou engolir, como tantos outros, pela reduzida visão elitista do mundo que distribui a vida e a ciência por caixinhas estanques.

A alienação dos intelectuais alimenta conversas circulares sobre o governo actual, onde a perspectiva fica estrangida entre o aprovo ou desaprovo as medidas presidenciais. Tanto o intelectual presidente como os seus intelectuais críticos desperdiçam um vocabulário complicado e vazio para girar sobre os interesses de uma elite que roda na órbita do mercado. Quem teve a oportunidade de conhecer a vida política nacional antes da ditadura de 1964, sabe que o mundo e mesmo o Brasil são muito

maiores que este balaio de intrigas e debates medíocres. Mas e os mais novos, que se formam dentro deste subterrâneo mental sem ventilação? Que culpa têm de se tornarem discos quando empregados?

A volta à colónia

O Brasil de hoje é tão colónia como foi nos primeiros 300 anos de domínio luso-britânico. Mudou de dono quando os ingleses introduziram a modernidade de um pré-capitalismo e, depois, com a substituição pelos norte-americanos com ares de independência da América. Nas bases surgiu uma classe operária organizada em sindicatos e partidos políticos que inspiraram uma intelectualidade aberta ao mundo. A elite daquela época comportava-se como uma aristocracia rançosa, agarrada aos seus privilégios de oligarquia da terra, naturalmente retrógrada e condenada à falência se não conseguisse agarrar o carro da industrialização.

Os movimentos mundiais, impulsionados pelo socialismo nascente, trouxeram uma lufada de ar puro que alimentou as ideias brasileiras. Surgiram escolas políticas, artísticas, técnicas, capazes de estabelecer a ligação entre as conquistas intelectuais alcançadas no mundo e as raízes da cultura brasileira com a sua peculiar miscigenação racial. Foi um tempo de independência, pelo menos mental, para os brasileiros.

Do fim da dominação lusitana o Brasil herdou uma dívida que só conseguiu saldar em 1957. No curto espaço de tempo em que o povo brasileiro participou como dono da sua nação (apesar de perseguido por muitos dos governantes), descobriu-se a riqueza em petróleo, na siderurgia, na produção de energia hidroeléctrica e em tantas outras fontes de produtos essenciais ao desenvolvimento do país.

Com a ditadura de 1964, o genocídio de tantos lutadores e as pressões sobre a intelectualidade, as forças económicas imperialistas assumiram claramente a sua face política no Brasil impondo um modelo de pensamento. A ditadura foi chamada de revolução e o endividamento externo sustentou o milagre económico. A elite política casou-se com a económica, aprendeu a falar inglês e substituiu a ideia de produção pela de consumo como motor do desenvolvimento. O resultado é esta catástrofe que hoje somos obrigados a suportar: uma dívida externa de 238 mil milhões de dólares (com crescimento galopante devido aos juros), uma miséria avassaladora mitigada com escassas esmolas em alimentos, a destruição da natureza pela falta de controlo no corte de árvores e poluição dos rios, esgotamento dos mananciais hídricos que nos condenam à pior crise de abastecimento de água e energia eléctrica.

Como se não bastassem estes descalabros que acentuam a situação de dependência nacional, foram privatizadas as principais empresas estatais, a Petrobrás distribuiu os seus recursos em muitas astronómicas devido às constantes rupturas dos tubos que transportam óleo ou gás pelo território



pondo em risco tanto a natureza como a vida dos habitantes, vamos importar da Bolívia com pagamento em dólar a mesma quantidade de gás (10 milhões m³/dia) que a Petrobrás queima na Bacia de Campos por não ter construído equipamento para armazenar e distribuir, etc., etc., e, para coroar, o Brasil assinou um acordo em 18/04/00 autorizando os Estados Unidos a instalarem uma base «para lançamento de foguetes, veículos e cargas úteis por meio de veículos espaciais» no estado do Maranhão. Enfim, de mão beijada, o Brasil vai escoando suas riquezas e seu território para o novo colonizador.

Consciência de cidadania?

Razão tinha o professor Milton Santos ao mostrar que no Brasil uns não querem ser cidadãos e outros não podem. Quem perde tempo acompanhando o noticiário político do Brasil onde se vê a ginástica dos corruptos para permanecerem nos mais altos cargos da nação driblando a Justiça com a agilidade dos antigos campeões do futebol nos gramados, e ouve o telejornal que entra em minúcias acerca do índice Nasdaq ou da vida particular dos expoentes da atual elite e nada fala sobre a vida brasileira que foi privada de futuro digno, quem ouve esta baboseira todos os dias se já não era alienado acaba por ficar.

Os governantes não têm nem sombra de consciência de cidadania, a intelectualidade que ciranda como mariposa em torno da luminosidade do Governo, idem. Não existem planos de desenvolvimento a partir do conhecimento da realidade nacional e tendo em vista a melhoria de condições de vida da população, as estratégias são traçadas em função dos investidores e dos consumidores externos, quando não traduzidos dos textos do FMI.

Os que não desistem de lutar por um Brasil independente e pelo desabrochar da consciência popular não têm acesso aos meios de comunicação de massas. E o tempo passa e nova eleição se anuncia, requeitada como sempre porque não ultrapassa os limites do sistema redondo e viciado.

Nas esquinas o povo fala, esbraveja, mas não esconde o seu desânimo. Neste sistema esférico, fechado em torno de uma elite medíocre e desinteressante, não dá vontade de participar como cidadão. Sobretudo porque para poder trabalhar é preciso parar de pensar. É lugar para espertos, capazes de inventar uma ética particular que atenda aos interesses da elite e dos colonizadores, e dos robôs que executam ordens.

É verdade que este panorama, infelizmente, é mundial. Quando vemos que um governo, como o da Jugoslávia, chega à baixa de vender o ex-presidente por um milhão de dólares para ser julgado em Haia, abdicando da sua integridade nacional, nos damos conta de que não só o chamado Terceiro Mundo aceita que o poder global tripudie sobre a sua soberania. Mas isto não consola, aumenta a raiva dos que não querem aceitar que o pequeno mundo da elite reduza a perspectiva de futuro dos povos.

A consciência de cidadania é o motor da participação social, é a afirmação dos indivíduos como membros integrantes da sociedade. Os que recusam este direito, com os consequentes deveres de solidariedade e de trabalho pelo desenvolvimento pessoal e colectivo, tornam-se escravos, mesmo que de luxo como os da elite.

«Seixal Xadrez 2001»

• José Augusto

Um êxito absoluto com a contribuição de Karpov

O Seixal foi a capital do xadrez durante a terceira semana de Julho.

Promovido pela Câmara, o «Seixal Xadrez 2001», que englobou o nacional feminino, o I Torneio Internacional do Seixal e a *simultânea* do ex-campeão mundial Anatoli Karpov contra os quatro melhores xadrezistas portugueses do momento, constituiu um êxito absoluto. E pode-se dizer,



também, que o grande xadrezista russo foi um digno embaixador de um país em que um em cada três cidadãos e uma em cada cinco cidadãs joga xadrez. Apesar de muitas estruturas desportivas terem sido impiedosamente destruídas pelos democratas que estão no poder.

Anatoli Karpov, sem dúvida um dos mais carismáticos campeões mundiais de xadrez, deslocou-se ao nosso país, a convite da Câmara Municipal do Seixal, para participar numa *simultânea* contra os quatro melhores xadrezistas portugueses de momento, facto inédito no panorama escaquístico nacional. O resultado (3:1) com que o russo venceu o quarteto português constituído pelo actual campeão nacional, António Pereira dos Santos, e ainda Luís Galego, Rui Dâmaso e António Fernandes, não deixa dúvida sobre o seu valor, apesar de ter completado recentemente 50 anos.

Aquele que é considerado por muitos o melhor xadrezista de todos os tempos, ao lado de outros grandes mestres das 64 casas, como Alekhine, Capablanca ou Kasparov, não recusou a ideia de um dia participar no torneio da Festa do Avante, se para tal for convidado. «Teria muito gosto em estar pre-

Karpov com o presidente da Câmara do Seixal



sente na festa dos comunistas portugueses, mas tudo depende da minha disponibilidade de agenda» – declarou o campeão russo. Este ano é impossível, pois no período da Festa encontra-se em digressão pela América Latina.

Lembre-se que Karpov é, desde 1982, presidente do Fundo da Paz, que tem por missão auxiliar os veteranos da guerra e apoiar a resolução de problemas ambientais, e embaixador da UNICEF, uma organização das Nações Unidas que, na Europa do Leste, trabalha na prevenção da droga e da delinquência infantil.

Karpov, que no trato com os outros não deixa transparecer o vedetismo que lamentavelmente ataca tantas *estrelas*, é conhecido por ter ideias claras e firmes sobre o mundo e o xadrez, claro está, a grande paixão da sua vida. E expõe-nas com todo o à-vontade, como todos aqueles que gostam de partilhar e discutir o mundo. «O xadrez deve ser ensinado nas escolas, pois disciplina o pensamento, o que é útil para todas as outras disciplinas» – realçou, numa interessante conferência de imprensa que deu no Pavilhão Municipal do Alto do Moinho.

Quanto à questão fascinante das relações entre o computador e o jogador de xadrez, opina que, «nos próximos dez anos, é pouco provável que a máquina se superiorize ao homem». É que ela, «a máquina, tem a vantagem de não cometer erros, o que não acontece com os humanos, mas também tem a pecha de ter pouca imaginação. Por outro lado, lembra-se de tudo o que os homens aprenderam.»

Reconhece que um profissional sofre mais com as derrotas do que aqueles que jogam xadrez pelo prazer do jogo. Sobre a idade em que um jogador de xadrez pode dar prova de todas as suas potencialidades, acha que é a «rondar os 30, ou talvez 25, pois o jogo tem-se tornado cada vez mais exigente, mesmo em termos físicos.»

Afabilidade e espírito de humor

São públicas, desde há muito, as fricções entre Karpov e Kasparov, outro monstro sagrado do xadrez. Fricções que, por vezes, assumem contornos políticos.

Kasparov, o ogre de Baku, como é conhecido, sempre acusou Karpov de «fazer carreira à sombra do partido». Todavia, a verdade é que Karpov só se filiou no PCUS aos 28 anos, quando já era bicampeão mundial. Kasparov, porém, entrou para o Partido aos 18 anos, argumentando agora que, na altura, para se ser alguém na vida, era preciso ser militante do PCUS. Ora, grandes xadrezistas como Smislov, Tall, Petrossian e Spasski nunca pertenceram ao partido. É por isso que Karpov, quando confrontado

com as acusações que lhe dirige o seu grande rival, pergunta indignado: «Qual de nós é, afinal, o carreirista?»

Outro facto curioso. Quando Karpov se sagrou campeão do mundo era ainda muito novo e, logicamente, começou a ser muito procurado pela chamada «juventude de ouro». Do contacto com ela, Karpov deduziu a seguinte lei: «Os filhos dos ministros só falam com os filhos dos ministros; os filhos dos pais que andam de *tchaikas* (limusina de fabrico soviético) nada têm a ver com os filhos dos que andam de *volgas*, etc.»

A frieza ofídica de Karpov frente ao tabuleiro contrasta com a sua afabilidade e espírito de humor quando em sociedade. Lembro-me que, nos princípios dos anos 80, deu uma entrevista ao então célebre semanário «Literaturnaia Gazeta», que mantinha uma célebre página satírica, a última, inspiradamente denominada «Clube das Doze Cadeiras»:

«Pergunta - Já venceu o seu adversário (referindo-se a Kortchnoi, que acabara de bater em Merano) três vezes. Não estará na hora de mudar de adversário?»

«Karpov - Escolhem-se os amigos; quantos aos adversários, aparecem por si.»

«Pergunta - É já tricampeão mundial. Ora, segundo uma regra do xadrez, o jogo acaba quando uma posição se repete três vezes...»

«Karpov - Quanto mais severa a regra, mais agradável é violá-la.»

Incentivo aos amadores

Alfredo Monteiro, o presidente da Câmara do Seixal, afirmou que esta primeira edição do «Seixal Xadrez 2001», que beneficiou da presença do ex-campeão do mundo Anatoli Karpov, «deu um notável impulso ao desenvolvimento da modalidade no concelho.»

Durante a sua curta estadia no Seixal, Karpov não se furtou a visitar o Clube das Cavaquinhas, que tem no xadrez a sua modalidade de eleição. Presentemente, a colectividade acolhe cerca de 150 jovens praticantes, alguns deles com títulos nacionais ou distritais. Outras colectividades, como a Sociedade Musical 5 de Outubro, consagram também particular carinho ao xadrez, e durante o ano são muitas as iniciativas de natureza escaquística que levam à prática.

Com o apoio da Câmara Municipal, que desde há anos aposta ousadamente na popularização do xadrez, estão em actividade programas dedicados a turmas do Ensino Básico e a jardins de infância. Também nos programas dos Jogos do Seixal e da Seixalfada o xadrez ocupa um lugar de destaque, e os respectivos torneios chegam a reunir muitas dezenas de praticantes de todas as idades.

Religiões

• Jorge Messias

Assim funciona a **Rosa dos Ventos**. Gira em torno do seu eixo, surdamente, como um triturador. Capta o pulsar dos «lobbies», mistura, filtra, recicla e procura formar assim a massa homogénea do poder. É um sistema que se revela a cada passo. As pontas em estrela da **Rosa dos Ventos** passam mecanicamente, como numa engrenagem, pelos interesses dos grupos económicos, pelas imposições dos grupos de pressão e pela fria determinação das elites hierárquicas, políticas, militares, administrativas e religiosas. Longe de tudo isto, como é natural, ficam os direitos e as legítimas aspirações dos humildes, dos excluídos e dos assalariados – do povo comum reunido numa estranha nação.

A notícia, semeada de anedotas burlescas, da nova remodelação do Governo Guterres chegou quando este texto estava a ser elaborado. «Politicamente correcto» seria fingir-se que o assunto nada tem a ver com a igreja

Conhecidos que são os nomes dos novos ministros, dos novos secretários de Estado e dos sobreviventes do governo anterior, bem poderia afirmar-se que os nomes, em si mesmos, pouco informam. Melhor seria procurar-se o sentido político dos nomes, do que os nomes revelam do passado das pessoas, do significado dos seus percursos ideológicos e dos compromissos assumidos noutras áreas alegadamente apolíticas. Informativo seria também conhecer os campos de influência a que esses nomes actualmente se ligam. Se tentarmos esta difícil leitura, logo se nos depara obviamente uma primeira conclusão: o perfil do ministro-tipo em nada se alterou. É, invariavelmente, o de um homem ligado a interesses privados, pessoais ou de grupo, que aparentemente abandona enquanto ministro mas a que logo regressa ao deixar o governo. Surge das áreas-chave da economia, do ensino privado, da saúde, da administração pública, dos petróleos, da indústria militar, etc. Enquanto ministro, reforça os poderes de que o seu «lobby» dispõe. É a simples realidade capitalista. E, se para o homem comum, este retrato contém em si mesmo factores potenciais de corrupção, injusto seria

A Rosa dos Ventos (III)

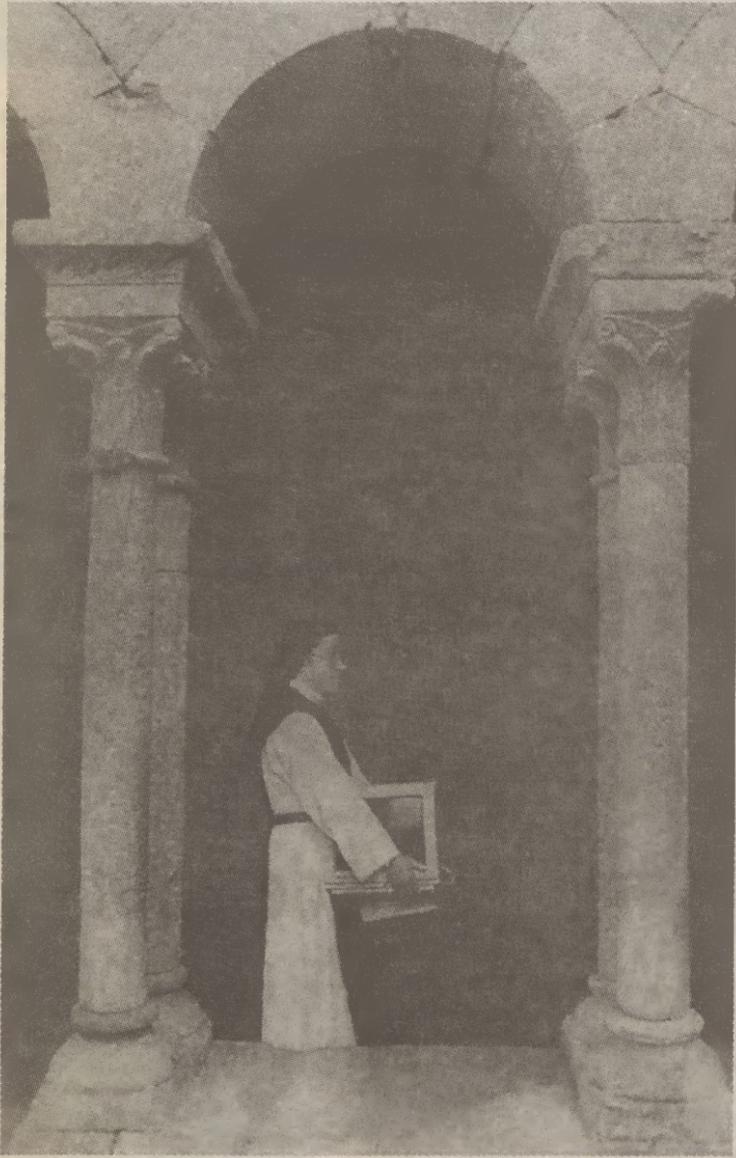
dominante, ainda que todos saibam que a hierarquia católica é agente interessado e seriamente envolvido na vida política nacional. Passemos, portanto, ao lado do «politicamente correcto».

diabolizar-se Guterres ou quem quer que seja só porque procede como os seus parceiros americanos, franceses ou ingleses. É o capitalismo, a negação do socialismo.

Então, pouco a pouco mas não tão lentamente como parece acontecer, o poder dos grupos privados vai-se sobrepondo ao poder político representativo, único frágil elo estrutural que liga a coisa pública à ideia distante de democracia. Para esta situação se caminha agora abertamente, com a noção fatalista de que um governo é simples ponto de passagem entre dois regimes: o político e o empresarial. É esta a fase que atravessamos.

Constata-se, então, que uma vez mais se cruzam política e religião. Quando um governo se instala sobre um banco de «lobbies» protagonizados pelos seus ministros, os interesses surgem separados em termos frequentemente antagónicos. Se os dinheiros do Estado forem para os petróleos, é evidente que não chegam para a saúde. Ou se os empreiteiros conseguirem saquear os cofres públicos, os «nichos» da indústria militar ficarão de mãos vazias. Os ministros lançam-se uns contra os outros e o Governo esvazia-se de autoridade.

Acontece, porém, que essa autoridade existe ainda que se situe paralelamente ao poder político. A igreja católica tem uma rígida estrutura orgânica vertical e todos os principais ministros, com os seus gabinetes, são dirigentes ou ex-dirigentes católicos e não simples crentes comuns. Continuam ligados a históricos vultos carismáticos que zelam por que a passagem do poder político ao poder económico se realize tranquilamente, sem grandes sobressaltos sociais. A igreja católica institucional continua a poder reclamar-se como o «cimento do capitalismo», a sua inseparável **Rosa dos Ventos**. E – acredite-se ou não – a esquerda olha-a com uma certa simpatia.



Pontos Cardeais

Sisas I

O Governo do PS prometeu acabar com o imposto de sisa na compra de imóveis (Guterres chamou, mesmo, à sisa «o imposto mais estúpido do país» na altura em que tomou pela primeira vez posse como primeiro-ministro), mas como não queria perder receitas propôs-se substituí-lo por outro, «transformando-o» em IVA. Era esse o plano do então ministro Pina Moura, anunciado para entrar em vigor já no próximo ano. Esqueceram-se de um pormenor: a União Europeia não permite aplicações do IVA inferiores a 17%, e o IVA que o Governo de Guterres queria aplicar sobre a compra de imóveis andava entre os 5% e os 7%.

Vai daí, o Executivo de António Guterres fez o que melhor sabe: recuou em toda a linha mas mantendo o imposto de sisa como está, porque vêm aí eleições...

Sisas II

Entretanto, este aparente «contencioso» entre o Governo de António Guterres e a União Europeia sobre a percentagem a aplicar no IVA que substituiria o imposto de sisa merece alguma atenção. O Governo do PS queria aplicar um IVA inferior (entre 5% e 7%), o que parece indiciar «consciência social» do Estado para com o contribuinte que, na esmagadora maioria dos casos, se endivida até aos cabelos para adquirir uma habitação. Mas as aparências iludem. Na crueza dos factos, a verdade é que, até agora, estão isentas do pagamento de sisa todas as compras de habitação que vão, pelo menos, até aos 10 mil contos, sendo só a partir daí que se aplica o imposto, e apenas o que exceda esse montante.

Ora com a substituição do imposto de sisa pelo IVA – mesmo a 5% – acabam-se as isenções de que até aqui beneficiavam os mais pobres e toda a gente passará a pagar pelo menos 5% sobre qualquer montante que aplique na compra de habitação.

Tão espertos que são, estes senhores governantes do «diálogo»...

Legalizações

Em entrevista ao *Público*, o director do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) informou que apenas se aguarda um relatório do Governo sobre as necessidades do mercado de trabalho em Portugal (que já está pronto) para se acabar com as facilidades de legalização que a legislação aprovada no início deste ano permitiu a milhares de cidadãos estrangeiros a trabalhar clandestinamente no nosso país, sujeitos às mais tenebrosas mafias e engajadores.

Confirma-se: as preocupações sociais do Governo de António Guterres, nomeadamente com os estrangeiros superexplorados no nosso país, têm uma dimensão precisa – são exactamente do tamanho dos interesses dos empresários da construção civil...

Montesinos

Segundo revelou o jornal *Miami Herald*, citado pelo *El País*, a CIA pagou durante a década de 90 mais de 10 milhões de dólares ao antigo chefe dos serviços secretos do governo peruano de Alberto Fujimori, apesar de conhecer os seus vínculos com narcotraficantes colombianos. Aliás, Montesinos – que actualmente se encontra detido no Peru por corrupção, tráfico de armas, branqueamento de capitais e enriquecimento ilícito – está a tentar utilizar as suas ligações com a CIA como parte da sua defesa.

Tudo isto é trivial e não surpreende ninguém. E é (mais) um retrato da «grande democracia» americana, sempre pronta a financiar e apoiar corruptos e criminosos para, através deles, espolar os respectivos povos. E se for necessário até legitimam regimes ditatoriais com a chancela da democracia, como o fizeram durante 10 anos com Alberto Fujimori, o presidente peruano que tinha em Montesinos o seu homem de mão...

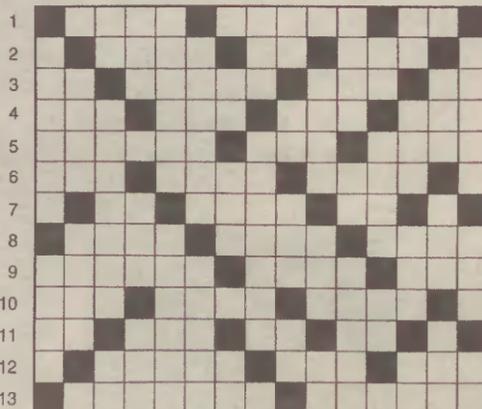
Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS: 1 – Piedade; pássaro dentirrosto do Brasil, de canto melodioso; interj. que exprime admiração, dor, alegria, etc. 2 – Actor de farsa satírica; perversa; pátria (fig.). 3 – Deus egípcio; manhoso; tenho conhecimento de; letra grega correspondente ao P latino. 4 – Unidade das medidas agrárias equivalente a cem metros quadrados; monarca; o espaço de 24 horas; voz do gato. 5 – Mudar de região; espaço de 30 dias; escudeiros. 6 – Parceiro; parte direita ou esquerda de qualquer pessoa, animal ou objecto; vaga. 7 – Existes; objecto mais ou menos circular; interj. que designa dor, admiração, repugnância. 8 – Operar; fêmea do mu ou macho; ave parecida com a pomba. 9 – Obstinar-se; lodo; coloração da face. 10 – Caminhado; pedra ou figura em jogo de tabuleiro; espírito. 11 – Pedra de amolar; sinal gráfico que serve para nasalar a vogal a que se sobrepõe; sorri; planta liliácea da China. 12 – Grande vasilha para líquidos, de capacidade igual ou superior a duas pipas; ecoa; fúria. 13 – Excesso; metal radioactivo branco e combustível que se pode desintegrar em cadeia e que, por isso, é usado para se obter energia nuclear.

VERTICAIS: 1 – Haste para segurar peças em que se trabalha; tomilho. 2 – Cantiga; poeta primitivo entre os gregos. 3 – Prep. que indica lugar, tempo, modo, causa, fim e outras relações; nobre; a tí. 4 – As nossas pessoas; anuência; matiz. 5 – Sem a noção dos princípios da moral; pilhagem. 6 – Agravar com tributos; desprezível. 7 – Sétima nota da escala musical; faculdade; medida itinerária chinesa. 8 – Patrão; relativo ao módulo. 9 – Bário; ofereça; fileira; nome da letra l (pl.). 10 – Juízo; governanta; designa alternativa (conj.). 11 – Alameda; despido; na religião cristã, a mesa em que se celebra a missa. 12 – Gemido; agregar; terceira nota da escala musical. 13 – O espaço aéreo; geme (fig.); vazia; índio (s.d.). 14 – Voz de algumas aves, especialmente a do mocho; gavinha; nome próprio masculino. 15 – Ciumento; espécie de sapo da região do Amazonas; contr. da prep. a com o art. def. o.

SOLUÇÃO:
HORIZONTAIS: 1 – Penar; sabido; ab. 2 – Monar; má; lar. 3 – Rá; sos; sonso; set; pi. 4 – Are; rei; dia; mto. 5 – Migra; m; a; a; a. 6 – Par; lado; onda. 7 – Es; roda; lar. 8 – Agri; multa; rola. 9 – Teim; lar; cor. 10 – Ide; peg; alma. 11 – M; u; l; i; t; i. 12 – Ton; e; so; a; tra. 13 – Dem; a; s; t; a; r; a; t; o. 14 – Am; o; mod; u; ni. 15 – C; i; u; m; e; n; t; o.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15

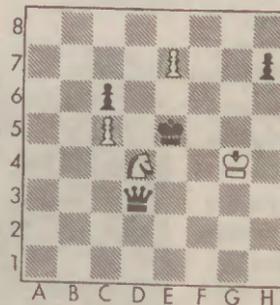


Xadrez

DCCCVIII - 9 DE AGOSTO DE 2001
 PROPOSIÇÃO N.º 2001X26

Por: Aleksiei Troitzky
 «Deutsche Schachzeitung», 1912

Pr.: [4]: Ps. ç6, h7 – Dd3 – Rç5
 Br.: [4]: Ps. ç5, é7 – Cd4 – Rç4



Branças jogam e ganham

SOLUÇÃO DO N.º 2001X26 [A.T.]

1. Cç6+, Rf6; 2. f8=Cf+, Rç6; 3. Cç7+, Rç5; 4. Cb4+, Rç5; 5. Cd3+, Rd4; 6. Cf4 e g.; 3. ... Rf6; 4. Ch5+, R-; 5. Cf4/e5 e g.

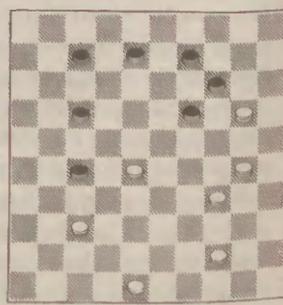
A. de M. M.

Damas

DCCCVIII - 9 DE AGOSTO DE 2001
 PROPOSIÇÃO N.º 2001D26

Por: A. A. Polman
 NL

Pr.: [7]: 7-8-9-14-17-19-27
 Br.: [7]: 20-28-30-34-37-44-48



Branças jogam e ganham

SOLUÇÃO DO N.º 2001D26 [A.A.P.]

1. 37-32, (27x38)*; 2. 28-23, (19x28)*; 3. 48-43, (38x29); 4. 30-24, (14x25); 5. 24x4 = D+

A. de M. M.

Ciência & Tecnologia

• Francisco Silva

Era uma vez um escocês, lá para os idos do século XIX. Este escocês, um professor dedicado ao estudo e ao ensino de pessoas surdas tal como o seu pai e o seu avô, cuja mãe era surda, chamava-se Alexander Graham Bell. Um escocês que, como tantos outros, emigrou para os EUA. Aí, já em Boston, fundou uma escola para «o estudo de Fisiologia Vocal, para a correcção de defeitos de expressão vocal e para a instrução prática em «Fala Visível», o sistema de Fonética Universal inventado pelo seu Pai, o professor A. Melville Bell» – assim rezava o seu texto de anúncio de abertura da escola.

A razão irónica ou a ironia do destino



A «Fala Visível» era um sistema alfabético que consistia na representação de cada símbolo por um determinado som produzido por um gesto apropriado da boca. Bell ensinou «Fala Visível» a surdos, a indivíduos com dificuldades na fala e a professores de surdos.

Muito atento aos avanços científicos e tecnológicos da sua época, cheio de optimismo e com espírito de inventor, estudou os fenómenos do electromagnetismo com o objectivo de encontrar caminhos que pudessem servir para trazer os seus pupilos para o mundo da fala e da comunicação auditiva. Bell conduziu nomeadamente experiências acústicas no MIT (Massachusetts Institute of Technology). Em colaboração com um especialista de ouvidos de Boston, começou a experimentar uma utilização conjunta da mecânica do ouvido e do «fonautógrafo», um equipamento que convertia vibrações sonoras em traços que podiam ser vistos e lidos.

Perto estava ele do telégrafo, nessa altura. O telégrafo, já com os seus trinta anos de história. E do seu

trabalho à invenção do telégrafo harmónico, que podia transmitir mensagens em morse simultâneas desde que transmitidas com frequências - harmónicas - diferentes através de uma mesma linha. Os conhecimentos que tinha sobre o som, tanto como professor de Fisiologia Vocal, como até acerca da natureza da música, ajudaram-no a dar este passo. E também o seguinte. Afinal os sinais sonoros, nomeadamente a fala, são sempre resoluíveis nos seus constituintes harmónicos, num espectro de frequências.

Por outro lado, tanto andou Bell à volta das ondas eléctricas e da forma como elas poderiam evoluir analogamente às ondas sonoras – convertidas da forma sonora para a eléctrica e vice-versa –, que acabou por inventar o telefone. Com efeito, através do microfone, as ondas sonoras que aí chegam são convertidas de forma a assumirem a forma de corrente eléctrica. Esta vai sendo levada a variar em acordo com as variações impressas nas ondas sonoras pela fala. E, no outro extremo, onde são

recebidas, as ondas eléctricas, são, de novo, convertidas em sonoras e escutadas por quem as recebe. Escutadas se a pessoa não for surda!

As voltas que o mundo dá!

Suprema ironia: o nosso herói, ao inventar o telefone, fê-lo para ser utilizado por pessoas com características auditivas médias, ou não muito afastadas desses valores. O professor anda à volta das ondas eléctricas, buscando caminhos para ajudar as pessoas surdas e acaba por inventar um aparelho que elas não podem utilizar. E o uso do telefone, ao tornar-se tão importante e ao constituir-se na base do processo ulterior de desenvolvimento das telecomunicações, foi transformando a situação comunicacional de tal maneira que as pessoas portadoras de deficiência auditiva viram reduzir-se, nessa vertente, o campo de manobra para a sua integração na sociedade.

Para acudir às necessidades especiais das pessoas surdas em termos de telecomunicações, a solução é empregar sinais visíveis. Ocorreu então – já a televisão era rainha – a possibilidade de transmissão da imagem do correspondente da pessoa surda. Recuperava-se a situação da comunicação na presença física do outro. Encontrou-se resposta técnica no videotelefone, mas cara e, por isso, pouco difundida.

Foi, enfim, com o telemóvel que acabou por vir a solução inesperada e «em conta»: as mensagens escritas SMS (Short Message Service), a comunicação por texto (também com a possibilidade de inclusão de imagens). Do ponto de vista «telefónico», aconteceu como que um fecho circular, outra vez com o seu quê de ironia: o invento de Bell afastara de si as pessoas surdas; o serviço SMS do telemóvel trouxe-as de volta. Mais, até a grácil vibração do aparelho quando chama parece ter sido cortada à medida das pessoas surdas.

As voltas que o Mundo dá!

Pontos Naturais

• Mário Castrim

Epigramas, medida grega

I
Era pobre e um pobre mentalmente.
Enriqueceu, ficou inteligente.

II
Lá vai mudando de partido, a esmo.
Sempre igual a si mesmo.

III
É um tipo importante, de estadão
vai à televisão!

IV
Ele escreve e diz mal de um estadista?
Queda do governo à vista.

V
Uma vida de artista já viveu
e não sobreviveu.

VI
«Gosto dela porque é minha mulher.»
Haverá cosa pior de se dizer?

VII
Ao invés da cebola, ele afinal
faz-nos chorar por mal.

VIII
Gostava tanto de ver televisão
que se tornou ficção.

IX
Que é imparcial, diz o comentador.
Mas a sua conta no banco, favozor!

X
Encontrei-o ontem no supermercado.
Ficou encabulado.

XI
Era tão medíocre, o estafermo
que se julgava eterno.

XII
Abraça, apalpa-lhe as costelas, marca
o melhor sítio para esperar a faca.

XIII
Vota e não sabe que ao votar escolhe.
Depois admira-se do grão que colhe.

XIV
Cultiva doutros tempos a saudade
e vai saboreando a liberdade.

XV
Aquele sorriso que brilha
é, sabiamente encoberta, uma armadilha.

XVI
Ao dizer que a TV não deve educar
está a querer que o deixem trabalhar.

XVII
Não lhe importa que o mundo acabe neste dia
desde que não lhe prejudique a economia.

XVIII
Canta mal. Certamente alguém lhe come a voz.
Mas em público, assim, tão diante de nós?

XIX
Não lhe peças jamais que esteja sóbrio
pois lhe dá para o óbvio.

XX
Lá pensa que a beleza, desta vez,
lhe dá direito à estupidez.

XXI
Trabalha só pelo pilim. A conclusão:
está sempre em leilão.

XXII
Não é verdade a TV. A TV é
o rosto de quem às vezes nem se vê.

XXIII
Subiu na vida a pulso, diz feliz.
Nos pulsos de quem é que não diz.

XXIV
Quem diz primeiro que não tem partido
fala sempre com um segundo sentido.

XXV
Político não manda, mandam-no. Mas quem?
Procura saber, ora bem.

Cartoon

• Monginho

EM BERLIM, HA' UM CARTAZ
A AFIRMAR QUE
"O HOLOCAUSTO NUNCA
TEVE LUGAR"... PARA
CHAMAR A ATENÇÃO
QUE DE FACTO... EXISTIU !???

JA' PARECE UM
DAQUELES CARTAZES
DO PS... "PORTUGAL
PELA POSITIVA" !!!



amri

ATVer

Realizado em 1959 por Billy Wilder, **Quanto Mais Quente Melhor** é uma das mais inteligentes, provocatórias e hilariantes comédias de equívocos do cinema norte-americano

Paragem de Autocarros

(Quinta-feira, 09.08.01, RTP-2)

Confirma-se: a RTP-2 está a dedicar um ciclo a **Marilyn Monroe**, que já começou a semana passada. Hoje, temos **Paragem de Autocarros** e para amanhã está anunciado **Quanto Mais Quente Melhor**, de que falaremos a seguir. **Paragem de Autocarros**, que Joshua Logan realizou em 1956, é um dos filmes onde Marilyn teve mais hipóteses de apresentar os seus dotes de comediante, no (difícil) papel de uma cantora sem talento que se vê alvo da paixão assolapada de um jovem cowboy de Montana que, ingénio e voluntarioso, decide que os dois se irão casar de imediato, abrindo caminho a uma sucessão de equívocos a que a cantora, com sensibilidade e muito humor, vai gerindo como pode.

Quanto Mais Quente Melhor

(Sexta-feira, 10.08.01, RTP-2)

Realizado em 1959 por Billy Wilder, **Quanto Mais Quente Melhor** é uma das mais inteligentes, provocatórias e hilariantes comédias de equívocos do cinema norte-americano, tendo como ponto de partida a história de dois músicos (**Jack Lemmon** - magnífico - e **Tony Curtis**) que têm de se fazer passar por mulheres para poderem tocar numa banda feminina com que estabeleceram contrato por engano. É uma das obras magistrais de Billy Wilder, que mais uma vez soube tirar partido das potencialidades dramáticas de **Marilyn Monroe**.



cedência, mergulha na obsessão demencial que o põe à beira do suicídio. Todavia, muita gente houve na época que viu neste filme de Kazan uma espécie de exorcismo dos seus próprios fantasmas, nomeadamente os que teriam passado a atormentá-lo desde que cedeu perante a «caça às bruxas» do maccarthismo, traindo amigos, solidariedades e um trajecto pessoal de esquerda.

Violação de Privacidade

(Sábado, 11.08.01, TVI)

Carly Norris (**Sharon Stone**), recentemente divorciada, começa uma nova vida num novo apartamento, onde é calorosamente recebida por dois vizinhos, um escritor (**Tom Berenger**) e um designer de software de computadores (**William Baldwin**), mas o que parecia uma mudança de vida tranquila e agradável para a recém-chegada começa a transformar-se num inquietante pesadelo, a partir do momento em que esta toma consciência que está a ser permanentemente espiada. Um filme de suspense e mistério muito à americana, reflectindo os medos e obsessões da sua bem instalada classe média/alta e que tem nos actores - nomeadamente a sensual Sharon Stone - um dos seus trunfos.

Balas Sobre a Broadway

(Segunda-feira, 13.08.01, RTP-1)

Em Nova Iorque, nos anos 20, um jovem dramaturgo, para conseguir levar à cena uma peça da sua autoria, aceita o financiamento de um mafioso sob o compromisso de dar o papel principal à namorada deste. A encenação da peça revela-se um pesadelo para o jovem autor, acossado pela falta de talento da principal intérprete e as pressões para reescrever o texto ao sabor das invejas e intrigas dos bastidores. Para complicar tudo, o brutamonte que é guarda-costas pessoal da namorada do mafioso revela uma extraordinária veia de dramaturgo e vai com ele reescrevendo a peça, assumindo-a também como sua e acabando a assassinar a protagonista (de que era guarda-costas!) porque esta lhe estava a estragar a peça... com a sua falta de talento! Mais um filme genial de **Woody Allen**, pois claro, neste caso reflectindo (entre outras coisas...) sobre os problemas éticos que um artista enfrenta quando cede a compromissos para apresentar o seu trabalho.

A Aldeia dos Meus Sonhos

(Terça-feira, 14.08.01, RTP-2)

Premiado no Festival de Berlim, **A Aldeia dos Meus Sonhos** é uma bela crónica evocativa e nostálgica do Japão do pós-guerra, a partir das memórias do escritor Seizo Tashima sobre a sua despreocupada e divertida infância na companhia do seu irmão gémeo. Uma realização de **Yoichi Higashi**, criando uma serena e envolvente crónica emocional sobre um tempo de mudanças e transições profundas no seu país.

Quinta, 9

▼ RTP 1

07.30 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
12.25 Pedra sobre pedra
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Ciclismo: Volta a Portugal
16.00 Vidas Cruzadas
16.45 Privilégio de Amar
17.30 Meu Pé de Laranja-Lima
18.45 Quebra-Cabeças
19.15 Regiões
20.00 Telejornal
21.05 Bastidores
21.55 Fados
22.30 Benny Hill
23.10 Ballet Rose
00.10 24 Horas

▼ RTP 2

07.00 Hora Viva
09.45 Euronews
11.00 Espaço Infantil-Juvenil
14.00 «Paragem de Autocarros» (de Joshua Logan, EUA/1956, com Marilyn Monroe, Don Murray, Arthur O'Connell. Ver Destaque)
16.00 Euronews



Susana Feitor e outros atletas portugueses no Mundial do Canadá: até domingo na RTP, sempre ao fim da noite

16.30 Informação Gestual
17.30 Por outro lado
18.30 Informação Religiosa
19.00 África de Baixo Acima
19.30 Espaço Infantil
20.00 Sabrina
21.00 2010
22.00 RTP Economia
22.30 Jornal 2
23.20 Cupido
00.10 «Histórias do Cinema» («Apenas o Cinema»; «Beleza Fatal» «A Moeda do Absoluto», de Jean-Luc Godard, Fr/1998. Ensaio)

▼ SIC

08.00 Buééré
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.15 A Viagem
16.15 New Wave
17.00 Um Anjo Caiu do Céu
18.00 A Padroeira
19.00 Ganância
20.00 Jornal da Noite
21.30 Querido Professor
22.30 Porto dos Milagres
23.30 Sai de Baixo
00.30 O Bar da TV
01.00 «American Yakuza» (de Frank Capello, 1994, com Viggo Mortensen. Acção)
03.05 Portugal Radical

▼ TVI

08.30 Aquanauts
09.30 Animação
12.15 Olho Vídeo
13.00 TVI Jornal
14.00 112
14.30 Chiquititas
15.45 Animações infantis
18.00 Marés Vivas
19.00 Super Pai
10.00 Jornal Nacional
21.00 Entre Marido e Mulher
21.40 Olhos de Água
22.40 «Hollywood, Cidade Corrupta» (de Reynaldo Villalobos, EUA/1995, com Edward James Olmos, Rick Aiello. Drama)
00.5 Que Loucura de Família

Sexta, 10

▼ RTP 1

07.30 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
12.00 Pedra sobre Pedra
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Ciclismo
16.00 Vidas Cruzadas
16.45 Privilégio de Amar
17.30 Meu Pé de Laranja-Lima
18.45 Quebra-Cabeças
19.15 Regiões
20.00 Telejornal
21.05 Bastidores
21.55 Benny Hill
22.30 Tourada (T.D.)
00.30 Histórias da Noite
01.15 Ballet Rose

▼ RTP 2

07.00 Hora Viva
09.45 Euronews
11.00 Espaço Infantil-Juvenil
14.00 «Quanto mais Quente melhor» (de Billy Wilder, EUA/1959, com Jack Lemmon, Tony Curtis, Marilyn Monroe. Ver Destaque)
16.00 Euronews
16.30 Informação Gestual



«Ballet Rose» em retransmissão na RTP1

«A Padroeira», mais um episódio «histórico» em série da Globo

17.30 Por outro lado
18.30 Informação Religiosa
19.00 Pontos de Fuga
19.30 Espaço Infantil
20.00 Sabrina
21.00 Sobre-Humano
22.00 RTP Economia
22.30 Jornal 2
23.20 Cupido
00.10 Um Café no Magestic
01.10 Jazz a Preto e Branco
02.15 «Os 39 Degraus - Ralph Thomas» (de Ralph Thomas, R.Unido/1959, com Kenneth More, Taina Elg. Suspense)

▼ SIC

08.00 Buééré
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.15 A Viagem
16.15 New Wave
17.00 Um Anjo Caiu do Céu
18.00 A Padroeira
19.00 Ganância
20.00 Jornal da Noite
21.00 Ponto de Encontro
22.20 Porto dos Milagres
00.30 Sai de Baixo
24.00 O Bar da TV
01.00 «Explosão Iminente» (de Keoni Waxman, EUA/1999, com Dolph Lundgren, Bruce Payne. Acção)
03.30 Portugal Radical

▼ TVI

08.30 Aquanauts
09.00 Animação
12.30 Olho Vídeo
13.00 TVI Jornal
14.00 112
14.30 Chiquititas
15.45 Espaço infantil
18.00 Marés Vivas
19.00 Super Pai
20.00 Jornal Nacional
21.00 Crianças S.O.S.
22.00 Olhos de Água
23.00 «Coragem em Tempo de Guerra» (Longa Metragem)
03.10 Que Loucura de Família
03.40 Alta Velocidade

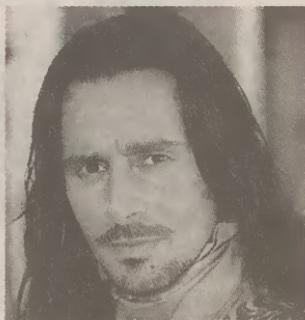
Sábado, 11

▼ RTP 1

07.30 Infantil/Juvenil
13.00 Jornal da Tarde
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Ciclismo
17.15 «All Stars, Coisas do Futebol» (de Jean van de Velde, Hol/1997, com Antoine Kamerling, Danny de Munk. Comédia)
20.00 Telejornal
21.05 Sábado à Noite
22.55 Lei Marcial II
23.45 24 Horas

▼ RTP 2

07.00 Euronews
09.40 «A Batalha do Rio Prata» (de Michael Powell e Emeric Pressburger, R.Unido/1956, com John Gregson, Anthony Quayle, Peter Finch. Guerra)
12.00 Iniciativa
14.00 Regresso a Bountiful (de Peter Masterson, EUA/1985, com Geraldine Pge, John Heard, Rebecca de Mornay. Drama)
16.00 Desporto 2



19.00 «A Janela não É Paisagem» (de Edgar Péra, Port/1999, com Lúcia Sigalho, José Wallenstein. Drama)
21.00 Encontros de África
21.30 Bumbordo
22.00 Bem... Você Percebe
22.30 Jornal 2
23.20 O Lugar da História
00.30 Britcom
01.30 «O Compromisso» (de Elia Kazan, EUA/1969, com Kirk Douglas, Faye Dunaway, Deborah Kerr. Ver Destaque)

▼ SIC

07.00 Zip Zap
12.00 O nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal
14.00 «Disponível para Tudo» (de James L. Brooks, EUA/1994, com Nick Nolte, Albert Brooks, Julie Kavner, Whitney Wright. Comédia)
16.30 «Cocoon: O Regresso» (de Daniel Petrie, EUA/1988, com Don Ameche, Steve Guttenberg, Jessica Tandy, Hume Cronin. Comédia)
19.00 Mundo VIP
20.00 Jornal da Noite
21.00 Sai de Baixo
23.00 «Submundos» (de Peter Medak, EUA/1993, com Gary Oldman, Juliette Lewis. «Thriller»)
01.20 Sexappeal (reposição)
02.00 «Aquecimento Central» (de Sybil Richards, EUA/1995. Erótico)
04.35 Portugal Radical

▼ TVI

08.00 Animação
10.45 Top Rock
12.00 Reportagem
13.00 TVI Jornal
14.00 Contra-Ataque
14.45 4.ª a Fundo
15.00 Caras Lindas
16.45 Olho Vídeo
18.00 «O Momento da Verdade II» (de John G. Avildsen, EUA/1986. Artes Marciais)
20.00 Jornal Nacional
21.00 Ilha da Tentação
22.00 Olhos de Água
23.00 «Violação de Privacidade» (de Phillip Noyce, EUA/1993, com Sharon Stone, William Baldwin, Tom Berenger. Ver Destaque)
01.00 Lux
01.50 «Tentação de Verão» (de J. Edie Martin, EUA/2000, com Shauna O'Brien, Gabriella Hall. «Thriller»)



Elia Kazan encena em **O Compromisso** uma reflexão sobre questões éticas tão sérias como as capitulações a que normalmente conduzem os compromissos tomados num quadro de cedência



Balas Sobre a Broadway: um jovem dramaturgo, para conseguir levar à cena uma peça da sua autoria, aceita o financiamento de um mafioso. Mais um filme genial de Woody Allen

O Compromisso

(Sábado, 11.08.01, RTP-2)

Partindo de um romance escrito por si próprio, **Elia Kazan** encena em **O Compromisso** uma reflexão sobre questões éticas tão sérias como a capitulação a que normalmente conduzem os compromissos tomados num quadro de cedência. À superfície, a história narra as vicissitudes de um executivo bem instalado na vida (**Kirk Douglas**), casado e com uma amante (**Faye Dunaway** e **Deborah Kerr**) mas incapaz de optar, pelo que, de compromisso em compromisso, de cedência em



Rui Mendes no papel de um «bispo» em «Ganância»

Domingo, 12

▼ RTP1

07.30 Infantil/Juvenil
12.30 Planeta Azul
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Ciclismo - Volta a Portugal
16.00 Made in Portugal
17.30 Domingo Desportivo
19.10 Sporting / Porto
21.10 Telejornal
22.15 Milionários à Força
22.45 Atletismo: Campeonato do Mundo
00.25 Teledependentes
00.50 Fórmula 1 - GP da Alemanha
00.55 24 Horas
01.30 «Valores Familiares» (de Eric Styles, R.Unido/2000, com Julie Andrews, Sophie Thompson, William Baldwin. Comédia)

▼ RTP2

07.00 Euronews
09.00 Programa Religioso
10.30 Missa
11.30 Ciclismo - Volta a Portugal
14.00 Palácio de Cristal
15.00 Desporto 2
18.30 Projecto Golfinho
19.30 Os Misericórdios
20.30 Onda Curta
21.00 Simpsons
21.30 Artes e Letras - Louise Brooks
22.30 Jornal 2
23.20 «Crime em Hong-Kong» (de John Woo, Hong-Kong/1987. Policial)
01.15 História do Cinema Português (2)
02.15 2010

▼ SIC

07.00 Zip Zap
12.00 Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
14.20 Médico de Família (reposição)
15.20 Primeiro Balcão - Lucas
17.50 «Louge de Casa» (de Philip Borsos, EUA/1995, com Mimi Rogers, Jesse Bradford. Aventura)
20.00 Jornal da Noite
21.00 Sai de Baixo
22.00 «Homem de Guerra» (de Perry Lang, EUA/1994. Acção)
00.10 O Bar da TV
02.00 «Na Mira do Assassino» (de David L. Corley, EUA/1999, com James Belushi, Sheryl Lee. Comédia)
04.05 Portugal Radical

▼ TVI

08.30 Animação
10.00 Cerimónias Religiosas
13.00 TVI Jornal
13.45 Dawson's Creek
15.45 «O Ladrão e a Refém» (de James Lapine, EUA/1999, Susan Sarandon, Stephen Dorff.
17.45 Portugal Eléctrico
20.00 Jornal Nacional
21.00 Olhos de Água
22.00 «A Sedutora» (de Roland Joffé, EUA/1999, com Patricia Arquette, Dermot Mulroney, Ellen De Generes, Don Johnson. «Thriller»)
24.00 «A Bela Tentação» (EUA/1995)
02.00 Os Últimos Paraísos na Terra

Segunda, 13

▼ RTP1

07.30 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
12.25 Pedra sobre Pedra
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Ciclismo: Volta a Portugal
16.00 Vidas Cruzadas
16.45 Privilégio de Amar
17.30 Meu Pé de Laranja-Lima
18.45 Quebra-Cabeças
19.15 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 Bastidores
21.55 Sorte Grande
23.20 Alves dos Reis
01.10 24 Horas
01.50 «Balas sobre a Broadway» (de Woody Allen, EUA/1994, com John Cusack, Chazz Palminteri, Dianne Wiest. Ver Destaque)

▼ RTP2

07.00 Hora Viva
09.45 Euronews
11.00 Espaço Infantil-Juvenil
14.00 «Com Jeito Vai... na Farra» (de Clarence Brown, EUA/1951, com Paul Douglas, Janet Leigh. Comédia)
16.30 Informação Gestual
17.30 Por Outro Lado
18.30 Informação Religiosa
19.00 Rotações
19.30 Espaço Infantil
20.30 Sabrina
21.00 O Último Dia
22.30 Jornal 2
23.20 Cupido
00.10 Artes de Palco - Teatro («As Lições» de Ionesco)

▼ SIC

08.00 Buérré
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.00 A Viagem
16.15 New Wave
17.00 Um Anjo Caiu do Céu
18.00 A Padroeira
19.00 Ganância
20.00 Jornal da Noite
21.15 Malucos do Riso
22.15 Porto dos Milagres
23.30 Sai de Baixo
00.30 «Mentiras Perigosas» (de Lawrence Lanoff. «Thriller». Edição)
02.30 Portugal Radical

▼ TVI

08.30 Mundo Marinho
09.30 Animação infantil
11.45 Olho Vídeo
13.00 TVI Jornal
14.00 112
14.30 Chiquititas
15.45 Animação Juvenil
18.00 Marés Vivas
19.00 Super Pai
20.00 Jornal Nacional
21.00 Criações S.O.S.
22.00 Olhos de Água
23.10 «Os Especialistas do Crime» (de Jim Kouf, EUA/1997, com James Belushi, Tupac Shakur, Dennis Quaid, James Earl Jones. «Thriller»)
01.10 Desafio Total
02.10 Strange World



«África de Baixo a Cima», como a viu uma equipa de portugueses

Quarta, 15

▼ RTP1

07.30 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
11.15 Pedra sobre Pedra
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Ciclismo: Volta a Portugal
16.00 Vidas Cruzadas
16.45 Privilégio de Amar
17.30 Meu Pé de Laranja-Lima
18.45 Quebra-Cabeças
19.15 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 Portugal / Arménia
23.00 Bastidores
00.00 Benny Hill
00.35 24 Horas
01.20 «Quase Morta» (de Rubem Preuss, EUA/1994, com Shaunen Doherty, Costas Mandylor. Fantástico)

▼ RTP2

07.00 Hora Viva
09.45 Euronews
11.00 Espaço Infantil-Juvenil
14.00 «Com Jeito Vai... Inglaterra» (de Gerald Thomas, R. Unido/1976. Comédia)
16.30 Informação Gestual
17.30 Por Outro Lado
18.30 Informação Religiosa
19.00 Onda Curta
19.30 Espaço Infantil
20.20 Sabrina
21.00 Milongo
22.30 Jornal 2
22.50 Cupido
23.40 Sinais do Tempo
00.40 O Reino

▼ SIC

08.00 Buérré
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.15 A Viagem
16.15 New Wave
17.00 Um Anjo Caiu do Céu
18.00 A Padroeira
19.00 Ganância
20.00 Jornal da Noite
21.20 Querido Professor
22.30 Porto dos Milagres
23.30 Sai de Baixo
00.35 «Lei Marcial» (Longa Metragem)
02.45 Portugal Radical



▼ TVI

08.30 Mundo Marinho
09.00 Animação Juvenil
11.00 Serviço Religioso
13.00 TVI Jornal
14.00 «O Império Perdido» (de Peter MacDonald, EUA/2001, com Thomas Gibson, Ling Bai. Fantástico)
18.00 «O Pai da Noiva» de Charles Shyer, EUA/1991, com Steve Martin, Diane Keaton, Kimberly Williams, Martin Short. Comédia)
20.00 Jornal Nacional
21.00 Tie Tac Milionário
21.10 Olhos de Água
22.10 Ri-te, Ri-te
01.10 «Um Segredo em Família» (de Arvin Brown, EUA/1998, com Dorian Harewood, John Terry, Jean Smart. Drama)
02.20 Que Loucura de Família
02.50 Alta Velocidade
03.50 Direito de Nascer

Nota:
A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição

TVisto

Correia da Fonseca

Os homens do lodo

É frequente, é até compreensível, supor-se que «Bombordo» só se ocupa de peixes e mares, com muitas imagens de largos horizontes de água e céu, abundantes sugestões de odores impregnados de sal, tudo a tornar-se um pouco monótono no decurso das muitas semanas. De qualquer modo, não é decerto por isso que «Bombordo» tem escassa audiência: está na «2», o canal que se tornou maldito por causa da suspeita de estar relacionado com coisas da cultura, e isso basta para que poucos por lá se atrevam. Mas o caso é que há mais coisas em «Bombordo» do que o título da rubrica sugere, e foi isso mesmo que voltei a verificar no passado sábado, quando por lá passei enquanto a «1» transmitia o Boavista-Porto para a Supertaça e os telespectadores da SIC repetiam gargalhadas perante a repetição das já velhas anedotas de «Os Malucos do Riso». Quanto aos da TVI, teriam embarcado ou não para as sensualidades tendencialmente adultas de «A Ilha da Tentação», e isso era lá

capaz de dizer para a reportagem que é aquela vida. Que aceitam porque, como ele disse, «não tiveram a chance de ser formados». Felizmente que, ainda segundo ele, «Deus ou a natureza deixou ali os caranguejos para o homem sobreviver». Em todo o caso, era claro que por debaixo destas palavras resignadas estava a óbvia consciência de que, para outros homens, a natureza ou Deus deixaram coisas bem melhor que caranguejos alojados no lodo amazónico. Ou talvez nem Deus nem a natureza.

Por limitado proveito

As excelentes imagens da reportagem mostraram-nos o que é aquele trabalho. E um dos caranguejeiros explicou: «É um trabalho que deixa defeito na gente, dor na espinha, frialdade, tuberculose.» Por mim, ao olhar a imagem de um trabalhador agarrando-se com uma das mãos a troncos de árvores alongados sobre o lodo e mergulhando o outro braço até a axila na busca cega do caranguejo só pelo tacto, percebi que imagens daquelas é que me cortam a respiração, não as dos conflitos de faz-de-conta nas telenovelas brasileiras onde se entrecruzam ciúmeiras e outras invejas. E até julguei perceber mais: que os espectadores que na TV se alimentam de emoções e sobressaltos, colhidos nos enredos telenovelistas ou nos «critérios jornalísticos» dos telenoticiários, bem poderiam emocionar-se perante reportagens como esta, feitas com as câmaras assestadas para a interminável telenovela da vida agreste dos que trabalham em condições terríveis e só pelo limitado proveito de se poderem manter sobrevivendo por mais uns tempos, não muitos. Assim eles quissem ter a coragem de se manterem solidários, ao menos pelo olhar, com os que «não tiveram uma chance de ser formados». E assim as estações de TV lhes permitissem facilmente a oportunidade de terem essa coragem.

Na ilha de Marajó também há crianças, como é natural. Vimo-las: crianças com lindas caras que, receio-o, não vão ficar lindas por muito tempo: a dureza das vidas que as esperam há-de enrugá-las depressa, e depois virão a precoce dor na espinha, as frialdades, talvez a tuberculose. Por agora, vão à escola e já aprendem lá como distinguir os caranguejos machos dos caranguejos fêmeas, sabedoria básica porque só é permitida por lei a apanha dos machos. É o primeiro passo de um trajecto que será breve e muito agreste. A menos que alguma coisa de decisivo entretanto se altere. Repito: a menos que alguma coisa de decisivo se altere. E, também neste caso, estas são palavras onde reside toda a esperança de biliões de homens e mulheres no mundo inteiro.

A talhe de foice

• Anabela Fino

Os impérios também se abatem

A responsabilidade dos EUA no genocídio de meio milhão de pessoas, na Indonésia, estão agora disponíveis na Internet.

Os acontecimentos remontam aos anos 60 e ocupam 800 páginas oficiais que ilustram a dimensão da barbárie. A sua divulgação não estava prevista. Ao que parece, tanto a CIA como o Departamento de Estado preferiam que a história ficasse para sempre enterrada nos ficheiros secretos que é suposto não virem ao conhecimento do público.

Não foi assim. Por um qualquer erro burocrático, a Imprensa Nacional norte-americana pôs à distância de um clique o que muitos sabiam e uns quantos preferiam ignorar, de forma a que ninguém possa agora afirmar desconhecer.

Foi em 1965, quando os EUA se conluíram com os sectores mais reaccionários da Indonésia para afastar do poder o presidente Sukarno, o fundador da nação. O resultado foi a ascensão de Suharto ao poder e a instauração de uma ditadura que durou 32 anos.

Falar de banho de sangue é dizer muito pouco do que então aconteceu. A própria CIA revela nos seus documentos alguma dificuldade em exprimir a enormidade da caça às bruxas que patrocinou: «Em termos de número de mortos, os massacres anti-PKI [Partido Comunista da Indonésia, apoiante de Sukarno] figuram entre os piores assassinatos em massa do século XX.»

A matança foi de tal monta que os carneiros de Washington em serviço na Indonésia sentiram necessidade de ocultar o número de vítimas. É o que afirma o então embaixador Marshall Green, numa informação datada de 15 de Abril de 1966 e recentemente citada pelo diário francês Le Monde: «Não sabemos se o número exacto [de comunistas mortos] está mais próximo dos 100 mil ou do milhão, mas achamos que é mais sensato admitir o número mais baixo, sobretudo face à imprensa.»

Outro diplomata, Richard Cabot Howland, propôs que se ficasse pelo número oficial de 105 mil mortos, para não manchar (!!!) a imagem de Suharto.

A documentação agora vinda a público não deixa dúvidas sobre o envolvimento de Washington no golpe de Estado que levou à ditadura militar: a par do treino, armamento e dinheiro dado aos militares e a grupos terroristas (como o tenebroso Kap-Gestapu), a embaixada norte-americana forneceu ainda a lista de dirigentes do PKI que foram abatidos, juntamente com toda a família.

Meio milhão de pessoas foi chacinada. Milhares de outras foram presas e condenadas à morte lenta em décadas de prisão. Os cães de fila do capitalismo não se limitaram a fechar os olhos. Houve até quem aplaudisse. Na época, a circumspecta revista Time não resistiu a aclamar esta «vitória da democracia», classificando os acontecimentos na Indonésia como «as melhores notícias da Ásia para o Ocidente dos últimos anos».

A linguagem hoje mudou. A defesa dos direitos humanos está na ordem do dia e serve de pretexto a todas as intervenções, armadas ou outras, seja no Iraque ou em Cuba, na Sérvia ou no Médio Oriente. Mas para o imperialismo, um bom comunista continua a ser um comunista morto. E comunistas são todos os que não se submetem aos seus desígnios. Terrível história esta, em que o criminoso dita a lei.

Mas é sabido que não há crimes perfeitos.

Os impérios caem, os povos permanecem.

E há sempre alguém que resiste. É isso que faz tremer os senhores do mundo: não são eternos.

Falências esquecem trabalhadores

Governo deve intervir

Os trabalhadores da empresa Confelis, Tecidos Confeções, sediada em Almada, estão em luta pelo pagamento dos salários em atraso e pelo respeito integral dos seus direitos. Em Guimarães, há fortes indícios de corrupção nos processos de liquidação.

Reunidos em plenário na passada semana, os trabalhadores acusam a administração de ter agravado ainda mais a situação laboral e da própria empresa. Segundo denunciavam, aos salários em dívida acrescem agora as remunerações relativas ao mês de Julho igualmente por pagar, recusando-se os responsáveis da empresa a prestar quaisquer esclarecimentos sobre o futuro apesar dos pedidos de reunião.

O plenário renovou a exigência «mais que legítima», do pagamento dos salários em atraso referentes aos meses de Junho e Julho, bem como de 50 por cento do subsídio de férias e insiste na necessidade de serem prestadas informações sobre e situação real da unidade fabril.

Neste sentido, os trabalhadores vão contactar individualmente os sócios gerentes da empresa, tendo já solicitado a

intervenção da Inspeção Geral do Trabalho.

Foram igualmente solicitadas audiências com carácter de urgência aos ministros do Trabalho e da Solidariedade e da Economia com o objectivo de pedir a intervenção do Governo de forma a que seja garantidos os direitos fundamentais dos trabalhadores.

Entretanto, para o próximo dia 13 deste mês está marcado um novo plenário para analisar os novos desenvolvimentos, designadamente no que toca ao processo de falência a decorrer no 1.º Juízo do Tribunal do Comércio de Lisboa.

Liquidação causa revolta

Os cerca de 70 ex-trabalhadores e seus familiares da empresa José da Silva Castro & Filhos afirmam-se dispostos a «combater a mafia que se instalou à volta da liquidação do património das empresas e que envolve leiloeiras e liquidatários judiciais».

Numa nota em que anunciavam para ontem, quarta-feira, uma concentração junto às instalações da referida empresa de Guimarães, os trabalhadores expressam a sua «fúria» face à decisão da Comissão de Credores e do Liquidatário judicial que «pela calada» venderam todo o património móvel por 10 mil contos» quando, afirmam, este «vale a 60 mil», valor pelo qual aqueles bens «foram recomprados de imediato».

Recorde-se que a empresa encerrou a laboração no dia 30 de Abril de 2001 devido a salários em atraso e foi declarada falida pelo Tribunal Judicial de Guimarães, no passado dia 7 de Junho, com dívidas acumuladas superiores a 400 mil contos.

Os trabalhadores da Confelis exigem que os seus direitos sejam respeitados

Transportes param no Porto

Os trabalhadores dos Transportes Colectivos do Porto (STCP) tinham marcada para ontem, quarta-feira, uma paralisação entre as 9 e as 15 horas, para discutirem em plenário o acordo de princípio assinado pelo Sindicato Nacional dos Motoristas com a administração da STCP e que envolve matérias salariais e suplementos específicos para a classe.

A administração da empresa já está a aplicar a parte do acordo que se refere aos salários, cujos aumentos variam

entre quatro por cento na tabela e cinco por cento de remuneração global (incluindo suplementos).

O acordo contempla ainda uma base de entendimento sobre a inclusão no horário dos 15 minutos necessários a cada motorista (enquanto agente único) para prestação de contas no fim do turno e um suplemento para o trabalho ao domingo.

Por seu turno, o Sindicato dos Transportes Rodoviários Urbanos do Norte (STRUN/CGTP-IN), que representa

cerca de 350 motoristas da STCP, não subscreveu este acordo de princípio, por discordar de matérias nele contidas, mas vai estar representado no plenário, segundo disse à agência Lusa Manuel Alves, dirigente do STRUN.

O plenário deverá ainda ser aproveitado para a discussão de outros temas que estão a gerar polémica na empresa, nomeadamente a recente decisão da administração de suspender a centenas de motoristas as férias marcadas para Agosto.

SJ contra discriminação

O Sindicato dos Jornalistas apelou, na passada terça-feira, aos outros clubes para que renunciem a quaisquer formas de discriminação no acesso dos jornalistas às fontes de informação. Este apelo vem a propósito da determinação do Sport Lisboa e Benfica e da respectiva sociedade anónima desportiva de impor medidas de

excepção às equipas de reportagem da SIC, procedimento ilegal em qualquer circunstância, mesmo em caso de contencioso entre as empresas de comunicação e os clubes.

As medidas adoptadas pelo clube não visam, segundo consta, impedir a cobertura dos jogos pela estação, mas sim a «cobertura jorna-

lística dos treinos e os habituais briefings com a imprensa» que, segundo o SJ, «preenchem as situações previstas na lei (Estatuto do Jornalista) no que diz respeito às garantias de acesso dos jornalistas aos locais que, embora não acessíveis ao público, sejam abertos à generalidade da comunicação social».

PCP lamenta morte de Jorge Amado

A morte de Jorge Amado, na passada segunda-feira, representa o «triste desaparecimento de um escritor e intelectual brasileiro que, pelo valor artístico e dimensão humanista das suas obras e pela sua intervenção em muitos combates progressistas do século XX, merece ficar como uma grande referência artística e intelectual da língua portuguesa e da sua projecção universal», considerou Vítor Dias, membro da Comissão Política do Comité Central do PCP, reagindo ao falecimento do escritor brasileiro.

Notando que embora «haja hoje a tendência para desvalorizar estes aspectos», o dirigente comunista sublinhou ser «de inteira justiça e pertinência evocar o papel que as suas obras desempenharam para a formação democrática e consciência política progressista de várias gerações».

festa
25
ANO
1976-2001

EP – Entrada permanente na Festa à venda nos Centros de Trabalho



5 603 199 000445 0 122 1